

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

ELIANA FÁTIMA DE ALMEIDA REIS

**ESCOLA E SEXUALIDADES  
DIFERENTES CONCEPÇÕES / MUITOS DESAFIOS**

Niterói, RJ  
Junho/2009

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ELIANA FÁTIMA DE ALMEIDA REIS

ESCOLA E SEXUALIDADES  
DIFERENTES CONCEPÇÕES / MUITOS DESAFIOS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF) como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> MARY RANGEL

Niterói, RJ  
Junho/2009

À minha mãe que, como estrela  
guia (origem e luz), me ilumina e  
me inspira.

## AGRADECIMENTOS

Este não foi um trabalho isolado. Muitos foram aqueles que, com seus olhares, vozes e gestos contribuíram para a sua realização. Sendo assim, agradeço-lhes carinhosamente, dedicando-lhes as palavras de Cecília Meireles.

*“Dize”:*

*O Vento do meu espírito*

*Soprou sobre a vida.*

*E tudo que era efêmero se desfez.*

*E ficaste só tu, que és eterno...*

São eternos para mim:

... meus pais, Joaquim e Ladyr, pelos exemplos de vida e pelo dom da vida;

... meus filhos, Fernando, Luiz Felipe e Jordana, pelo carinho, cumplicidade e por me permitirem conhecer o verdadeiro sentido das palavras amar e cuidar;

... Luiz Fernando, com quem compartilho minha vida e minhas conquistas e, ainda, pela serenidade e segurança que transmite;

... minha amiga, Franciana, um anjo que esteve ao meu lado nesses últimos dois anos, com quem eu cresci muito e compartilhei minhas dúvidas e descobertas, minhas dores e alegrias, meus ânimos e desânimos. Com certeza, as viagens não seriam tão agradáveis se eu não pudesse contar com a sua companhia;

... Giane Elisa e Solange Tavares, grandes companheiras de viagens, almoços e trabalhos, entre o cansaço e a determinação nas idas e vindas a Niterói;

... Fernanda, Verônica, Carla, Janete, Cândida e Wagner, colegas do campo do Cotidiano, pela “força” no início dessa caminhada;

... os colegas de trabalho da Escola Municipal Professora Marlene Barros;

... Celinha, minha “eterna diretora” e Rita de Cássia Passarella, amigas que sempre acreditaram em meu trabalho e me incentivaram;

... alunos, professores e direção da escola pesquisada, pela oportunidade, apoio e participação;

... minha irmã Tida, pela boa vontade e presteza na digitação de meus trabalhos, pelo carinho e disponibilidade sempre;

... a Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, pela licença concedida, facilitando a realização deste trabalho;

... o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, pela oportunidade de inúmeras e riquíssimas trocas de experiências;

... minha orientadora, Mary Rangel, por confiar em meu trabalho;

... Professora Valdelúcia Alves da Costa, pela delicadeza ao aceitar o convite para compor as bancas de exame de projeto e de defesa desta dissertação e pelas importantes contribuições;

... Professor Anderson Ferrari, pelo aceite do convite para fazer parte das bancas de exame de projeto e de defesa dessa dissertação, pelas dicas, seriedade, competência, sensibilidade e respeito.

... os professores dos diferentes campos de confluência do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense, dos quais me orgulho de ter sido aluna, em especial, Professora Clarice Nunes, Professora Célia Frazão Linhares e Professor João Batista Bastos;

... a colega coordenadora e professora da Secretaria de Educação de Juiz de Fora, Denise Vieira Franco, pelas dicas e atenção a mim dispensadas quando o curso de mestrado era só um sonho, uma possibilidade, e,

ainda, por permitir que eu utilizasse algumas de suas palavras nos agradecimentos deste trabalho;

... enfim, todos aqueles que participam da minha vida e que, com certeza, contribuem para meu crescimento e para minha felicidade.

Chegamos nus ao mundo, mas logo somos adornados não apenas com roupas, mas com a roupagem metafórica dos códigos morais, dos tabus, das proibições e dos sistemas de valores que unem a disciplina aos desejos, a polidez ao policiamento.

(Roy Porter)

## **Escola e Sexualidades: Diferentes Concepções / Muitos Desafios**

Autora: **REIS**, Eliana Fátima de Almeida.

Orientadora: Mary Rangel.

Data da defesa: 09 de junho de 2009.

(Escola e Sexualidades: Diferentes concepções / Muitos desafios)

Campo de Confluência: Estudos do Cotidiano e Educação Popular.

**REIS**, Eliana Fátima de Almeida. *Escola e sexualidades: diferentes concepções / muitos desafios*. Orientadora: Mary Rangel. Niterói – RJ / UFF, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). 130 páginas.

### **RESUMO**

O presente trabalho busca identificar os principais desafios enfrentados pelos professores no trabalho de educação sexual no âmbito escolar e quais são as expectativas e interesses dos adolescentes em relação à sexualidade. Para alcançarmos nossos objetivos, tomamos como sujeitos desta pesquisa dois grupos distintos: um, formado por professores dos anos finais do ensino fundamental e outro, composto por dezenove estudantes do nono ano do ensino fundamental, ambos de uma escola municipal de Juiz de Fora – MG. Foram utilizados como métodos de pesquisa a observação livre, questionários e entrevistas coletivas. Apresentamos um breve histórico sobre a educação sexual no Brasil desde o início do século XX e as transformações ocorridas até os dias de hoje, influenciadas por questões políticas, sociais, pela medicina, pela Igreja e pelas políticas educacionais, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que instituíram a Orientação Sexual como um dos temas transversais. Abordamos, ainda, características da adolescência baseadas na teoria psicanalítica e temas de interesse dos jovens nessa fase no que tange a sexualidade, além da formação dos professores no que concerne a abordagem da educação sexual na prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação, Sexualidade, Desafios.

## **ABSTRACT**

This work is aimed at identifying the approaches to sex education within the school environment, understanding the way educators have dealt with the topic and mapping the expectations and interests of the teenagers towards sexuality. In order to achieve these goals, two groups were formed: one made of primary school teachers and one made of nineteen pupils from the ninth year of primary school, both groups from the same municipal school in Juiz de Fora, in Minas Gerais. As for the methodology, free observation, questionnaires and group interviews. A brief record on sex education in Brazil from 20th century on is presented, together with the social changes that have taken place to this day, influenced by political and social matters, by medicine, religion and by educational policies, such as the National Curriculum Parameters, which have established Sex Education as one of their cross-curricular topics. Teenage characteristics and topics of interest as regards sexuality are also approached, besides the teachers' formation concerning the approach to sex education in their praxis.

Key words: Education. Sexuality. Challenges.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sua a escola desenvolve algum programa específico de orientação sexual? .....	29
Gráfico 2 – Sexo dos entrevistados.....	32
Gráfico 3 – Idade dos entrevistados.....	32
Gráfico 4 – Você acha importante a orientação sexual na escola? .....	34
Gráfico 5 – Você se sente à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade? .....	34
Gráfico 6 – Fontes de informação sobre sexualidade mais procuradas pelos jovens. ....	35
Gráfico 7 – A informação que o jovem tem sobre sexualidade, é considerada por ele. ....	36
Gráfico 8 – Você conhece a abordagem da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais?.....	53
Gráfico 9 – Com quem você conversa sobre sexualidade? .....	77
Gráfico 10 – Que opiniões são levadas em conta pelos jovens ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?.....	78
Gráfico 11 – Assuntos que despertam maior interesse e/ou mais dúvidas aos jovens em relação à sexualidade.....	84
Gráfico 12 - Você recebeu orientação sexual na escola? .....	101
Gráfico 13 – Você se sente à vontade para tratar questões ligadas sexualidade com os seus alunos?.....	101
Gráfico 14 – Você consegue desenvolver esse tema em sua disciplina? .....	102
Gráfico 15 – A educação sexual é necessária na escola? .....	103
Gráfico 16 – Quais são as maiores dificuldades para desenvolver um trabalho de orientação sexual na escola? .....	104
Gráfico 17 – Quem é o profissional mais indicado para trabalhar com a temática sexualidade dentro da escola? .....	105
Gráfico 18 – Quais os temas que devem ser trabalhados na escola em orientação sexual? .....	108
Gráfico 19 – Quais são os maiores desafios para desenvolver um trabalho com orientação sexual na escola? .....	112

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	16
2. CAMINHOS METODOLÓGICOS .....	20
2.1. Caracterização da escola .....	22
2.2. Procedimentos adotados para realização da pesquisa .....	23
2.3. Os sujeitos da pesquisa.....	23
2.4. Sobre os questionários .....	24
2.5. Sobre a observação livre .....	30
2.6. Sobre as entrevistas coletivas com os alunos .....	31
3. EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL – AVANÇOS E RECUOS .....	38
3.1. A sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais .....	49
3.2. Educação Sexual ou Orientação Sexual?.....	54
4. ESCOLA E SEXUALIDADE: DIFERENTES CONCEPÇÕES.....	58
4.1. Concepção médico-biologista .....	58
4.2. Concepção normativo-institucional .....	59
4.3. Concepção consumista e quantitativo pós-moderna .....	60
4.4. Concepção terapêutica .....	61
4.5. Concepção moral-tradicionalista.....	61
4.6. Concepção religiosa radical.....	62
4.7. Concepção dos Direitos Humanos .....	62
4.8. Concepção baseada nos Direitos Sexuais .....	62
4.9. Concepção “queer” .....	65
4.10. Concepção emancipatória.....	65
4.11. Concepção tradicional -comportamentalista.....	66
4.12. Concepção ambiental.....	67
5. SEXUALIDADE NO ÂMBITO DA PSICANÁLISE .....	68

6. CONVERSANDO SOBRE ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE .....	74
7. SEXUALIDADE: CURIOSIDADES, VIVÊNCIAS E DESAFIOS DOS ADOLESCENTES .....	84
7.1. Mitos e tabus da sexualidade humana .....	86
7.2. Gravidez na adolescência, aborto, DST/Aids, métodos contraceptivos.....	90
7.3. Tipos de relacionamento: Namorar e/ou Ficar? .....	95
7.4. Violência sexual.....	96
8. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: MUITOS DESAFIOS.....	99
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS.....	118
ANEXOS .....	122

## APRESENTAÇÃO

não quero faca, nem queijo.  
Quero fome.

Adélia Prado<sup>1</sup>

A epígrafe traduz em parte nosso sentimento na trajetória acadêmica ao ser interpretada à luz da pedagogia, conforme o fez Rubem Alves<sup>2</sup>.

O comer não começa com o queijo. O comer começa na fome de comer queijo. Se não tenho fome é inútil ter queijo. Mas se tenho fome de queijo e não tenho queijo, eu dou um jeito de arranjar um queijo. (...)

Para entrar numa escola, alunos e professores deveriam passar por uma cozinha. Os cozinheiros bem que podem dar lições aos professores. Foi na cozinha que a Babette e a Tita realizaram suas feitiçarias. Se vocês, por acaso, ainda não as conhecem, tratem de conhecê-las:

A Babette, no filme *A Festa de Babette*<sup>3</sup> e Tita, no filme *Como água para chocolate*<sup>4</sup>. Babette e Tita, feiticeiras, sabiam que os banquetes não se iniciam com a comida que se serve. Eles se iniciam com a fome. A verdadeira cozinheira é aquela que sabe a arte de produzir fome (...)

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto do latim, *afettare*, quer dizer, ir atrás (...)

A cabeça não pensa aquilo que o coração não pede. Anote isso: conhecimentos não nascidos do desejo são como uma cozinha maravilhosa na casa de um homem que sofre de anorexia. Homem sem fome: o fogão nunca será aceso; o banquete nunca será servido. A tarefa do professor é a mesma da cozinheira: antes de dar a faca e o queijo, provocar a fome... (ALVES<sup>5</sup>, 2007, p. 19 – 23)

Foi a nossa “fome” de aprender, “fome” de pesquisa, “fome” de respostas, “fome” de trabalhar por uma escola que ofereça educação de qualidade para todos, que nos instigou a percorrer os caminhos teóricos e metodológicos deste trabalho. Fome, no sentido de busca, é a mola impulsora de nossa pesquisa no Curso de Mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense.

<sup>1</sup> PRADO, Adélia. Tempo. IN: \_\_\_\_\_. **Poesia Reunida**. São Paulo: Editora Siciliano, 1996, p. 155.

<sup>2</sup> Rubem Alves, educador, escritor, psicanalista, doutor em filosofia pela Universidade de Princeton (EUA) e professor emérito da Unicamp – Campinas – SP.

<sup>3</sup> **A festa de Babette**. Drama. Direção e roteiro: Gabriel Axel. Dinamarca, 1987.

<sup>4</sup> **Como água para chocolate**. Drama. Direção: Alfonso Arau. Roteiro: Laura Esquivel, baseado em livro de sua autoria. México, 1992.

<sup>5</sup> ALVES, Rubem. Receita para comer queijo. IN: **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. São Paulo: Editora Modelo, 2007.

Embora tenha sido transformado em projeto somente no ano de 2006, este trabalho, nascido de nosso desejo, de nossa fome de afeto (de *affettare*), reflete parte de nossas alegrias, dúvidas, anseios, erros e acertos vivenciados no cotidiano escolar no que se refere às questões ligadas à sexualidade dos alunos e à orientação dos professores no desenvolvimento de trabalhos com esse tema. Reflete também nossa busca e nossa crença de que a formação continuada do profissional de educação é um dos fatores que contribuem para a melhoria na qualidade do ensino, pois, segundo Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da autonomia*, “faz parte da natureza da prática docente, a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.” (FREIRE, 1997, p. 32).

Sempre tivemos experiências muito boas em relação à escola, lembranças muito prazerosas desde o tempo do jardim da infância, primário e ginásio cursados em grupos escolares estaduais da cidade de Juiz de Fora – MG, na década de 1970. Tais lembranças nos influenciaram positivamente na escolha de nossa profissão. Queríamos ser professora.

Em 1981 concluímos o curso de magistério na Escola Normal de Juiz de Fora, motivo de orgulho para um pai, que estudara até a 2ª série primária e considerava muito chique ter uma filha com diploma de professora primária.

Em 1985, concluímos, na Faculdade de Educação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, o curso de Pedagogia e, em 1987, o curso de especialização em Psicopedagogia na mesma instituição.

Iniciamos nosso trabalho como coordenadora pedagógica em 1988 em escolas municipais rurais de Juiz de Fora, função que exercemos até hoje. Paralelamente, atuamos por dez anos como professora regente das séries iniciais do ensino fundamental em uma instituição particular de ensino na mesma cidade. Mais tarde, em 1990, motivados pelo desafio de coordenar o trabalho de uma equipe maior na escola, cursamos e concluímos a especialização em Gerência de Recursos Humanos.

Em 1992, atendendo ao pedido da direção da escola, aceitamos o desafio de elaborar, orientar e implementar, junto aos professores das escolas em que trabalhamos, projetos de educação sexual para jovens do ensino fundamental.

Referimo-nos a esse trabalho na escola como um desafio, devido à complexidade de sua implementação nas escolas, principalmente numa época em que encontrávamos uma certa resistência por parte das famílias e de alguns professores no desenvolvimento desse trabalho. Sempre lutamos pela manutenção de tais projetos por acreditarmos que a sexualidade é uma construção sócio-cultural e a escola torna-se um espaço privilegiado para esse tipo de trabalho a partir das interações que nela acontecem.

Dedicamo-nos ao aprofundamento teórico sobre sexualidade através de leituras específicas, participação em cursos, oficinas, palestras e grupos de estudos que abordam esse tema ao longo dos últimos anos e mais recentemente, aos estudos e pesquisas bibliográfica e empírica realizadas no curso de Mestrado, atividades infinitamente enriquecedoras no que tange a nosso crescimento pessoal, intelectual, sobretudo pelas relações interpessoais que elas propiciaram.

## 1. INTRODUÇÃO

No atual momento histórico, os educadores se deparam com exigências, expectativas e desafios dentro da escola, para os quais, as vezes, não estão preparados. Num contexto de buscas e questionamentos constantes dos profissionais da educação, a Educação Sexual é transformada em um elemento curricular, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), , cabendo cada vez mais à escola a tarefa de trabalhar as questões relativas à sexualidade de crianças e jovens.

Atuando como coordenadora pedagógica de escolas municipais de Ensino Fundamental, em parceria com os professores e enfrentando desafios, elaboramos, orientamos e desenvolvemos projetos<sup>6</sup> que abordam o tema sexualidade. Nessa nossa atuação fomos compreendendo que, na escola, as relações sociais e humanas vão se estabelecendo, pois uma escola é muito mais do que salas, prédio, mobiliário, papéis, provas, alunos e professores, uma escola é fruto das relações que nela se dão, é fruto de emoções.

Conscientes de sua responsabilidade social e educativa, há uma preocupação por parte de algumas escolas com a inclusão da temática sexualidade em seu currículo, uma vez que a escola é atravessada pelas concepções e formas de sexualidade da sociedade na qual está inserida. Portanto, “parece impossível separar a escola, que é uma instituição social, das formas sociais e culturais de vivermos e construirmos nossas identidades de gênero e identidades sexuais” (LOURO, 1998, p.88).

---

<sup>6</sup> Projeto de Educação Sexual na Escola: Escola Municipal Profª Maria das Dores Dias Lizardo – Juiz de Fora/MG – 1992-1993.

Projeto de Educação Sexual: Escola Municipal Profª Marlene Barros – Juiz de Fora/MG - 1995-1996.  
Projeto “Escola nos Trilhos”: Escola Municipal Profª Marlene Barros – Juiz de Fora/MG – 1999.

A inclusão desse tema na escola sempre gerou polêmica, trazendo à tona divergências quanto a procedimentos e limitações. Em diferentes momentos históricos e sociais, a forma como a sexualidade é abordada na escola e os seus objetivos variam, conforme relataremos no capítulo sobre os avanços e recuos da educação sexual no Brasil.

Acreditamos que quanto mais nós, educadores, conhecermos e compreendermos a sexualidade humana, maior será a nossa capacidade de interagirmos com nossos alunos, auxiliando-os nas desafiadoras questões que se apresentam em seu cotidiano. O debate sobre sexualidade é um debate sobre valores, normas sociais e cultura e busca compreender as versões individuais que temos de um tema que também é social.

Assim, este trabalho tem como objetivos:

- *Identificar os principais desafios enfrentados por professores no que tange o trabalho com a temática sexualidade no âmbito escolar;*
- *Identificar as expectativas dos alunos dos anos finais do ensino fundamental em relação à educação sexual no espaço escolar.*

Elegemos como lócus de investigação uma escola da rede municipal de Juiz de Fora. Para tal, estabelecemos como questões orientadoras:

- Como os professores lidam com as manifestações de sexualidade dos adolescentes?
- Quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores no que se refere ao trabalho com a temática sexualidade no cotidiano escolar?
- Que expectativas têm os jovens em relação à educação sexual no espaço escolar?
- Que concepções de sexualidade estão presentes no universo escolar?

Na construção de nossos objetivos, procedemos, inicialmente, a uma pesquisa bibliográfica. A entrada em campo trouxe a necessidade de aprofundar tal pesquisa a fim de não limitarmos nossas conclusões. Através da leitura de livros, artigos e outras produções acadêmicas, pudemos estudar e conhecer as principais ideias de diversos pesquisadores e autores, dentre eles, Louro, Furlani, Nunes, Silva, Vidal entre outros autores.

Faremos a exposição de uma linha de pensamento que muito nos auxiliou na compreensão das manifestações de sexualidade em nossa sociedade: a Psicanálise de Sigmund Freud, considerando a importância de seus construtos e pioneirismo para se discutir e entender a sexualidade. Embora não seja nossa intenção aceitar como única verdade a medicalização do sexo proposta pela teoria psicanalítica, consideramos o fato de ter sido Freud o primeiro a anunciar que a sexualidade humana não surge de forma abrupta na adolescência, que são várias as fases pelas quais passamos desde a infância até nos tornarmos adultos. Expõe como essas fases podem nos influenciar e também, como o adolescente pode ser influenciado pelos estímulos vindos do meio social e fragilizado por um desequilíbrio psicoafetivo e cultural, pelos lutos e perdas que marcam este período.

A leitura, aliada à troca de experiência com os professores, as respostas dos questionários de professores e alunos, a observação livre e as entrevistas com os alunos e professores, propiciou-nos a oportunidade de uma rica vivência no contexto pesquisado, fornecendo-nos importantes dados e contribuições para nossa pesquisa.

Iniciamos este trabalho pela apresentação da metodologia utilizada na pesquisa de campo, sob o título de “Caminhos Metodológicos”. Optamos por essa estratégia, pois julgamos importante descrever antecipadamente a forma utilizada na coleta de dados, pois os temas que afloraram a partir das respostas dadas pelos alunos e professores, seja nas entrevistas ou nos questionários, permeiam todo o nosso trabalho. Acreditamos que a clareza em relação à metodologia adotada pela pesquisadora neste trabalho, ajudará o/a leitor/a a compreendê-lo melhor. Ao longo deste trabalho, serão apresentados os gráficos que fornecem os dados obtidos após a análise das respostas dadas aos questionários aplicados aos professores e alunos.

Faremos uma breve incursão histórica na questão da educação sexual no Brasil, apresentando as principais abordagens do tema desde as primeiras décadas do século passado, seus avanços e recuos na escola e na sociedade. A influência da Igreja também é abordada nesse capítulo através do relato de suas iniciativas voltadas para a educação sexual de crianças e adolescentes e a invasão do mercado editorial brasileiro por publicações sobre esse assunto.

Ainda sobre as publicações sobre educação sexual, selecionamos alguns trechos de livros das décadas de 1960 e 1970, que retratam a repressão sexual da época e expressam com clareza que a normatização das condutas sexuais não se limitavam à Igreja e às escolas confessionais, estava presente em toda a sociedade.

Em seguida, procedemos a uma reflexão sobre as mudanças que aconteceram, ou que pelo menos deveriam ter acontecido, na educação sexual nas escolas, após a normatização, em 1998, da “Orientação Sexual” como um dos temas a ser trabalhado de forma transversal no currículo escolar a partir da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Na sequência, serão expostas algumas das diferentes concepções de sexualidade que atualmente fazem parte do universo pedagógico brasileiro, algumas com mais influência, outras com menos, de acordo com estudos de Nunes (1996), Meireles (1997) e Furlani (2005). É possível que haja outras concepções que não foram contempladas nesta pesquisa.

Abordaremos, ainda, as principais características da adolescência baseadas na teoria psicanalítica e buscamos também definir a adolescência, a partir dos autores pesquisados e de acordo com a opinião dos próprios adolescentes.

Os diversos assuntos relacionados à sexualidade que despertam dúvidas e curiosidade nos jovens e que são amplamente explorados pela mídia também serão abordados, como por exemplo, gravidez, prevenção de DST/Aids, métodos contraceptivos, aborto. Procuramos relatar as várias considerações relativas aos temas apresentados, feitas pelos adolescentes nas entrevistas coletivas, expondo o que pensam sobre tais assuntos, bem como informações por nós pesquisadas e dados sobre os mesmos.

Expomos algumas considerações pesquisadas acerca do trabalho com a educação sexual nas escolas e sobre as deficiências na formação de professores para a abordagem dessa temática na escola. Para tal, ouvimos os professores da escola pesquisada, cujos depoimentos complementam e reforçam nossa pesquisa bibliográfica.

Para finalizar, procedemos à apresentação das conclusões deste trabalho.

## 2. CAMINHOS METODOLÓGICOS

De Certeau acredita que fazer pesquisa é como

... abrir um canteiro de obras, definir um método, encontrar modelos para aplicar, descrever, comparar, diferenciar atividades de natureza subterrânea, efêmeras, frágeis e circunstanciais, em suma, procurar, tateando, elaborar uma *ciência prática do singular* (DE CERTEAU, 1996, p. 21)

Acreditando que é no cotidiano que a realidade imediata se expressa, optamos por metodologias de pesquisa que nos permitisse maior contato com os sujeitos da mesma. Por isso, em nossa pesquisa, utilizamos como estratégia metodológica a entrevista associada à observação livre<sup>7</sup>. Utilizamos também questionários com questões objetivas e dissertativas para os professores e apenas com questões objetivas para os alunos.

Embora o *questionário fechado* seja usualmente utilizado na investigação quantitativa, Triviños (2007) aponta a pertinência de seu uso também na pesquisa qualitativa.

Não poderíamos afirmar categoricamente que os instrumentos que se usam para realizar a Coleta de Dados são diferentes na pesquisa qualitativa daqueles que são empregados na investigação quantitativa. Verdadeiramente, os questionários, entrevistas, etc. são meios “neutros” que adquirem vida definida quando o pesquisador os ilumina com determinada teoria (TRIVIÑOS, 2007, p. 137).

---

<sup>7</sup> Este tipo de observação é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda. Ao contrário da observação padronizada, satisfaz as necessidades principais da pesquisa qualitativa, como, por exemplo, a relevância do sujeito, neste caso, da prática manifesta do mesmo e ausência total ou parcial, de estabelecimento de pré-categorias para compreender o fenômeno que se observa (TRIVIÑOS, 2007, p. 153-154).

Bogdan e Biklen (1994, p. 63) reforçam essa ideia de a pesquisa combinar essas duas dimensões ao afirmarem que “existem estudos que integram componentes qualitativos e quantitativos”.

O pesquisador, principalmente o iniciante como é o nosso caso, deve ter o cuidado de utilizar a estatística como um elemento auxiliar e não como instrumento fundamental da busca. Não se pode terminar o estudo onde, verdadeiramente, ele deveria começar (TRIVIÑOS, 2007).

Com cuidado para não dar ênfase aos critérios apenas quantitativos, buscamos construir um percurso metodológico que viabilizasse a reflexão e a construção de um novo olhar sobre as questões de sexualidade na escola: “um olhar científico, curioso, indagador e criativo” (GOLDENBERG, 2004, p. 11).

Ainda segundo a autora citada acima, na pesquisa em ciências sociais lidamos com emoções, valores e subjetividades. Embora tenhamos optado, entre outros, por um instrumento metodológico considerado objetivo (questionário), a coleta dos dados ocorreu após um tempo de observação e convivência com os sujeitos pesquisados. A análise dos dados nos permitirá descrevê-los, não sendo possível eliminar as emoções vividas no cotidiano escolar.

Utilizamos ainda as entrevistas coletivas<sup>8</sup>. Esse recurso, que não fora previsto inicialmente em nosso trabalho, foi utilizado após sugestão da banca examinadora do Exame de Projeto em 21 de maio de 2008, e trouxe enorme contribuição à nossa pesquisa considerando que esse tipo de entrevista “permite emergir uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a captação de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar” (GATTI, 2005, p. 9)

A utilização de todos esses recursos metodológicos, associados ao constante aprofundamento teórico e à nossa vivência na escola, permitiram-nos desenvolver esta pesquisa de maneira extremamente prazerosa e participativa.

As informações e os dados obtidos foram analisados e serão apresentados ao longo deste trabalho. As análises das respostas aos questionários também serão

---

<sup>8</sup> GATTI (2005) refere-se à entrevista coletiva como “grupo focal”.

apresentadas sob forma descritiva e através de gráficos no decorrer desta dissertação.

## **2.1. Caracterização da escola<sup>9</sup>**

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino de Juiz de Fora – MG, localizada em um bairro da zona leste da cidade. A escola atende a cerca de 500 (quinhentos) alunos entre 7 e 16 anos, provenientes em sua maioria de famílias de baixa renda, e, oferece ensino fundamental regular do 2º ao 9º ano em três turnos: manhã, tarde e noite, num total de 18 turmas.

A referida escola foi inaugurada em 31 de maio de 1993, ou seja, trata-se de uma escola relativamente nova quanto a sua rede física. Conta com sete salas de aula com capacidade para 35 alunos cada; um laboratório de informática com dez computadores, que também funciona como sala de projeção com aparelhos de DVD, TV e vídeo; uma sala de Artes; cantina; cozinha; despensa; refeitório; secretaria; sala de direção; vice-direção; coordenação e de professores, além de uma mini-biblioteca.

Na parte externa, há uma quadra poliesportiva, amplo pátio e uma pequena praça com bancos e duas mesas de ping-pong. Vale ressaltar o excelente estado de conservação e limpeza das dependências da escola, ainda que, conforme fomos informados, ela esteja sendo alvo constante de ladrões e depredadores.

Em relação aos recursos humanos, a escola conta com uma diretora, uma vice-diretora, duas coordenadoras pedagógicas, duas secretárias, duas cantineiras, duas auxiliares de serviços gerais, um zelador e cerca de quarenta professores.

A escola desenvolve projetos de artes e criação literária para alunos do 2º ao 5º ano, de dança para alunos do 6º ao 9º ano e de informática para todas as turmas.

Nossa proposta de observação e aplicação dos questionários nessa escola foi prontamente aceita pela direção da mesma e pelos professores, que tiveram muito boa vontade em contribuir com a pesquisa, não só respondendo aos questionários, como também cedendo horário em suas aulas para conversarmos com os alunos e para que eles respondessem aos questionários.

---

<sup>9</sup> Fonte: Projeto Político Pedagógico 2007 da referida escola, cujo nome foi preservado nesta pesquisa.

Devemos esclarecer que o fator motivador para escolha dessa escola para realizarmos nossa pesquisa é o fato de que fizemos parte de sua coordenação pedagógica até o ano de 2006. Após nosso afastamento, a direção da escola permaneceu a mesma, mas houve mudanças significativas no quadro de professores e pessoal de apoio, devido a licenças, transferências, término de contratos temporários e aposentadoria.

É importante ressaltar que a apresentação das características da escola tem como único propósito apresentar o contexto no qual nossa pesquisa foi realizada, não tendo sido levadas em conta na análise dos dados coletados.

## **2.2. Procedimentos adotados para realização da pesquisa**

- Contato com a direção da escola a fim de obtermos autorização para realização da pesquisa;
- visitas semanais à escola por um período de aproximadamente três meses para contato e coleta de dados com os professores, observação, aproximação dos alunos e leitura do Projeto Político Pedagógico da escola.
- aplicação dos questionários aos professores em horário cedido pela direção, em reunião pedagógica;
- aplicação dos questionários aos alunos em horário cedido pelos professores;
- entrevistas coletivas com os alunos.

Conforme combinado com a diretora, professores e alunos, a identidade dos mesmos, inclusive o nome da escola, serão preservados. Serão utilizados nomes fictícios ao longo deste trabalho todas as vezes que nos referirmos aos alunos e aos professores pesquisados.

## **2.3. Os sujeitos da pesquisa**

Tomamos como sujeitos desta pesquisa dois grupos distintos: um, formado por 13 (treze) professoras e 2 (dois) professores, que atuam no ensino fundamental, principalmente aqueles que trabalham com os anos finais; outro, formado por alunos do nono ano do ensino fundamental, totalizando 19 (dezenove) alunos, embora nem

todos estivessem presentes em todas as entrevistas, e somente 13 (treze) estavam presentes no dia da aplicação do questionário.

Quanto aos professores, não houve uma escolha prévia para que participassem da pesquisa, todos os presentes na reunião em que foram aplicados os questionários, foram convidados a participar. A reunião foi agendada pela diretora da escola. Em relação aos alunos, optamos pelo nono ano considerando o número de alunos da turma e, principalmente, a idade dos mesmos. Portanto, somente no caso dos alunos, as informações relativas à idade e sexo dos sujeitos da pesquisa mesmos foram consideradas na análise dos dados.

Procedemos, também, a uma observação do cotidiano da escola, por um período de três meses, com o objetivo de conhecermos os professores e os alunos, o que, aliado aos dados obtidos a partir dos questionários e das respostas dos alunos e professores nas entrevistas, possibilitou-nos uma abordagem qualitativo-quantitativa.

Tais dados foram utilizados no decorrer deste trabalho ora reforçando, ora se contrapondo aos dados de nossa pesquisa bibliográfica e serão apresentados através de gráficos, análise descritiva das respostas e das entrevistas.

#### **2.4. Sobre os questionários**

Como instrumento de investigação, utilizamos o questionário com 10 (dez) questões objetivas para os alunos e com 10 (dez) questões objetivas e dissertativas para os professores, que serão apresentadas a seguir<sup>10</sup>:

→ Questões aplicadas aos professores:

- 1) Você julga necessária a educação sexual na escola?
- 2) Você conhece a abordagem da educação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental?
- 3) Sua escola desenvolve algum programa específico de educação sexual?
- 4) Você consegue desenvolver esse tema em sua disciplina? Como?

---

<sup>10</sup> Apresentamos apenas as questões, os questionários completos encontram-se em anexos desta dissertação.

- 5) Você se sente à vontade para tratar questões ligadas à sexualidade com seus alunos?
- 6) Você recebeu orientação sexual na escola?  
Caso sua resposta tenha sido positiva, foi importante para você?
- 7) Quais são, na sua opinião, as maiores dificuldades para se desenvolver um trabalho de educação sexual na escola?
- 8) Ao ser trabalhada na escola, a educação sexual deveria se preocupar mais com (se necessário pode marcar mais de uma alternativa):
- ( ) Mitos e tabus acerca da sexualidade humana;
  - ( ) Informação sobre DST/AIDS e métodos anticoncepcionais;
  - ( ) Descrição da fisiologia masculina e feminina e reprodução humana;
  - ( ) Discussão acerca dos valores morais, religiosos, éticos vigentes em nossa sociedade;
  - ( ) Assuntos de interesse dos alunos, sempre trazidos por eles;
  - ( ) Integrar informação e experiências dos alunos;
  - ( ) Outro. Especificar:
- 9) Quem você acha que é o profissional mais indicado para trabalhar com a temática sexualidade dentro da escola? Por quê?
- 10) Quais os maiores desafios do trabalho com educação sexual na escola hoje?
- ( ) Despreparo dos professores;
  - ( ) Famílias ausentes;
  - ( ) Influência da religião;
  - ( ) Sentimento de auto-suficiência dos jovens, que acham que sabem tudo;
  - ( ) Dificuldade de conciliar a matéria com esse assunto;
  - ( ) Insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos;
  - ( ) Falta de tempo exclusivo para desenvolvimento de tais projetos;
  - ( ) Diversidade de opiniões e interesses dos alunos tornariam o trabalho muito longo;
  - ( ) Contemplar outras formas de manifestações e interesses sexuais existentes na escola e que muitas vezes são silenciadas;
  - ( ) Outros.

\*→ Questões aplicadas aos alunos:

- 1) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

- 2) Idade:
- entre 11 e 13 anos
  - entre 14 e 16 anos
  - 17 anos ou mais
- 3) Sua escola tem algum programa de Educação Sexual?
- 4) Você acha importante ter educação sexual na escola?
- 5) Você se sente à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade?
- 6) Com quem você conversa sobre sexualidade?
- Pais
  - Irmãos
  - Outros familiares
  - Pessoas de sua Igreja
  - Namorado(a)
  - Professores
  - Outros: \_\_\_\_\_
- 7) Além de conversar, como você se informa sobre questões relativas à sexualidade?
- Jornais                       Livros
  - Revistas                       Programas de TV
  - Igreja                           Filmes
  - Outros: \_\_\_\_\_
- 8) Você acha que a informação que você tem sobre sexualidade é:
- Pouca
  - Muita
  - Nenhuma
  - Suficiente
- 9) Que opiniões você leva mais em conta ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?
- dos amigos
  - da família
  - do(a) namorado(a)
  - de pessoas de sua Igreja

- ( ) dos meios de comunicação
- ( ) de professores
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

10) Marque, entre os assuntos abaixo relacionados, aqueles em que você tem mais dúvidas ou que gostaria de conversar mais sobre eles com alguém:

- ( ) Gravidez
- ( ) Métodos anticoncepcionais
- ( ) AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis
- ( ) Uso de camisinha
- ( ) Transformações que ocorrem no corpo do(a) adolescente
- ( ) Aborto
- ( ) Masturbação
- ( ) Homossexualidade
- ( ) Violência sexual
- ( ) Outros: \_\_\_\_\_

Os questionários foram aplicados em dia e hora marcados com a direção da escola que se encarregou de contactar os professores. Para que pudéssemos atingir um número significativo de professores de uma só vez, visto que o tempo livre do qual estes dispõem na escola é bastante limitado, participamos de uma reunião pedagógica no sábado, dia 12 de abril de 2008, no período da manhã.

É importante esclarecer que a presença dos professores nessas reuniões não é obrigatória, mas aqueles que comparecem, além de dar a sua contribuição nos planejamentos, projetos e tomada de decisões da escola, recebem uma gratificação de 8% (oito por cento) no salário de cada mês em que comparecem à reunião. Tais reuniões ocorrem mensalmente, com duas opções de horário de comparecimento, a ser escolhido pelo/a professor/a e contam com a participação de aproximadamente 85% (oitenta e cinco por cento) dos profissionais da escola.

Dos quarenta professores da escola, no dia em questão, havia 16 presentes na reunião do turno da manhã, horário combinado para aplicarmos os questionários, pois segundo a direção da escola, a maioria dos professores dos anos finais do ensino fundamental optam por esse horário.

Os questionários foram entregues a todos juntamente com a declaração de consentimento (ver anexos), tendo havido apenas uma professora que não o respondeu sem, porém, explicitar o motivo da recusa.

Todos os presentes foram orientados a enumerar, de acordo com a ordem de importância, as respostas das questões 7, 8, 9 e 10, apresentadas anteriormente neste trabalho<sup>11</sup>.

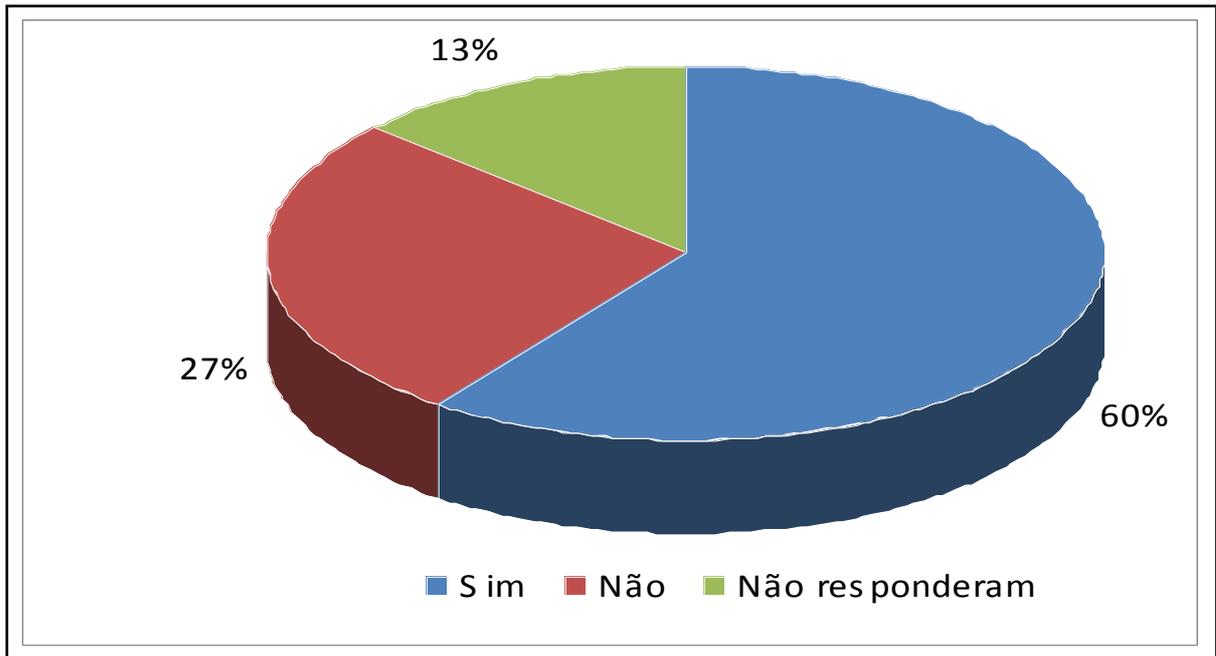
Durante o tempo em que os questionários estavam sendo respondidos, permanecemos em sala para esclarecimentos de possíveis dúvidas. Embora não tenham sido levantadas dúvidas, observamos que as pessoas conversaram entre si por alguns segundos.

Chamou-nos a atenção o fato de 4 (quatro) professores perguntarem em voz alta se a escola desenvolvia algum projeto de orientação sexual. Tal questionamento nos causou estranheza por demonstrar desconhecimento do Projeto Político Pedagógico da escola, instrumento cuja construção coletiva pressuporia ampla socialização.

Ressaltamos que tal escola não desenvolve nenhum projeto específico de educação sexual, ainda assim obtivemos resposta positiva para esta pergunta, conforme demonstra o gráfico o gráfico 1 que será apresentado a seguir. Questionados posteriormente sobre tal afirmação, alguns professores disseram que trabalham esporadicamente esse tema em suas disciplinas e se confundiram com a pergunta ao utilizarmos o termo “programa específico”.

---

<sup>11</sup> Verificar páginas 25 e 26 desta dissertação.



**Gráfico 1** – Sua a escola desenvolve algum programa específico de orientação sexual?

Quanto aos alunos, os questionários foram aplicados em 30/04/2008 e, antes de lhes entregarmos as folhas, fizemos esclarecimentos em relação à nossa pesquisa e todos se dispuseram a respondê-los. Porém, em análise posterior constatamos que 2 (dois) alunos devolveram os questionários sem marcar nenhuma das respostas, totalmente em branco.

Permanecemos em sala durante o tempo em que respondiam os questionários e observamos que houve conversas entre eles. Alguns comentavam em voz alta as suas respostas. Ao serem perguntados se tinham alguma dúvida, a fim de que pudéssemos esclarecê-la, a resposta foi negativa.

A pesquisa bibliográfica realizada previamente, nossa vivência no cotidiano de diferentes escolas, bem como o fato de a mídia estar frequentemente veiculando certos assuntos, foram considerados na elaboração das questões a serem apresentadas, como foi o caso das questões 8<sup>12</sup> (oito) e 10<sup>13</sup> (dez) dos professores e a questão 10<sup>14</sup> (dez) dos alunos. Os modelos de Consentimento Informado I e II, utilizados para professores e direção, respectivamente, bem como os modelos dos

<sup>12</sup> Questão 8 do questionário aplicado aos professores: Refere-se aos diversos temas relativos à sexualidade (DST/Aids, métodos contraceptivos, fisiologia masculina e feminina, reprodução humana, valores).

<sup>13</sup> Questão 10 do questionário aplicado aos professores: Refere-se aos desafios encontrados pelos professores para desenvolver um trabalho que aborda a sexualidade na escola.

<sup>14</sup> Questão 10 do questionário aplicado aos alunos: Refere-se aos assuntos que despertam maior interesse e dúvidas nos alunos acerca da sexualidade humana.

questionários serão apresentados em anexo, sendo: Modelo I – para os professores e Modelo II – para os alunos.

## **2.5. Sobre a observação livre**

Ao elegermos a observação livre como um dos recursos metodológicos de nossa pesquisa, apostamos na convivência com alunos e professores no cotidiano escolar para conhecermos melhor e nos aproximarmos dos sujeitos de nossa pesquisa.

Realizamos visitas semanais à escola nos meses de outubro e novembro de 2007 e fevereiro e março de 2008, totalizando pouco mais de 3 (três) meses completos.

Durante as visitas participamos de bate papos na sala dos professores em horários de entrada, às vezes durante o recreio e nas aulas vagas de um ou outro professor. Tivemos autorização aos professores para registrar algumas de suas falas durante as conversas ou, em algumas ocasiões, imediatamente após.

Quanto aos alunos, nos aproximamos destes durante os intervalos de recreio e de merenda, 15 (quinze) e 10 (dez) minutos respectivamente, conversávamos no pátio, no refeitório e corredores da escola. Às vezes, conversávamos também durante as aulas de educação física que aconteciam no pátio e na quadra

Acreditamos que o objetivo de nos aproximarmos dos sujeitos de nossa pesquisa foi alcançado devido à excelente receptividade dos alunos na sala de aula para aplicação dos questionários e realização das entrevistas. Quanto aos professores, também houve muita cooperação com nossa pesquisa no que se refere às respostas aos questionários e às aulas que nos cederam.

Esse período foi muito proveitoso se considerarmos também o fato de que pudemos conhecer um pouco mais a escola através da leitura de seu Projeto Político Pedagógico, pois este é um documento que é reavaliado e muitas vezes, modificado há cada ano.

## 2.6. Sobre as entrevistas coletivas com os alunos

No mês de agosto de 2008 retornamos à escola a fim de conversarmos com a direção sobre a possibilidade da realização de entrevistas coletivas com os alunos do 9º (nono) ano.

Recebida a autorização da direção, imediatamente providenciamos contato com as professoras<sup>15</sup> que lecionam na turma escolhida, 9º (nono) ano, para pedir que cedessem algumas de suas aulas para procedermos às entrevistas com os alunos.

A professora Antônia, primeira com a qual conversamos, concordou prontamente em ceder uma aula<sup>16</sup> por quinzena, durante o período que fosse necessário para realização da pesquisa.

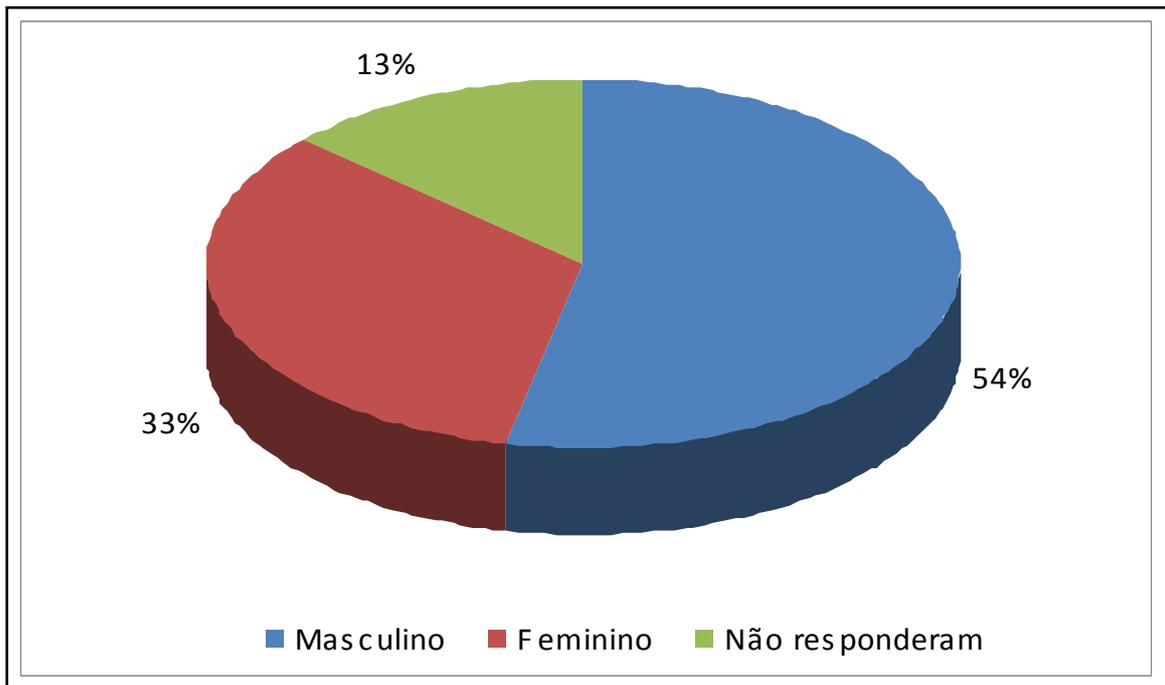
Realizamos a primeira entrevista com a turma no dia 2 (dois) de setembro de 2008. Estavam presentes apenas 13 (treze)<sup>17</sup> dos 19 (dezenove) alunos, matriculados no 9º ano, cujas idades variam entre 14 e 17 anos, sendo 5 (cinco) moças e 8 (oito) rapazes. Vejamos os gráficos com estas informações.

---

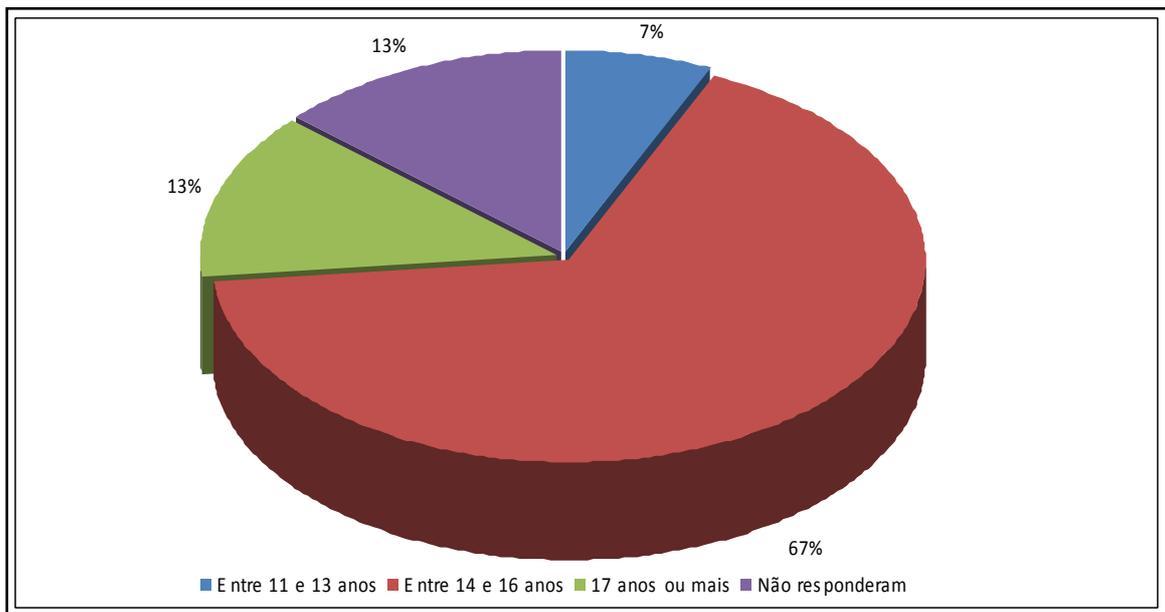
<sup>15</sup> A turma tem somente um professor e o restante são professoras. Não tivemos contato com o professor em razão de sua ausência nos dias de nossa visita à escola.

<sup>16</sup> Refere-se ao módulo-aula que corresponde a 50 (cinquenta minutos).

<sup>17</sup> Os alunos puderam optar por participar ou não da entrevista, permanecer na sala ou fazer outra atividade na mini-biblioteca da escola auxiliados pela professora, mas todos os presentes quiseram participar.



**Gráfico 2** – Sexo dos entrevistados.



**Gráfico 3** – Idade dos entrevistados

Explicamos aos alunos que as entrevistas seriam gravadas para melhor organização de nosso trabalho, mas que, em momento algum, suas identidades seriam reveladas.

Importante ressaltar que, para essa primeira entrevista, os alunos não foram avisados. Eles sabiam que iríamos retornar, mas desconheciam o teor da visita. O fato de termos tido contatos anteriores, durante o período de observação no primeiro

semestre e aplicado os questionários naquela turma, facilitou nosso retorno, propiciando uma recepção calorosa e muita colaboração por parte dos alunos.

Tivemos quatro encontros quinzenais entre os meses de setembro e outubro de 2008. No primeiro e segundo encontros, conversamos sobre questões relativas ao período de adolescência, conforme sugestão do Professor Anderson Ferrari<sup>18</sup> que por ocasião do exame de projeto, ressaltou a importância de “dar voz aos adolescentes”, e assim o fizemos.

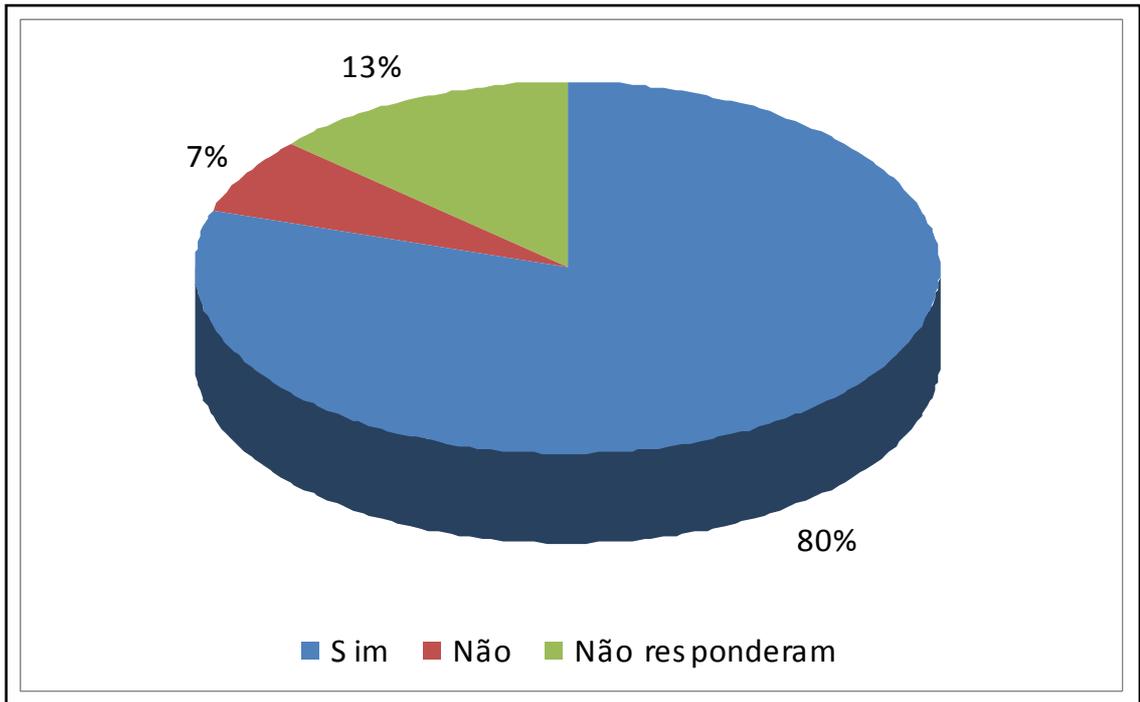
Nos demais encontros, ou seja, terceiro e quarto, enfocamos os temas apontados pelos alunos como sendo de seu maior interesse e fonte de dúvidas nas respostas dadas nos questionários aplicados anteriormente. Esses temas foram abordados a pedido dos alunos, com os quais estabelecemos uma relação muito boa. Consideramos importantes essas conversas não só pelo seu conteúdo, que era de grande interesse dos alunos, como também pelas diversas observações que nos permitiram.

A partir da análise inicial dos questionários aplicados aos alunos, fomos para estas entrevistas com algumas informações em relação à turma, no que se refere às questões ligadas à sexualidade, conforme nos revelam os gráficos a seguir.

Dos alunos que responderam ao questionário, num total de 13 (treze) alunos, 80% (oitenta por cento) considera importante a educação sexual na escola;

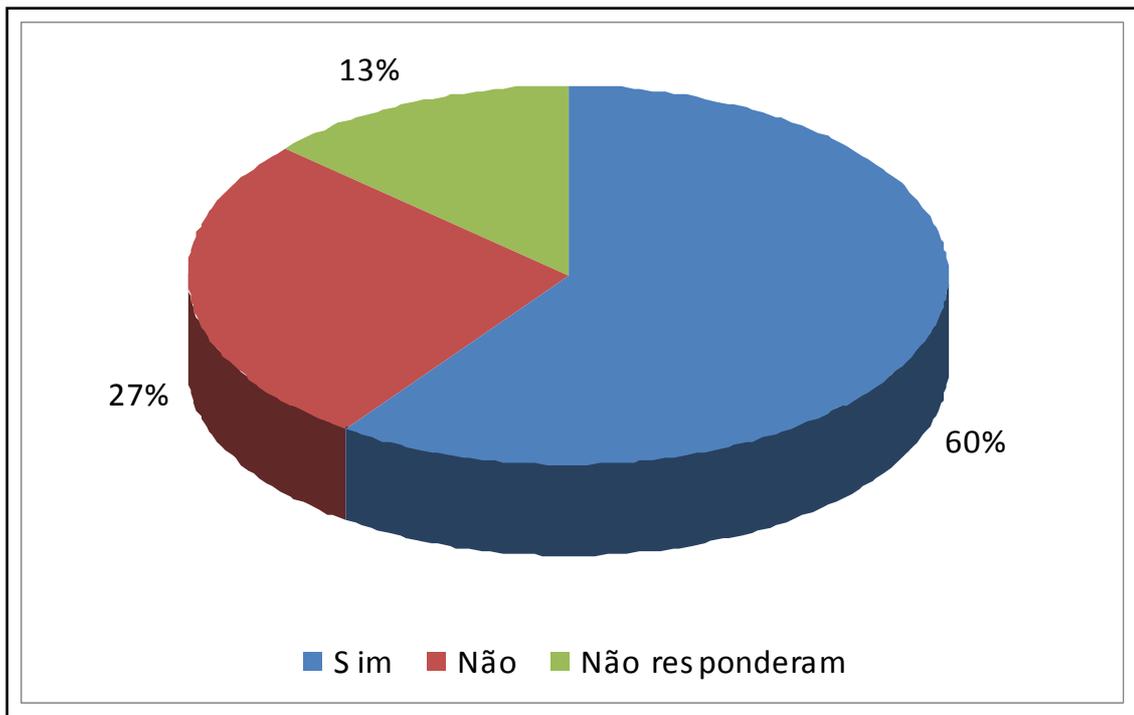
---

<sup>18</sup> Professor Doutor da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG.



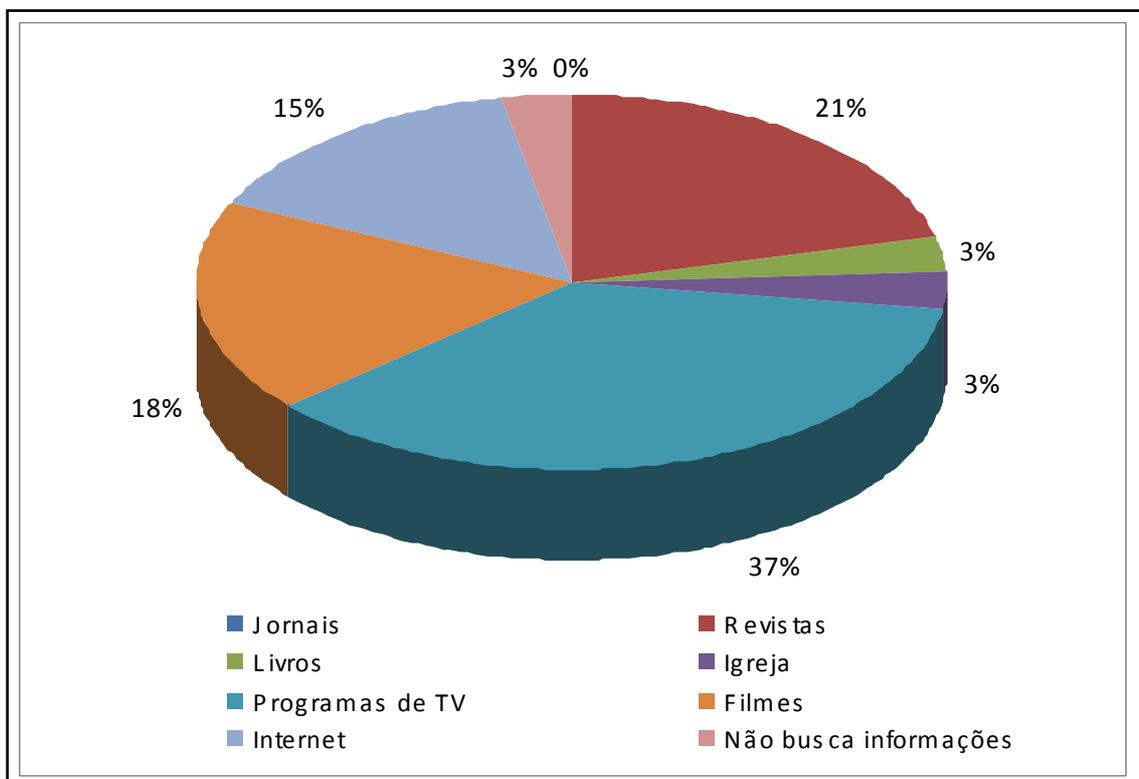
**Gráfico 4** – Você acha importante a orientação sexual na escola?

Sente-se à vontade para esclarecer dúvidas sobre sexualidade 60% (sessenta por cento) da turma;



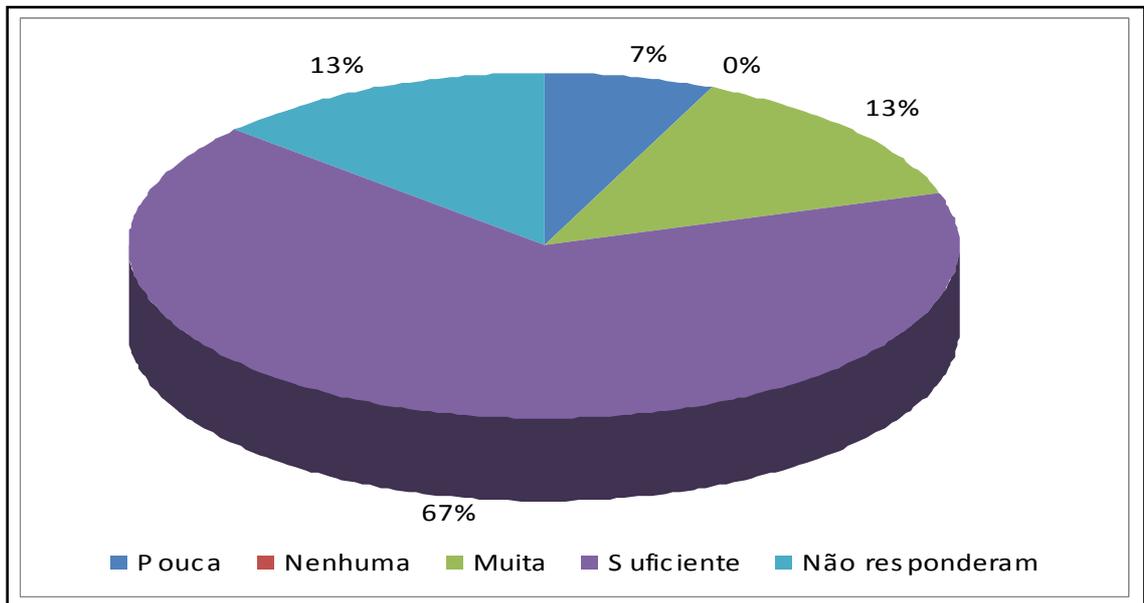
**Gráfico 5** – Você se sente à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade?

As fontes de informação sobre sexualidade mais utilizadas pelos jovens entrevistados são os programas de TV, revistas e filmes;



**Gráfico 6** – Fontes de informação sobre sexualidade mais procuradas pelos jovens.

Dos alunos que responderam ao questionário 67% (sessenta e sete por cento) consideram que têm informação suficiente sobre sexualidade;



**Gráfico 7** – A informação que o jovem tem sobre sexualidade, é considerada por ele.

As entrevistas foram coletivas, aconteceram na sala de aula, sem a presença de outro adulto<sup>19</sup>, além desta pesquisadora e cada uma durou em média 50 (cinquenta) minutos.

Registramos a seguir algumas situações e comportamentos dos alunos observados durante as entrevistas:

- Aconteceram pequenas discussões visto que as respostas e opiniões explicitadas por uns nem sempre eram compartilhadas por outros.
- Houve tentativa, por parte de alguns alunos, de persuadir outros, tentando influenciá-los em suas opiniões.
- Dois alunos permaneceram calados quase que o tempo todo e demonstravam concordância ou discordância com as respostas dos colegas, meneando a cabeça ou sorrindo.
- As moças demonstraram maior retraimento nos momentos em que o assunto girava em torno de questões de relacionamento sexual, mas suas contribuições no que se refere à adolescência, conhecimento do próprio corpo, namoro e família foram mais significativas que os rapazes.

<sup>19</sup> A professora que cedeu as aulas, bem como direção e coordenação da escola foram convidadas para permanecerem na sala de aula, mas preferiram não participar temendo a possível inibição dos alunos com a presença delas.

- Entre os rapazes houve mais brincadeiras. Eles admitiram com mais naturalidade suas dúvidas e se divertiram ao comentar situações engraçadas provocadas pelo desconhecimento de termos e palavras relativas ao sexo, à paquera e outras situações cotidianas que envolvem a sexualidade.

Foram gravadas aproximadamente um total de 4(quatro) horas de entrevistas com os alunos e cujas transcrições foram feitas no mesmo dia. Esse movimento de buscar transcrever as entrevistas no mesmo dia em que elas se deram foi feito no sentido de buscar garantir, ao máximo, a fidedignidade das informações, haja vista que nos era mais fácil lembrarmos-nos do que havia ocorrido. As transcrições foram fidedignas também à fala de cada entrevistado, não procedemos a nenhum tipo de correção.

Ao procedermos à gravação, tivemos o cuidado de verbalizar o nome de quem estava falando ou da pessoa para a qual dirigíamos a pergunta durante as entrevistas. Dessa forma, eliminamos a possibilidade de não reconhecimento de quem falava na hora de transcrevê-las, uma vez que a entrevista coletiva oportuniza a fala de mais de uma pessoa por vez. Utilizamos uma lista com os nomes e idades dos alunos presentes em cada encontro seguida de seus respectivos nomes fictícios para que a identificação fosse facilitada no momento da transcrição.

O capítulo a seguir apresenta um breve histórico da educação sexual no Brasil.

### **3. EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL – AVANÇOS E RECUOS**

A despeito de uma certa dificuldade de se encontrar fontes historiográficas sobre a educação sexual no Brasil, as pesquisas de Sayão (1997), Vidal (1998), Guimarães (1995), Nunes e Silva (2000), Barroso e Bruschini (1982), contribuem para que possamos proceder a um breve histórico da questão.

Consideramos importante esta breve incursão histórica sobre a educação sexual no Brasil para que o/a leitor/a possa compreender melhor as dificuldades de implantação de programas de educação sexual nas escolas desde o início do século passado e perceber o quanto a implantação dessa temática nas escolas brasileiras foi alvo de muita resistência.

Embora a educação sexual na escola remonte a meados do século XVIII, na França, somente no início do século XX que, no Brasil, ocorreram as primeiras tentativas de inclusão da educação sexual na escola. Para melhor compreendermos as questões ligadas à educação sexual, é importante esclarecermos que seu surgimento no país se deu num determinado momento histórico, fruto de necessidades sociais próprias daquele momento (SAYÃO, 1997).

Entre o final do século XIX e o início do século XX, o Brasil, sofreu as influências das mudanças sociais ocorridas no continente europeu após a revolução política francesa e pela revolução industrial no final do século XVIII. O novo modo de produção capitalista incentivou a migração da população rural para as cidades, formando grandes centros urbanos, o que acarretou mudanças de costumes, valores, hábitos e práticas que se coadunassem com a nova realidade que se construía baseada no modelo europeu.

As cidades receberam um grande contingente proveniente das áreas rurais sem que houvesse expansão da infra-estrutura, de empregos e de moradia, o que acarretou crescimento da pobreza. O “inchaço” das cidades, a falta de infra-estrutura e a aglomeração de pessoas em moradias coletivas e cortiços repercutiram na

saúde pública, principalmente na proliferação de doenças, entre elas, as doenças venéreas. A prostituição também foi motivo de grande preocupação nesse quadro social que se apresentava.

Nesse contexto, surgem no país preocupações em relação à educação sexual que, conforme demonstram as circunstâncias abordadas, tinha como principal foco o aspecto sanitário.

Com o objetivo de proteger a infância e a maternidade, por volta de 1920, segmentos sociais inovadores, como, por exemplo, o movimento feminista, liderado por Berta Lutz<sup>20</sup>, reivindicavam a educação sexual. Em 1928, aprovou-se, num congresso de educadores, a proposta de um programa de educação sexual em escolas para crianças acima de 11 anos que, entretanto, não conseguiu se concretizar.

Em 1930 o ensino da evolução das espécies e da educação sexual foi incluído no currículo do Colégio Batista do Rio de Janeiro pelo Professor Stawiarski. Tratava inicialmente apenas do papel feminino na reprodução das espécies, mas ao introduzir, em 1935, o estudo do comportamento sexual masculino no currículo de tal colégio, o professor foi processado judicialmente e demitido (BARROSO e BRUSCHINI, 1982).

Os estudos de Vidal (1998) mostram que, em 1933, foi fundado o Círculo Brasileiro de Educação Sexual (C.B.E.S.) no Rio de Janeiro presidido pelo médico José de Albuquerque que propunha que a educação sexual se investisse de um caráter sanitário e que fosse levada às camadas populares. Nesse sentido, a escola deveria oferecer a educação sexual para criar hábitos higiênicos e desenvolver uma moral sexual (bons hábitos e comportamentos) nos escolares.

O C.B.E.S. promoveu inúmeras atividades a fim de alcançar seus objetivos.

Em seu primeiro ano de atividade o Círculo promoveu o Curso Popular de Sexologia, composto por palestras mensais proferidas pelo Dr José de Albuquerque no Lyceu de Artes e Offícios do Rio de Janeiro, e publicou a primeira das 47 edições

---

<sup>20</sup> Berta Lutz: Bióloga e política, nasceu em São Paulo no ano de 1894. Líder da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, ousou e inovou no campo social e político. Graças à sua intervenção e constante luta pela igualdade da mulher, a partir de 1922 as meninas tiveram direito de ingresso no Colégio Pedro II no Rio de Janeiro, pois até então a instituição era reservada apenas aos meninos.

do “Boletim de Educação Sexual”, cujo redator-chefe era o próprio fundador presidente do Círculo. O boletim era distribuído gratuitamente à população e circulou de setembro de 1933 a outubro de 1939.

Os trechos apresentados a seguir foram retirados do primeiro número do Boletim de Educação Sexual<sup>21</sup> e esclarecem seus objetivos:

Promover a Educação Sexual do povo brasileiro, até hoje relegada ao abandono e tida como tarefa imoral devido ao falso conceito em que é tida toda função sexual.

Procurar criar no país, a mentalidade favorável à aceitação do conceito, de que, sexualidade não é imoralidade (BOLETIM 1 (1): 1, set. 1933).

O Círculo realizava também conferências, palestras radiofônicas, círculo jornalístico, exposições e projeções no Rio de Janeiro e em outros estados brasileiros.

Em 1934 a “Semana da Educação Sexual” promovida pelo C.B.E.S. reuniu médicos, juristas e pedagogos que, dentre outras, discutiram a seguinte questão proposta pela comissão organizadora:

*Poderá a cultura sexual ser desprezada pelos médicos, juristas, pedagogos, entre outros?*

Em relação à questão proposta acima, a professora Armanda Alberto, membro do Conselho Consultivo do C.B.E.S., destacou que

...problemas em relação à sexualidade das crianças apresentam-se instante a instante, bastando lembrar a perturbação a que estão sujeitas na idade pubertária. O educador, mais frequentemente a educadora, tem o dever de despistar vícios sexuais que se manifestam tão cedo às vezes (...) chamando em seu auxílio a mãe ignorante, a quem advertirá o que se passa com seu filho (BOLETIM 2 (VI): 2, nov.1934).

Tal discurso, que expressa a postura repressiva da época em relação à sexualidade, revela-nos que as manifestações sexuais, principalmente em relação à sexualidade infantil, eram perturbadoras e deveriam, conforme sugere o texto, ser despistadas.

---

<sup>21</sup> Esclarecemos que não tivemos acesso às edições do BOLETIM citadas nesse trabalho, todas as informações e citações referentes ao mesmo foram extraídas das obras de VIDAL (1998) e de RIBEIRO e REIS (2004), que constam nas REFERÊNCIAS.

Entre 1930 e 1950, além da iniciativa médica, não se tem conhecimento de trabalhos ligados à educação sexual nas escolas brasileiras. É importante salientar que, à época, o tema sofreu severa repressão pela Igreja Católica que se opunha à coeducação dos sexos, defendia o ensino religioso nas escolas e afirmava a soberania da família na educação da prole. O pai tinha o dever de ensinar os meninos e a mãe, às meninas, devendo estes recorrer ao sacerdote-confessor para auxiliá-los (VIDAL, 1998).

Ainda segundo a autora acima citada, para orientar os pais na tarefa de educar sexualmente seus filhos e filhas e para auxiliar os educadores/as católicos/as a lidar com as questões relativas à sexualidade que, inevitavelmente surgiam no cotidiano escolar, escritores católicos começaram a se preocupar com a publicação de livros sobre o tema, talvez em resposta à proliferação de leituras leigas.

O Padre Negromonte<sup>22</sup> lançou seu livro “A Educação sexual” em 1953, cujo prefácio do Padre Helder Câmara destacava que o fato de o livro ser escrito por um padre seria uma segurança para os educadores católicos, receosos de abrir um livro qualquer sobre educação sexual (VIDAL, 1998).

Repudiando a educação sexual escolar e a iniciação coletiva dos jovens, o Padre Leonel Franca argumentava ser imprescindível o respeito às diferenças individuais e temia o incentivo às conversas obscenas e a corrupção dos moralmente sadios pelos depravados. Lançou o livro “Obras Completas do Padre Leonel Franca SJ” no qual reafirma suas posições.

Nunes (1999) relata que, nos anos de 1960, o Padre Charboneau, do Colégio Sion no Rio de Janeiro, também escreveu e lançou livros com propostas de educação sexual da juventude, em conformidade com a mentalidade católica daquela época.

Conforme Rosenberg<sup>23</sup>

A Igreja Católica constitui um dos freios mais poderosos, até a década de 1960, para que a Educação Sexual formal penetrasse no sistema escolar brasileiro. Em primeiro lugar, por sua posição claramente repressiva em matéria de sexo; em segundo lugar, pela posição de destaque que ocupou na educação nacional, através da

---

<sup>22</sup> Padre Negromonte era diretor do Ensino Religioso na Arquidiocese do Rio de Janeiro, à época da publicação de seu livro, “A Educação Sexual”- Editora José Olympio.

<sup>23</sup> ROSENBERG, Fúlvia. A Educação Sexual na Escola. Cadernos de Pesquisa (53): 11-19, maio/1985.

manutenção e da ferrenha defesa de sua rede de ensino (ROSEMBERG, apud VIDAL, 1998, p.72).

Para Vidal (1998), a posição repressiva da Igreja de certa forma sintonizava-se ao discurso leigo da época, pois, na década de 1930, tais discursos eram extremamente repressivos e normativos ao discorrer sobre o comportamento sexual infantil, adolescente e adulto, condenando o que era considerado excesso sexual.

No que se refere à sexualidade infantil, a grande preocupação nessa época era em relação à masturbação, que era tida como uma questão somente para os meninos. Embora tolerada, deveria ser vigiada pelos pais para que não se transformasse em um vício, pois se acreditava que o excesso poderia levar o menino à desorganização emocional.

Na vigilância constante da criança, no combate sem tréguas à masturbação, no confinamento da infância nas escolas, na separação entre os sexos e na própria arquitetura escolar, Foucault (1999) considera a pedagogização do sexo da criança como uma das estratégias de produção da sexualidade na sociedade moderna, o que demonstra que, sob a capa da repressão e silêncio sobre sexualidade, a escola passou a falar incessantemente do sexo (SOUZA, 1997).

Em relação aos adultos, a masturbação era sinal de perversão. Já as relações sexuais eram consideradas normais desde que, entre um homem e uma mulher adultos e casados entre si e com algumas normas sendo respeitadas, como, por exemplo: a cópula só poderia ser realizada à noite, coito exclusivamente vaginal, na posição horizontal, sempre com a mulher na parte inferior, pois se acreditava que o apetite sexual masculino era maior que o feminino (VIDAL, 1998).

Tais normas de conduta sexual, difundidas na sociedade daquela época com o apoio da Igreja e da medicina, levam-nos a reafirmar a proximidade dos discursos leigo e católico, cujo principal objetivo era controlar e produzir padrões normais de comportamento sexual. Esses discursos não estavam presentes na escola de maneira direta, mas era interessante que desde cedo as crianças fossem educadas para seguir tais regras e padrões.

A partir da década de 1960, aconteceram importantes experiências para implantação da educação sexual na escola. Porém, tais iniciativas eram reduzidas a uma educação sexual normativa, na qual os discursos e informações sobre

procriação, apologia ao casamento tradicional e à família patriarcal eram enfatizados. Além disso, buscava-se, em tais discursos, alertar os jovens sobre o perigo das doenças venéreas, amedrontando-os, com o que se pretendia inibir uma possível devassidão sexual.

Segundo Sayão, entre 1960 e 1979, ocorreram vários fatos importantes no que se refere à educação sexual no Brasil. Barroso e Bruschini (1982) reforçam essa ideia ressaltando que este foi um período relativamente favorável à implantação dessa temática nas escolas brasileiras, visto que tanto escolas públicas, quanto particulares do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais mantiveram programas de educação sexual em escolas, proporcionando importantes experiências, conforme relataremos a seguir.

Em 1964 o Colégio Pedro de Alcântara, no Rio de Janeiro, introduziu a educação sexual em todas as séries e outros colégios do mesmo estado, como Infante Dom Henrique, José Bonifácio e André Maurois também introduziram a educação sexual em seus currículos a partir de 1968. Infelizmente houve casos, como o do Colégio Orlando Roucas, cujo clima de liberdade produzido pelo trabalho resultou numa crise na escola, exoneração da diretoria, suspensão de professores e expulsão de alunos.

Em São Paulo, algumas iniciativas foram de grande destaque como, por exemplo, no Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo onde foi instituído um seminário semanal de estudos em grupo, no qual eram discutidos temas propostos pelos próprios alunos, como racismo e sexo. Também em São Paulo os Ginásios Vocacionais e o Ginásio Estadual Pluricurricular Experimental realizavam sessões de grupo de estudos entre alunos e orientadores educacionais com o objetivo de atender às solicitações e esclarecer dúvidas dos alunos nas questões relativas à sexualidade. Como tais experiências contavam com um programa de atendimento aos pais, acredita-se que tenha sido este um dos fatores que contribuíram para o bom andamento dos trabalhos.

Entre 1954 e 1970, o Serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar de São Paulo oferecia aulas de orientação sexual para as meninas da quarta série primária. Educadores sanitários e professores davam informações sobre as transformações da puberdade a essas meninas e também às

suas mães. O programa foi interrompido em 1970 por determinação da Secretaria de Educação.

Nesse período a educação sexual apresentava mudanças em relação àquelas abordagens especificamente informativas dos aspectos biofisiológicos, uma vez que havia uma preocupação com a formação de valores e conceitos.

Em 1968, a deputada Júlia Steimbruck, do Rio de Janeiro, apresentou um projeto de lei que propunha a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas do país. Todavia, tal projeto foi vetado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo. Assim, em face da repressão que o país atravessava no período, a maioria dos trabalhos existentes em educação sexual foi interrompida e mesmo as poucas experiências mantidas não eram divulgadas.

Nunes e Silva (2000) ressaltam que neste período o mercado editorial lançou diversos livros, enciclopédias e até manuais de “educação do moço e da moça de bem” (NUNES e SILVA, 2000, p.13), reforçando o caráter normativo da época.

Apesar de nossas tentativas, não tivemos acesso a esses manuais, mas pesquisamos outros exemplares<sup>24</sup> publicados nas décadas de 1960 e 1970. São manuais e enciclopédias destinados aos pais e aos filhos, cuja maioria dos autores eram médicos. Constatamos que o objetivo principal dessas obras era a informação e aconselhamento, numa abordagem normativa, biologista e higienista da sexualidade.

Destacamos a seguir alguns trechos da coleção “A vida e o amor”, de Bernadette Delarge, publicada na década de 1970, composta de quatro volumes assim organizados: 3 a 8 anos, Meninas, Meninos, Jovens,

As experiências sexuais dos jovens adolescentes são quase sempre difíceis, decepcionantes, deixam uma lembrança amarga e trazem dificuldades no relacionamento sexual adulto. Alguns ginecologistas afirmam que várias mulheres frígidas tiveram relações sexuais precoces (DELARGE. Jovens, p. 53).

---

<sup>24</sup> DELARGE, Bernadete. Coleção A vida e o amor. São Paulo: Editora Rideel. s.d.. Curiosamente, nenhum dos quatro volumes dessa obra traz registro do ano de publicação. Concluímos tratar-se de uma obra do final da década de 1970 baseado em fatos históricos, descobertas científicas e movimentos sociais desse período, citados na obra como sendo fatos recentes. PEREIRA, Flávio (Org). Moderna Enciclopédia Sexual – Amor e Matrimônio. São Paulo: Libra Editorial, 1971.

Na introdução do volume “Meninas” lemos:

...todas nós somos chamadas a ser felizes. Só que a felicidade deve ser preparada. Este livrinho é uma espécie de Curso de felicidade. Ele vai ajudar você a se conhecer melhor e descobrir sua futura e maravilhosa vida de mulher e mãe (DELARGE,s.d., Meninas, p. 9).

No volume “Meninos” destacamos as seguintes orientações no que se refere ao ato sexual:

A união sexual deve exprimir um grande amor entre duas pessoas. Unir os corpos é dar o que se tem de mais íntimo e também de mais precioso: as sementes da vida. Isso só se faz entre esposos porque marido e mulher decidiram ajudar-se mutuamente e viver juntos para sempre (DELARGE,s.d., Meninos, p. 133).

Sobre a masturbação:

O menino que se acha mal-amado, que se acha mau, que tem que deixar os pais por muito tempo, etc., vai procurar uma espécie de consolo, brincando com o pênis (...) Atender a vontade de se masturbar significa que se é apenas um adolescente imperfeito, ainda muito ocupado consigo mesmo e que ainda está muito longe de ser homem (...) Infelizmente existem jovens, já grandes, e mesmo homens, que ainda se masturbam, de certa forma, continuaram adolescente, e sofrem por isso. Não compreenderam a função dos órgãos sexuais (DELARGE, s.d., Meninos, p. 109-110).

Podemos destacar nos trechos anteriores a necessidade de inibir o desejo sexual dos adolescentes a partir de normas de conduta sexual consideradas aceitáveis dentro do padrão moral da época, a apologia à união indissolúvel entre homem e mulher através do casamento, a preparação da mulher para a condição de mãe e a necessidade da moça resguardar-se de relacionamentos sexuais sob ameaça de futuras dificuldades na vida sexual adulta.

São conceitos que expressam claramente a defesa da ordem e a condenação de toda relação entre homens e mulheres na busca do prazer fora do casamento.

Em 1967 foi publicada a 1ª. Edição da “Moderna Enciclopédia Sexual”, de Flávio A. Pereira<sup>25</sup>, da qual consultamos a 11ª edição, datada de 1971. Trata-se de uma coleção composta por 3 volumes com aproximadamente 250 páginas cada um, cujas informações foram organizadas de “A a Z” como em um dicionário e os termos

---

<sup>25</sup> Diretor da Escola Superior de Ciências de São Paulo na década de 1960.

e/ou vocábulos são conceituados e exemplificados, além de apresentar possíveis soluções para os problemas. Dicas de vocabulário sexual e procedimentos adequados também são apresentados ao leitor, como nos exemplos a seguir:

#### EDUCAÇÃO SEXUAL: Vocabulário:

Os peritos em Educação Sexual recomendam que o Vocabulário Sexual seja distribuído da seguinte maneira: 1º. grau – Para crianças até 5 anos. As palavras serão as seguintes: “Pênis” (em vez de Pipi), “Vagina” (em vez de Pipi e semelhantes), “Útero”, “Uretra”, “Nádegas” (em vez de Bumbum), “Vulva”, “Urina” (em vez de xixi), “Umbigo” e “Funções Intestinais”. 2º. Grau – Para crianças de 5 a 8 anos. “Relações Sexuais”, “Cordão Umbilical”, “Gravidez”, “Sêmen”, “Células espermáticas”, “Óvulos” (PEREIRA, 1971, p.214).

**MARIDO SEXUALMENTE FRIO:** Em geral são causas psicológicas, mas por motivos vários: insegurança econômica, esposa indiferente ao asseio corporal (...) cansaço extremo, preocupações excessivas (...) A masturbação excessiva durante a juventude e adolescência também pode explicar em certos maridos a frieza diante da esposa. Mas nesses casos a esposa deve informar-se sobre técnicas eróticas de agrado masculino, de maneira que o casal superará impasses conjugais com toda probabilidade (PEREIRA, 1971, p. 462-463).

Encontramos, ainda, nessa enciclopédia, testes nos quais, somados os pontos das respostas marcadas por uma determinada pessoa, indicam se ela é uma boa esposa ou um bom marido dentro dos parâmetros apresentados pelo autor.

Destacamos também o termo “FELICIDADE CONJUGAL – 10 MANDAMENTOS”, dos quais apresentamos...

Mandamento nº 4: As técnicas adotadas por muitos casais em suas relações sexuais não são aconselháveis, porque em geral sacrificam a espontaneidade, a beleza, e a aventura da vida conjugal. As técnicas sugeridas por vários livros não podem ser seguidas à risca.  
Mandamento nº 8: Marido e mulher devem trazer seus corpos sempre bem asseados. A falta de asseio corporal pode ser motivo de recusa da outra parte (PEREIRA, 1971, p. 257).

Consideramos adequadas à moral vigente na época o uso das palavras e termos “marido e mulher”, “casais”, “esposo e esposa”, “vida conjugal”, que precedem as questões referentes a relações sexuais, pois a ideia do ato sexual só era concebida, conforme expusemos anteriormente, entre um homem e uma mulher adultos e casados entre si. É enfatizada também a questão do asseio corporal.

Além das obras já citadas, consultamos também “O Livro da Saúde”<sup>26</sup> e a “Coleção Vida Íntima”<sup>27</sup>. Reforçando o que afirmamos anteriormente, o nosso objetivo era conhecermos melhor as publicações que retratavam a moral e costumes vigentes até o início da década de 1980, quando inúmeras transformações sociais e políticas contribuíram para uma possível mudança em relação ao olhar sobre a sexualidade, conforme relataremos mais adiante.

As grandes mudanças no comportamento da juventude, no início da década de 1970, influenciadas pelo movimento feminista, pelo movimento hippie e pela descoberta da pílula anticoncepcional fizeram com que surgisse um novo olhar sobre a questão da educação sexual escolar no Brasil. Houve, conforme citamos acima, mudanças na sociedade e no perfil do público escolar, o que faz com que a educação busque novas alternativas.

Documentos oficiais da época mencionam a educação sexual em programas de educação da saúde, tanto em parecer do Conselho Federal de Educação de 1974, como em guias curriculares para o ensino do então primeiro grau do estado de São Paulo, em 1975. Entretanto, a própria Secretaria de Educação de São Paulo impediu a oficialização da educação sexual nas escolas, no período de 1975 a 1979, sob alegação de que ela era de responsabilidade exclusiva da família.

A década de 1970 ficou caracterizada por um retrocesso ao puritanismo fechado e pelo aumento da censura. Mesmo não existindo uma lei que proibisse a educação sexual, os administradores de escolas públicas se sentiram temerosos e esvaziaram os programas, embora algumas escolas particulares tenham continuado o trabalho sem, no entanto, divulgá-lo.

O modelo de educação sexual trabalhado nessas escolas inspirava-se na descrição das funções procriativas do ser humano, nas características do aparelho reprodutor feminino e masculino, nas funções sexuais e na prevenção de doenças venéreas (NUNES e SILVA, 2000).

Esse modelo ainda não atendia aos objetivos de uma educação sexual que pretendesse ir além de uma abordagem médico-biologista-higienista, conforme fora nas décadas de 1920 e 1930.

---

<sup>26</sup> HANDLER, Joseph. O Livro da Saúde. A adolescência, a higiene, o envelhecimento. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971. Tradução José Laurêncio de Melo.

<sup>27</sup> PEREIRA, Aldo. Vida Íntima – Enciclopédia do Amor e do Sexo – São Paulo: Abril Cultural, 1981.

Ainda que a medicina colabore com a pedagogia no trabalho escolar de esclarecimentos sobre as questões da fisiologia sexual e anatomia dos órgãos sexuais, estamos convictos de que apenas estas informações não são suficientes. É necessário muito mais do que conhecimentos fisiológicos e anatômicos para acessarmos a complexidade da questão da sexualidade com nossa clientela escolar (SILVA E. A., 1997, p.115).

Nos anos 1980, com a cristalização do papel da televisão como um dos agentes educativos, cuja influência se fazia cada vez mais forte, surge um discurso mais libertário, ao qual se agregaram variantes como: defesa dos direitos dos homossexuais, igualdade entre homens e mulheres, aborto, uso de anticoncepcionais, denúncias de violência contra a mulher, críticas ao casamento tradicional, entre outros.

Nesse contexto, são apontados como principais motivadores das iniciativas de implantação de programas de educação sexual nas escolas: o surgimento da AIDS<sup>28</sup> no início da década de 1980 e o aumento de adolescentes grávidas, fatos que preocupavam demasiadamente educadores, pais e órgãos de saúde pública.

Nesse período essas iniciativas aconteceram com maior intensidade no âmbito extra-escolar. Foram disponibilizados serviços telefônicos, programas de rádio e TV, bibliografia específica direcionada ao público jovem vendida em bancas de jornal, além de congressos e encontros de educadores e médicos para discussão do assunto. Todo esse movimento extra-escola foi infinitamente positivo, pois contribuiu para a intensificação do debate sobre a inclusão da educação sexual nas escolas, seja sob a forma de palestras ou como parte do programa (SAYÃO, 1997).

Em 1989, foi implantada em São Paulo, por iniciativa da Secretaria Municipal de Educação, através do Professor Paulo Freire, a educação sexual nas escolas do então primeiro grau e, posteriormente, na educação infantil. Em seguida, Porto Alegre, Florianópolis, Recife, Campo Grande, Goiânia, Belo Horizonte e Santos também criaram seus programas de educação sexual nas escolas.

A partir dos anos de 1990, um modelo de educação sexual que ganhou força foi o predominante na mídia, no qual a sexualidade é tratada como objeto de

---

<sup>28</sup> AIDS ou SIDA é a sigla correspondente à Síndrome da Imuno-Deficiência Adquirida. É um conjunto de sintomas ligados à perda de defesas do organismo. A AIDS é causada pelo vírus HIV (Vírus da Imuno-Deficiência Humana), que ataca os mecanismos de defesa do corpo humano e pode ser transmitido pela entrada, na corrente sanguínea, de fluídos sexuais, sangue ou leite materno contaminados.

consumo, estando presente em revistas, programas de TV, músicas, filmes pornô, nas coreografias do *sex appeal* e em quase todos os meios de comunicação de massa. Embora tal modelo não esteja diretamente presente na escola, faz parte do cotidiano dos alunos, requerendo do educador uma profunda capacidade crítica para se contrapor a esse modelo de motivação e alienação de crianças e adolescentes (NUNES e SILVA, 2000).

Desde então foram criados vários projetos por diversas Secretarias Municipais de Educação, além do trabalho de Organizações não Governamentais (ONGs), tais como: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) no Rio de Janeiro; Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS) em São Paulo; Movimento Gay de Minas (MGM) em Minas Gerais, que se preocupam com o aumento alarmante da AIDS e com a gravidez precoce. Essas ONGs desenvolvem trabalhos de orientação junto aos adolescentes e de capacitação de profissionais para atuarem no trabalho com os jovens.

Outras iniciativas de ONGs, com a finalidade de abordar tal tema e levá-lo aos mais diferentes públicos, também começaram a ser contempladas, como é o caso do projeto Brasil sem Homofobia<sup>29</sup>, parceria de diversas ONGs – como, por exemplo, Arco-Íris (RJ), Grupo Gay da Bahia (BA), Movimento Gay de Minas (MG) e outras, com o Ministério da Saúde.

Em 1995 iniciou-se a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais, cuja implantação se deu em 1998, instituindo como um dos temas a ser trabalhado nas escolas de ensino fundamental de forma transversal, a educação sexual. São os Parâmetros Curriculares Nacionais que analisaremos a seguir.

### **3.1. A sexualidade nos Parâmetros Curriculares Nacionais**

Parâmetro significa: “dado ou elemento que serve de base comparativa; modelo” (Cegalla, 2005, p. 644). Dentro dessa perspectiva, a ideia dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) é a de que cada município, estado ou região do Brasil tenha como parâmetro a base comum de conteúdos apresentados neste documento, adequando-os à sua realidade, mas sua implantação, em 1998, foi motivo de muita

---

<sup>29</sup> Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual.

polêmica por parte de alguns educadores e de manifestações de posicionamentos radicalmente contra.

De acordo com seu texto introdutório, os Parâmetros Curriculares Nacionais pretendem ser:

...um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo país, fomentador da reflexão sobre os currículos escolares, cuja função é orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações... (BRASIL, 1998, p.1).

A temática sexualidade foi incluída nos PCNs, sob a denominação “orientação sexual”, como um dos temas transversais<sup>30</sup> a serem abordados, de forma articulada com as disciplinas curriculares, motivada pelo aumento dos casos de gravidez de adolescentes e o aumento do risco de contaminação pelo vírus HIV. A inserção desse tema no âmbito escolar tornou evidente o interesse do estado pela sexualidade da população.

Salientamos aqui que a inclusão do tema sexualidade no currículo escolar a partir da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais por um lado, constituiu-se como uma conquista diante das inúmeras dificuldades de implantação dessa temática na escola ao longo da história. No entanto, o fato de constar no currículo escolar não é garantia de que o assunto será abordado e, menos ainda, que será abordado de maneira problematizadora, possibilitando questionamentos, diferentes posicionamentos e participação crítica dos alunos.

Tal proposta tem se demonstrado de difícil implementação, aparecendo muito mais como um ideal, como aquilo que deveria ser feito, do que de fato trabalhada no dia a dia da escola.

O principal objetivo proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o trabalho com a sexualidade no Ensino Fundamental é “contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade” (BRASIL, 1998, p. 133).

E, ainda,

---

<sup>30</sup> Segundo NUNES e SILVA, os temas transversais são conteúdos de valor formativo que perpassam disciplinas curriculares de maneira a articular entre si conteúdos e atitudes e ampliar os conhecimentos advindos dos conteúdos trabalhados a partir do currículo escolar (2000, p. 63).

Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, busca garantir direitos básicos como a saúde, a informação e conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades (BRASIL, 1998, p.133).

Analisando o objetivo citado acima, constatamos que houve abertura e mudança na forma de abordagem do tema sexualidade no que se refere à educação. Alcançar tal objetivo, porém, requer não só um trabalho intenso de preparação e conscientização de toda a comunidade escolar, mas também políticas educacionais que possibilitem sua real implantação nas escolas.

Precisamos estar atentos à possibilidade de aceitação dessa tarefa sem reflexão, sem um projeto com objetivos bem definidos, sem que os profissionais envolvidos estejam conscientes e preparados para esse trabalho. Afinal, estamos diante de mais uma tarefa que é delegada à escola, entre tantas outras demandas sociais que lhe são repassadas, sem que esta esteja devidamente preparada para atendê-las.

Desde a implantação dos PCNs, os trabalhos, programas e projetos acerca da temática sexualidade ministrada na escola de forma sistemática passa a ser denominada “Orientação Sexual” e compõe, juntamente com os demais temas – Ética, Pluralidade Cultural, Saúde, Meio Ambiente e Trabalho e Consumo - os temas transversais. Tais temas foram considerados socialmente relevantes, por se constituírem como temas emergentes e urgentes, cuja abordagem deve ultrapassar a mera transmissão de conhecimentos.

Os PCNs apresentam a Orientação Sexual, em blocos de conteúdos com três eixos temáticos:

- 1) Corpo: matriz da sexualidade;
- 2) Relações de gênero;
- 3) Prevenção às doenças sexualmente transmissíveis/Aids

A transversalidade do tema também é uma questão preocupante, visto que os professores das diversas áreas não estão preparados para assumir essa tarefa. O fato de haver amparo legal para se trabalhar a temática sexualidade de forma transversal na escola, embora considerado um avanço, por si só não contribui para

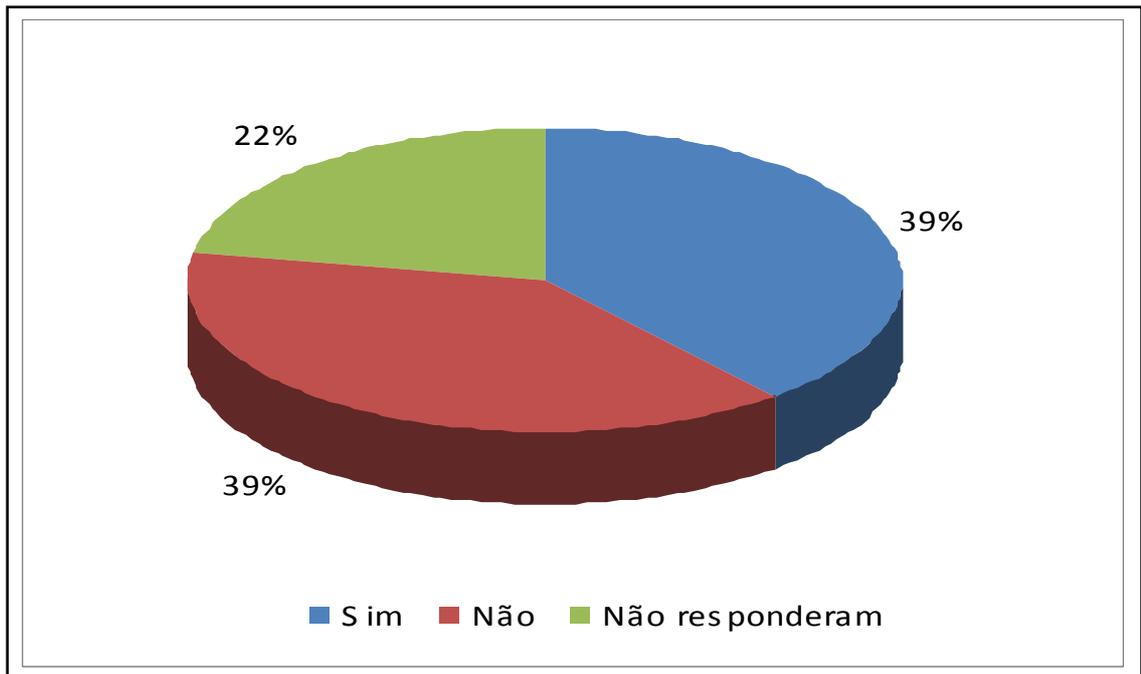
que os professores estejam mais abertos ao assunto em suas aulas. Conforme afirmam Nunes e Silva (2000), se não houver o rigor científico que é necessário para a compreensão de sua abrangência na vida social e cultural humanas, o trabalho de orientação sexual corre o risco de assumir uma perspectiva improvisada e voluntarista, redundando no ecletismo e na banalização do assunto.

Quanto a essa questão, o texto introdutório dos PCNs afirma que tal proposta:

...exige uma política educacional que contemple a formação inicial e continuada dos professores, uma decisiva revisão das condições salariais, além da organização de uma estrutura de apoio que favoreça o desenvolvimento do trabalho (acervo de livros e obras de referência, equipe técnica para supervisão, materiais didáticos, instalações adequadas para a realização de trabalho qualidade), aspectos que, implicam a valorização da atividade do professor. (BRASIL, 1998, p. 38).

Todavia, decorridos dez anos da implantação dos temas transversais dos PCNs, observamos que pouco foi realizado no sentido de dar suporte aos professores para desenvolver um bom trabalho de orientação sexual na escola. O que vemos, na verdade, são iniciativas isoladas de escolas e professores, para implantar projetos que contemplam essa temática. Sabemos, no entanto, que, por maior boa vontade que tenham os professores, deparamo-nos constantemente com excelentes projetos que não têm continuidade por falta de condições de viabilização do planejado, seja por questões de metodologia inadequada ou por falta de suporte teórico para o trabalho cotidiano com o tema.

Perguntamos aos professores da escola pesquisada se conheciam a abordagem da Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais e constatamos que há bastante desconhecimento da abordagem dessa temática por parte dos mesmos. Vejamos o gráfico:



**Gráfico 8** – Você conhece a abordagem da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais?

Existem diferentes formas de se trabalhar a orientação sexual de modo transversal, mas cabe a cada escola encontrar a forma de se trabalhar com essa temática que melhor atenda a suas especificidades. Apresentamos algumas:

- por meio de conteúdos nas diferentes áreas do currículo, numa concepção interdisciplinar;
- por meio de palestras, sempre que questões relacionadas ao tema surgirem;
- por meio de oficinas por um determinado período de tempo, ou durante todo o ano, de acordo com o projeto pedagógico de cada escola;
- por meio de um projeto específico, que envolva toda a escola, por um tempo determinado.

Destacamos uma questão bastante debatida em relação aos PCNs, refere-se à utilização do termo “orientação sexual “ e não “educação sexual” no referido texto. Vale ressaltar que essas diferentes denominações são motivo de divergência entre os estudiosos do assunto. Pesquisamos alguns autores e seus posicionamentos a respeito da questão.

### 3.2. Educação Sexual ou Orientação Sexual?

De acordo com os PCNs e com o Guia de Orientação Sexual (1994), a “orientação sexual” difere de “educação sexual”, visto que a orientação sexual é uma intervenção sistemática na área da sexualidade, propondo-se a fornecer informações e a organizar um espaço para reflexões e questionamentos a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais com o objetivo de ajudar crianças e adolescentes a terem uma visão saudável da sexualidade, a desenvolverem uma comunicação clara nas relações interpessoais e a tomarem decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual, no presente e no futuro.

O termo “orientação sexual” é utilizado no meio médico, jurídico e da sexologia para denominar a identidade erótica, a preferência sexual dos cidadãos em heterossexual, homossexual ou bissexual.

Já a educação sexual inclui todo um processo informal pelo qual aprendemos sexualidade ao longo da vida, seja através da família, da religião, da comunidade, de livros, da mídia ou de outras fontes.

Após a publicação dos PCNs, muitos autores passaram a utilizar o termo “orientação sexual” para se referirem à “educação sexual”, numa simples adequação à mudança de nome, sem que isso afetasse o trabalho, que continuaria sendo o mesmo. Alguns autores utilizam os dois termos sem diferenciá-los, como se fossem sinônimos, outros os consideram complementares e há também os que lhes atribuem diferentes conceitos.

Vitiello (1995) conceitua o termo educação sexual diferenciando-a em sistemática e assistemática. Em relação à educação sexual sistemática afirma que:

Educar, no sentido mais amplo, significa “formar” (...) A influência do educador, por isso mesmo, além de intensa precisa ser contínua e duradoura (...) Nesse sentido, a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores (VITIELLO, 1995, p. 18-19).

Embora considerando a família e a escola responsáveis pela educação sexual sistemática, o autor considera que na escola há planejamento e intencionalidade e na família tal educação é informal e espontânea.

Questionamos se a família e outros grupos sociais não teriam intencionalidade nas suas ações, pois acreditamos que cada vez que reprimem,

manifestam opiniões, expõem valores, há uma intenção consciente de se transmitir à criança ou ao jovem suas convicções e valores no que se refere à sexualidade.

Quanto à educação sexual assistemática, Vitiello (1995) afirma ser ocasional, podendo acontecer através dos meios de comunicação de massa ou na procura do interessado por cursos, leituras ou conversas sobre o tema.

Para Furlani (2005), a popularização e a utilização do termo “orientação sexual” por muitos educadores foi favorecida pelo possível desgaste pedagógico de uma educação sexual, até então evidenciada por um caráter excessivamente biológico, médico, higienista e moralista, sobretudo no âmbito escolar. A mudança do nome (de educação para orientação) pode ter sido “uma saída para aqueles otimistas em manter o trabalho na escola a partir de uma ressignificação filosófica e metodológica do termo e da prática” (FURLANI, 2005, p. 196).

Furlani aponta ainda um segundo fator de favorecimento à utilização do termo orientação sexual, considerando-o talvez como o principal.

Penso que a mudança explicitou a força política do grupo GTPOS<sup>31</sup>, tanto na adoção do termo por educadores/as, quanto na sua inclusão numa política pública federal de educação através dos PCNs, o que possibilitou uma dispersão nacional e uma aceitação escolar, para muitos/as sem quaisquer resistências, reflexão e/ou questionamentos (FURLANI, 2005, p.196).

Embora discorde do uso e da forma pacificamente aceita com que o termo orientação sexual foi introduzida nas escolas, nos documentos e discursos dos educadores brasileiros, Furlani admite que mais importante que a nomenclatura é a reflexão sobre sexualidade no trabalho com crianças, jovens e adultos no âmbito da escola.

Em sua pesquisa sobre a formação de professores para lidar com a questão da sexualidade na escola, Silva (2004) faz um levantamento do uso dos termos educação sexual e orientação sexual por diversos autores e conclui que, antes dos PCNs, a maioria utilizava somente o termo educação sexual em seus relatos. Depois, houve uma divisão, alguns só usam o termo orientação sexual e outros

---

<sup>31</sup> GTPOS (Grupo de trabalho e pesquisa em orientação sexual), surgido em 1996 no estado de São Paulo. Em 1994 publicou o “Guia de Orientação Sexual – diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2º. Grau”. Alguns membros do GTPOS participaram diretamente da elaboração dos PCNs.

utilizam ambos os termos sem diferenciação. A autora questiona ainda se existe um termo mais adequado que outro, visto que as diferenças na conceituação não interferem no trabalho.

Tanto em nossa pesquisa bibliográfica quanto na de campo, pudemos constatar que a maioria dos autores, pesquisadores e professores não demonstram preocupação com a diferenciação ou significação do termo e sim com o trabalho que se realiza na escola quanto à reflexão das questões acerca da temática sexualidade.

Durante o período que mantivemos contato com os professores na escola pesquisada, observamos o uso do termo orientação sexual por apenas uma ou outra professora. A maioria do grupo sempre se referia ao trabalho como educação sexual, mesmo conhecendo o termo adotado oficialmente nos PCNs.

Numa das entrevistas com o grupo de professores conversamos sobre suas opiniões a respeito dos termos anteriormente expostos e relatamos seus posicionamentos, que demonstram total falta de esclarecimento em relação aos mesmos.

*Para mim não faz diferença. Discordo desse negócio de que educação sexual formal é com a escola porque tem um planejamento, um objetivo. Quantas vezes a gente tem que parar a aula para conversar com os alunos porque eles estão com problemas, com dúvidas. Ninguém planejou isso, na verdade não temos a intenção de entrar em certos assuntos de sexo, mas eles perguntam e não tem com quem conversar, aí a gente dá uma de mãezona, né? Isso pra mim é educação informal. (Profª Neide)*

*Aqui na escola não tem projeto de educação sexual, mas estamos sempre conversando em sala com os alunos, dando uns toques, ouvindo suas opiniões a respeito dos fatos do dia a dia que envolvem assuntos relacionados à sexualidade. Tem hora que a gente tenta evitar para não envolver em assuntos pessoais e familiares, mas é difícil. Isso é orientação ou educação sexual? (Profª Antônia)*

*E quando dá confusão e fofoca entre os alunos envolvendo questões de sexualidade? Não podemos ficar neutras. Vejo a educação sexual acontecer mais na informalidade do que de maneira formal e planejada dentro da escola. Será que isso é orientação? (Profª Cris)*

*Tenho dúvidas se um projeto de educação sexual seria bom para a escola. Penso que quem quer abordar o assunto*

*encontra uma forma de fazê-lo dentro de sua disciplina durante as aulas. Um projeto a ser cumprido dá impressão de obrigação em falar no assunto, tira a espontaneidade. Na verdade não vejo diferença entre educação e orientação sexual. (Prof<sup>a</sup> Luciana)*

Silva (2004) anteriormente citada, afirma que mais importante que o termo utilizado (orientação ou educação sexual) é a forma como a sexualidade é trabalhada nas escolas. Concordamos em parte com a afirmação da autora, realmente mais importante que a nomenclatura é o trabalho que deve ser bem feito, mas esclarecemos que ao longo desta dissertação utilizamos o termo educação sexual, exceto em algumas menções aos PCNs, pelo fato de o considerarmos mais adequado.

Mais adequado porque estamos falando de escola = *espaço educacional*; mais adequado porque nos referimos aos/às professores/as no desenvolvimento desse trabalho na escola = *profissionais da educação*; mais adequado porque a sexualidade se manifesta de várias formas no cotidiano escolar, seja através de palavras, silêncios, gestos e/ou enfrentamentos, e, acreditamos que só a educação torna possível essa troca tão rica e necessária entre as pessoas.

O termo “orientação”, segundo Cegalla (2005, p. 630), quer dizer: 1. ação de orientar, supervisão; 2. sentido de direção, guia; 3. tendência, inclinação; 4. indicação de posição. Definições que, de acordo com a nossa concepção, não atendem ao trabalho que é proposto em relação à sexualidade no âmbito escolar.

No próximo capítulo apresentaremos as diferentes concepções de educação sexual por nós pesquisadas, algumas presentes, outras não, em nossas escolas.

## 4. ESCOLA E SEXUALIDADE: DIFERENTES CONCEPÇÕES

Para refletirmos sobre as concepções de sexualidade, tomaremos por base os estudos de Nunes (1996), Meirelles (1997) e Furlani (2005) que apresentam diferentes representações percebidas acerca dessa temática que estão presentes no universo pedagógico brasileiro. Embora haja variação na denominação usada pelos diferentes autores, algumas considerações sobre as concepções são muito parecidas.

### 4.1. Concepção médico-biologista

De acordo com essa concepção, para educar sexualmente, seria necessária a compreensão do funcionamento dos aparelhos reprodutivos masculino e feminino, e, conseqüentemente, preparar a criança e o adolescente, bem como o educador, para a descrição e intervenção científica sobre as formas e mecanismos da reprodução.

Fundamenta-se numa visão biologista da sexualidade decorrente do uso do paradigma das Ciências Naturais aplicado às Ciências Humanas, pois “reduz a dimensão humana ontológica a uma concepção funcionalista, decorrente do seu fundamento epistemológico positivista, e tem como o paradigma da natureza como determinante da condição humana” (NUNES, 1996, p.139).

Ainda numa concepção médico-biologista, o referido autor destaca duas variantes: a médico-higienista, segundo a qual “a educação sexual deveria fundar-se em noções de higiene e procriação, noções sobre novas formas de higiene corporal, e, até da higiene sexual” (NUNES, 1996, p.143) e a naturalista, sobre a qual se refere como uma “versão agropecuária” da sexualidade. Trata-se da tendência presente em alguns livros didáticos de Ciências e no discurso de alguns pais e professores de associar a sexualidade humana à sexualidade animal (porquinhos, galinhas, coelhos, etc), para explicar às crianças sobre sexo.

Ao condenar o uso de tais recursos didáticos e metodológicos, o autor afirma:

A sexualidade humana é qualitativamente diversa da sexualidade animal, nela estão embutidos valores da comunidade humana, da história social, da economia, da cultura, e até da espiritualidade (...) não se pode impunemente associar o mundo natural e físico ao mundo cultural e humano, é dever principalmente do educador distinguir amplamente estes mundos. (NUNES, 1996, p. 145).

Embora a concepção médico-biologista com suas variantes naturalista e higienista estejam presentes em programas de orientação sexual de muitas escolas brasileiras e em livros didáticos amplamente utilizados por crianças e adolescentes, temos convicção de que as noções descritivas do corpo humano, do aparelho reprodutor e seu funcionamento não proporcionam condições de discussões em que a curiosidade, a liberdade e o prazer que envolvem a sexualidade estejam presentes.

Furlani (2005) refere-se a essa concepção como “Abordagem biológica higienista”, afirmando ser ela “marcada pela centralidade conferida ao ensino como promoção da saúde e privilegia discussões sobre a reprodução humana, às DSTs, à gravidez indesejada, o planejamento familiar, o HIV/AIDS, a puberdade” (FURLANI, 2005, p.204). Ressalta, ainda, que “a crítica maior reside não na sua presença (que é necessária), mas no fato da sua exclusividade implicar num currículo de abordagem limitada e reducionista” (FURLANI, 2005, p.204).

#### **4.2. Concepção normativo-institucional**

Segundo Nunes (1996), os discursos normativos estão presentes na família tradicional e sempre estiveram presentes em algumas escolas. Muitos programas de educação sexual acentuam a cultura patriarcal, plantando, sobre conceitos de homem e de mulher estereotipados, toda numa sorte de informações e orientações pseudo-científicas e claramente normativas, incitadoras ao medo e controle da sexualidade.

A família, enquanto instituição de normatização e controle das práticas sexuais das crianças e adolescentes, vê-se tolhida em suas ações diante da presença cada vez mais influente de outras agências sociais, dentre elas a mídia. Diante dessa realidade há uma certa transferência de responsabilidade da educação sexual da família para a escola, que, muitas vezes, reproduz sobre seus alunos um

discurso normativo e repressivo sobre sexualidade que, revestido de cientificidade, busca acentuar o papel de “mãe” para a menina e “homem” para o menino.

Este modelo normativo repressivo acaba por acentuar, nos espaços institucionais, tópicos como “doenças venéreas”, Aids, drogas, envolvidas na mesma matriz temática da sexualidade “sadia”... Torna-se o mais claro instrumento defensor da ordem ético institucional estabelecida, é quase sempre um discurso eivado de sentimentalismos apelativos, carregados de superficialidade e fundado em estereótipos... (NUNES, 1996, p.189).

Nunes (1996) ressalta que, nessa concepção, a homossexualidade é considerada uma anomalia ou perversão e que, se forem educados nesses moldes, “os jovens e adolescentes não são convencidos ou formados para uma sexualidade humanizada e responsável, mas amedrontados e estimulados a uma sexualidade contida, dentro dos poderes estabelecidos” (NUNES 1996, p.189). Destaca a contribuição da obra de Foucault para a reflexão contemporânea sobre os dispositivos novos da sexualidade e de suas representações, relativizando todos os determinismos e explicitando a relação incestuosa que há entre saber e poder.

#### **4.3. Concepção consumista e quantitativo pós-moderna**

Nessa concepção, Nunes (1996) baseia-se nas idéias de Marcuse<sup>32</sup>, um crítico da sexualidade consumista que denuncia que a matriz capitalista torna-se elemento causal e proliferante das práticas sexuais, responsável pela quantificação mecânica, genital e deserotizada da sexualidade, afirmando que:

Para Marcuse, a sociedade consumista contemporânea não criou uma libertação da sexualidade, pelo contrário, ampliou a quantificação das práticas sexuais, desqualificou a repressão anterior, mas não alterou a qualidade e a compreensão significativa do sexo, provocando então comportamentos quantitativos, consumistas, deserotizados, mecânicos, reducionistas genitais despidos do sentido humano (NUNES, 1996, p. 198).

Giddens (1993) declara que há uma preocupação geral com a sexualidade na cultura moderna.

Uma interpretação, um pouco à maneira de Marcuse, poderia considerar a transformação do sexo em mercadoria como o principal objeto em que essa preocupação é evidente. A sexualidade gera prazer; e o prazer, ou pelo

<sup>32</sup> MARCUSE, Herbert. Ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1967.

menos a sua promessa, proporciona um incentivo para os produtos comercializados em uma sociedade capitalista (GIDDENS, 1993, p.194).

Essa concepção de educação sexual, que chega à escola através das músicas, da moda, dos recursos dos celulares de última geração utilizados pelos alunos, e através de outros objetos de consumo e de desejo dos jovens, exige que o educador esteja atento para desenvolver seu trabalho promovendo atividades que oportunizem a reflexão e o debate sobre esse modelo.

#### **4.4. Concepção terapêutica**

Segundo Furlani (2005), essa concepção é

Caracterizada pela busca de “causas” explicativas das vivências sexuais consideradas “anormais” ou os “problemas sexuais”, visando a “cura”, essa abordagem apresenta, geralmente, conclusões simplistas, imediatistas, genéricas e universais para os fenômenos da vida sexual (FURLANI, 2005, p. 208).

Nunes (1996) refere-se a essa concepção como “terapêutico-descompressiva” e acrescenta que esse modelo, cuja época de maior representação foi nos anos de 1980, ainda hoje encontra espaço em escolas por seu caráter psicológico, que permite aos professores utilizarem técnicas da psicologia tradicional, psicodrama, terapia de grupo para uma suposta educação sexual.

#### **4.5. Concepção moral-tradicionalista**

Atrelada a fortes princípios conservadores e religiosos, essa concepção de sexualidade tem como principais objetivos desencorajar os jovens da prática sexual e inculcar neles valores de moral tradicional em continuidade aos ensinamentos dados pelos pais.

Furlani (2005) destaca que a maior crítica a esse modelo de educação sexual está relacionada à censura que impossibilita o acesso às informações essenciais à sexualidade humana, além de pregar a discriminação quanto ao sexo, orientação sexual, raça, religião, classe social.

#### **4.6. Concepção religiosa radical**

Trata-se de uma abordagem caracterizada pela interpretação literal da Bíblia, ou seja, as palavras bíblicas são assimiladas como verdades incontestáveis (Furlani, 2005).

Essa concepção conservadora está presente em escolas e/ou instituições religiosas e seus ensinamentos sobre sexualidade, à luz das verdades contidas na Bíblia, não fazem parte da realidade vivenciada hoje na maioria das escolas não confessionais.

#### **4.7. Concepção dos Direitos Humanos**

Furlani (2005) afirma que “uma educação sexual baseada nos princípios dessa abordagem é aquela que fala, explicita, problematiza e desconstrói as identidades excluídas”. (FURLANI, 2005, p. 218)

A quem a autora refere-se ao falar de “identidades excluídas”? Refere-se às crianças e adolescentes, idosos/as, mulheres, afrodescendentes, povos indígenas, estrangeiros/as, refugiados/as e migrantes, ciganos/as, portadores/as de necessidades especiais, gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais.

Observamos que há, na escola pesquisada, um grupo de profissionais preocupados em desenvolver trabalhos que abordam a questão da exclusão e dos direitos humanos. Às vezes essa preocupação é demonstrada em atitudes isoladas através do desenvolvimento de atividades cujo objetivo é conscientizar os alunos quanto à sua co-responsabilidade nas questões sociais e em relação ao respeito ao próximo. Tais atividades, entretanto, limitam-se à integração com a matéria dada em cada disciplina, ou, no máximo, dois/duas professores/as de disciplinas diferentes elaboram um trabalho conjunto por um determinado período.

#### **4.8. Concepção baseada nos Direitos Sexuais**

A “Declaração dos Direitos Sexuais” foi elaborada no 13º. Congresso Mundial de Sexologia em 1997, Valência (Espanha) e revisada e aprovada pela Assembléia Geral da Associação Mundial de Sexologia em 1999.

Apresentaremos uma tradução da Declaração dos Direitos Sexuais feita por Furlani a partir do original em inglês<sup>33</sup> e apresentada em sua tese de doutorado (FURLANI, 2005, p. 219 - 220).

*Os Direitos Sexuais são Direitos Humanos Fundamentais e Universais*

*Sexualidade é uma parte integral da personalidade de todo ser humano. Seu desenvolvimento total depende da satisfação de necessidades humanas básicas tais quais desejo de contato, intimidade, expressão emocional, prazer, carinho e amor.*

*A sexualidade é construída através da interação entre o indivíduo e as estruturas sociais. O total desenvolvimento da sexualidade é essencial para o bem estar individual, interpessoal e social.*

*Os direitos sexuais são direitos humanos universais baseados na inerente liberdade, dignidade e igualdade de todos os seres humanos. Uma vez que a saúde sexual é um direito fundamental, então a saúde sexual deve ser um direito humano básico. Para assegurarmos que os seres humanos e a sociedade desenvolvam uma sexualidade saudável, os seguintes direitos sexuais devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos por todas as sociedades de todas as maneiras. Saúde sexual é o resultado de um ambiente que reconhece, respeita e exercita estes direitos sexuais.*

*1 O DIREITO À LIBERDADE SEXUAL – A liberdade sexual está relacionada à possibilidade dos indivíduos em expressar sua plenitude sexual. Contudo, isto exclui todas as formas de coerção, exploração e abuso em qualquer época ou situações na vida.*

*2 O DIREITO À AUTONOMIA SEXUAL, INTEGRIDADE SEXUAL E À SEGURANÇA DO CORPO SEXUAL – Este direito envolve a capacidade de tomar decisões autônomas sobre a sua própria vida sexual num contexto de ética pessoal e social. Também se relaciona com o controle e o prazer de nossos próprios corpos livres de tortura, mutilação e violência de qualquer tipo.*

*3 O DIREITO À PRIVACIDADE SEXUAL – Este envolve o direito às decisões individuais e aos comportamentos ou condutas em relação à intimidade desde que não interfiram nos direitos sexuais dos outros.*

*4 O DIREITO À JUSTIÇA (equidade) SEXUAL – Este se refere a libertação de todas as formas de discriminação*

---

<sup>33</sup> A Declaração dos Direitos Sexuais, texto original em inglês, como também em espanhol, italiano e francês está disponível no site <http://www.worldsexology.org>. Acesso em 04/03/09 às 19h 07 min.

*relacionadas a sexo, gênero, orientação sexual, idade, raça, classe social, religião ou incapacidades físicas ou emocionais.*

5 O DIREITO AO PRAZER SEXUAL – *Prazer sexual, incluindo o auto-erotismo, é uma fonte de bem estar físico, psicológico, intelectual e espiritual.*

6 O DIREITO À EXPRESSÃO SEXUAL EMOCIONAL – *A expressão sexual é mais do que prazer erótico ou atos sexuais. Os indivíduos têm direito a expressar sua sexualidade através da comunicação, do toque, da expressão emocional e do amor.*

7 O DIREITO À LIVRE PARCERIA SEXUAL – *Isto significa a possibilidade de casamento ou não, de divórcio e do estabelecimento de outros tipos de associações sexuais responsáveis.*

8 O DIREITO A FAZER ESCOLHAS REPRODUTIVAS LIVRES E RESPONSÁVEIS – *Isto diz respeito ao direito em decidir ter ou não ter filhos, o número e o intervalo de tempo entre cada um e o direito ao pleno acesso aos métodos de controle da fertilidade.*

9 O DIREITO À INFORMAÇÃO BASEADA NA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA – *Este direito implica que a informação sexual dever ser gerada por uma pesquisa científica ética e difundida por meios apropriados a todos os níveis sociais.*

10 O DIREITO À EDUCAÇÃO SEXUAL INTEGRAL – *Este é um processo vitalício que se inicia com o nascimento e perdura por toda a vida e deveria envolver todas as instituições sociais.*

11 O DIREITO À ATENÇÃO a SAÚDE SEXUAL – *A atenção com a saúde sexual deveria estar acessível para a prevenção e tratamento de todas as preocupações, problemas e doenças sexuais.*

Segundo Furlani (2005), essa abordagem traz consigo “um efeito recente, no contexto da educação, das mídias, das instituições públicas, dos Conselhos Profissionais (médicos/as, professores/as, psicólogos/as, etc.): as discussões sobre ética sexual” (FURLANI, 2005, p. 220).

Acreditamos que um trabalho de educação sexual na escola baseado nessa abordagem ainda encontra muitas barreiras pelo próprio desconhecimento da existência da Declaração dos Direitos Sexuais por parte de professores e alunos.

Tomamos conhecimento dessa declaração, no Curso de Capacitação de Professores em Homossexualidade<sup>34</sup> do qual participamos em 2006.

#### **4.9. Concepção “queer”**

O termo “queer”, nos países de língua inglesa, sempre foi usado como expressão da homofobia para humilhar e envergonhar pessoas definidas como esquisitas, estranhas, ou seja, por apresentarem suas identidades sexual e de gênero fora dos padrões da “normalidade” instituída e esperada. Surge da cultura intelectual gay e lésbica a partir da década de 1980, inspirada pela crítica aos modelos de definição das identidades sexuais e de gênero e na desconstrução como um método de crítica literária e social. Essa teoria rejeita a posição de um essencialismo sobre a identidade sexual e admite os predicados normativos e homofóbicos construídos historicamente sobre o termo queer, fazendo disso uma bem humorada afirmação paródica dessa inscrição negativa, o que demonstra a resistência e proposital ironia à heteronormatividade (FURLANI, 2005)

Assim,

... uma postura pedagógica, baseada numa atitude queer, poderia ser, rigorosamente contra qualquer forma de normatização da sexualidade. Os procedimentos didático-metodológicos buscariam intervenções críticas ou subversivas das relações opressivas no âmbito do espaço escolar entre a sexualidade heteronormativa e os regimes dos gêneros, na tentativa de demonstrar como a produção da normalidade é intencional, histórica, política e, sendo assim, instável, contingencial e mutável (FURLANI, 2005, P. 235).

A teoria “queer” confronta-se diretamente com a concepção normativa presente nos currículos escolares, conforme citamos anteriormente<sup>35</sup>.

#### **4.10. Concepção emancipatória**

Nunes (2000) afirma que a educação sexual emancipatória, que deve se contrapor aos modelos anteriormente apresentados por ele, pode ser entendida como a “formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e

<sup>34</sup> Realizado pelo Movimento Gay de Minas Gerais, em parceria com Ministério da Educação e Secretaria de Educação da Prefeitura de Juiz de Fora, de março a dezembro de 2006.

<sup>35</sup> Sobre as considerações apresentadas sobre a concepção normativa da educação sexual consultar o modelo nº 2. na página 61.

psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora” (NUNES, 2000, p. 17).

Embora quase não tenha utilizado a palavra emancipação em suas obras, Paulo Freire, que definiu sua pedagogia como libertadora e como forma de transformação social, foi um dos educadores que introduziu no Brasil a idéia de “educação emancipatória” a partir do debate sobre educação popular.

O que é educar nessa ótica emancipatória? Educar é sempre impregnar de sentido todos os atos da nossa vida cotidiana. É entender e transformar o mundo e a si mesmo. É compartilhar mais do que conhecimentos, idéias... compartilhar o coração. Numa sociedade violenta como a nossa é preciso educar para o entendimento. Educar é também desequilibrar, duvidar, suspeitar, lutar, tomar partido, estar presente no mundo. Educar é posicionar-se, não se omitir. (GADOTTI, 2007, p. 42)

Para Paulo Freire, não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos por que brigamos, mas, ao mesmo tempo, dando-lhes provas concretas, irrefutáveis de que respeitamos suas opções em oposição às nossas (FREIRE<sup>36</sup> apud GADOTTI, 2007, p. 43)

Pelo exposto acima, a sexualidade, numa concepção emancipatória, deverá ser científica, crítica, criativa e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre.

#### **4.11. Concepção tradicional - comportamentalista**

Segundo Meirelles (1998), essa concepção, centrada na transmissão do conhecimento, tem como enfoque filosófico uma visão fragmentada de mundo. A concepção de currículo que deriva dessa abordagem centra os conteúdos em um planejamento organizado em disciplinas, baseado na autoridade do professor, prioriza regras, objetivos operacionais e a eficiência do processo. A orientação sexual nessa concepção consiste em uma grande preocupação com a informação. O jovem recebe o maior número possível de informações biológicas em relação à

---

<sup>36</sup> FREIRE, Paulo. Política e Educação. São Paulo: Cortez, 1993.

sexualidade, informações sobre prevenção da AIDS/DST<sup>37</sup>, métodos anticoncepcionais, aborto, homossexualidade, entre outras.

É um modelo difundido em algumas escolas, nas quais o aluno é um mero consumidor de informações, e se contrapõe ao compromisso da educação com a formação, visto que fornece somente informação. A educação sexual vista como uma disciplina de um currículo escolar fechado e fragmentado não consegue unir sua função formativa (atitude de aprender a aprender) com sua função informativa (acumular informações).

#### **4.12. Concepção ambiental**

Visa à plena realização do homem em todos os seus aspectos e à sua sobrevivência. Nessa abordagem, segundo Meirelles (1998), a educação é voltada para a construção de valores e conhecimentos, para a tomada de decisões adequadas à preservação do sujeito, da sociedade e do ambiente humano.

Nessa concepção, sexualidade e educação são processos criativos, dinâmicos e em contínua transformação. Bem próxima da concepção emancipatória, reconhece a multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados e as informações são transmitidas a partir de questões e dúvidas trazidas pelos próprios alunos.

Isso posto, faremos, no próximo capítulo, uma exposição de algumas considerações acerca da sexualidade humana à luz da teoria psicanalítica.

---

<sup>37</sup> Doenças sexualmente transmissíveis.

## 5. SEXUALIDADE NO ÂMBITO DA PSICANÁLISE

Sigmund Freud (1856-1939), fundador da Psicanálise, embora tenha cuidado menos da adolescência do que de outras etapas do desenvolvimento humano, exerceu com suas concepções, direta ou indiretamente, profunda e extensa influência sobre o estudo da adolescência.

Nascida no fim do século XIX, a Psicanálise é, ao mesmo tempo, uma técnica terapêutica, um método de estudo da personalidade, uma teoria da personalidade, que inclui tanto aspectos normais quanto patológicos (PFROMM NETO, 1976).

O interesse da Psicanálise abrange diversas áreas. Psicologia, Filosofia, Biologia, História da civilização, Estética, Sociologia e Educação são alguns dos campos em que os pressupostos da psicanálise poderiam ser utilizados. Nos referimos à contribuição da teoria da Psicanálise, amparada nestes outros campos das Ciências Humanas.

A educação é um tema que sempre esteve presente nas reflexões de Freud, sua teoria desempenhou e ainda desempenha importante papel na compreensão do ser humano no mundo contemporâneo. A Psicanálise tem muito a contribuir com a abordagem pedagógica da sexualidade, pois a educação sexual apoiada nesse referencial possibilita maior entendimento das questões da sexualidade humana. No que se refere ao nosso trabalho de pesquisa, o corte epistemológico a ser feito na obra de Freud abrange a teoria da sexualidade por ele desenvolvida e algumas de suas conexões com a visão de civilização e cultura.

Em *O Mal estar da civilização* (1929), Freud sustenta que a felicidade é algo subjetivo cada pessoa tem sua maneira de alcançá-la e ainda, para alcançar essa felicidade, cada sociedade cria suas próprias exigências quanto a civilização. Expressa também suas preocupações com a displicência no preparo dos jovens para as questões de sexualidade

Que a educação dos jovens nos dias de hoje lhes oculta o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não constitui a única censura que somos obrigados a fazer contra ela. Seu outro pecado é não prepará-los para a agressividade da qual se acham destinados a se tornarem objetos. Ao encaminhar os jovens para a vida com essa falsa orientação psicológica, a educação se comporta como se devesse equipar pessoas que partem para uma expedição polar com trajes de verão e mapas dos lagos italianos. Torna-se evidente nesse fato, que se está fazendo um certo mau uso das exigências éticas. (...) Os jovens são levados a acreditar que todos os outros cumprem as exigências éticas – isto é, todos os outros são virtuosos. E nisso se baseia a exigência de que também os jovens se tornem virtuosos (FREUD, 1989, v. XXI, p. 158)

De acordo com os estudos de Verardo (1989), no século XIX, quando Freud iniciou seus estudos a respeito das neuroses, a literatura não fazia diferenciação entre o que fosse sexo e o que fosse sexualidade. Desde o início de suas pesquisas Freud considerou o sexo como marca biológica dos seres vivos, considerando-o no ser humano como elemento genital, como união dos órgãos genitais para a realização do coito. Já a *sexualidade* foi assim definida, considerando o conjunto da obra de Freud:

Na experiência e na teoria psicanalíticas, “sexualidade” não designa apenas as atividades e o prazer que dependem do funcionamento do aparelho genital, mas toda uma série de excitações e de atividades presentes desde a infância que proporcionam um prazer irredutível à satisfação de uma necessidade fisiológica fundamental (respiração, fome, função de excreção, etc.), e que se encontram a título de componentes na chamada forma normal do amor sexual (LAPLANCHE e PONTALIS, 2000, p. 476)

Em seu trabalho “*Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade*” (1905), Freud dedicou-se ao estudo da sexualidade infantil. A partir desse ensaio e de revisões posteriores, foi possível esboçar esquematicamente o desenvolvimento de uma linha de continuidade sexual desde a infância até a maturidade.

Para Freud, a sexualidade é a fonte motivadora do desenvolvimento humano. Na infância, é prazerosa ocorrendo, sob forma de estímulos, em diversas partes do corpo, sem representar uma manifestação patológica. Essa manifestação sexual nada tem a ver com as práticas sexuais genitais de um adulto. A sexualidade evolui de acordo com as etapas de desenvolvimento, as quais Freud denominou “*fases libidinais*”:

FASE ORAL ↔ FASE ANAL ↔ FASE FÁLICA ↔ PERÍODO DE LATÊNCIA ↔ FASE GENITAL FINAL.

A primeira dessas fases, a chamada “*fase oral*”, caracteriza-se pela organização da libido em torno da zona erógena labial e pela ausência de um objeto externo, sendo, portanto, auto-erótica. É importante salientar que essa fase nasce apoiando-se em uma função somática vital, a alimentação.

O lugar ligado à satisfação quanto à zona erógena labial é substituído, posteriormente, pelas ações musculares referentes à zona erógena do ânus, na chamada “*fase anal*”, definida a partir da estimulação erógena da zona anal, através da retenção das fezes e posterior defecação no momento considerado oportuno pelo bebê.

A “*fase fálica*”, entre 2 e 5 anos, a terceira dentre as organizações pré-genitais, está mais próxima da organização genital adulta devido a presença de um órgão genital, o pênis, mas dela se diferencia justamente porque reconhece apenas um órgão genital, o masculino, e não ambos como se dá na fase genital final do adulto.

Freud descreve a fase fálica, somente do ponto de vista masculino. Assim, ele mostra como o menino, inicialmente, presume que todos os seres vivos ou inanimados possuem um órgão como o seu. Apenas no decurso de suas pesquisas sexuais, descobre, posteriormente, que o pênis não é comum a todas as criaturas. Nesse momento sua primeira reação é de rejeição diante da ausência do pênis notada em alguma menina. Numa segunda percepção, o menino chega, então, à conclusão de que o pênis estivera lá, mas foi retirado, surgindo, daí, o “*complexo de castração*”. O complexo de castração está diretamente relacionado à primeira das teorias sexuais das crianças, a que atribui a todos a posse de um pênis.

À *teoria da presença do pênis* em todas as criaturas sucedem a *teoria cloacal do nascimento*, segundo a qual o bebê é expelido pelo ânus – decorrência da primeira teoria que não previa a existência da vagina e sim de um pênis na mulher – e a *teoria da concepção sádica do coito*, que se origina do fato de a criança ter testemunhado uma relação sexual entre os pais, encarando-a como algo imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco.

Outra questão relativa à sexualidade infantil é o “*Complexo de Édipo*” que, estreitamente ligado ao complexo de castração, tem um papel central na passagem da fase fálica ao período de latência. Vivido de maneira diferente pelo menino e pela menina, o complexo de castração determina, na menina, a entrada no Complexo de Édipo. Ao perceber a ausência do pênis, ela se sente injustiçada e passa a desejar o pênis paterno; já, no menino, marca o fim do Complexo de Édipo, uma vez que o receio de castração o faz desistir dos objetos parentais.

O declínio do Complexo de Édipo, que teve seu apogeu na fase fálica, determina a entrada do indivíduo no *período de latência*, que vai dos 5 ou 6 anos até a puberdade, significando uma pausa na evolução da sexualidade. É no período de latência que ocorre o recalque dos impulsos sexuais para dar espaço ao desenvolvimento de outras habilidades sociais, melhor desempenho escolar e desportivo da criança.

Já na “*fase genital*”, que acontece na entrada da adolescência, há o reavivamento do impulso sexual e o objeto de satisfação passa a ser o outro (e não apenas o próprio corpo, como ocorre na fase fálica), antecedendo o desenvolvimento dos relacionamentos sexuais adultos.

Muitas foram as contribuições da teoria psicanalítica. No que tange ao estudo da sexualidade infantil, o grande mérito de Freud foi perceber a linha de continuidade do desenvolvimento da sexualidade que une a infância à maturidade. A visão conservadora da época que via a criança como um ser assexuado levava, antes, a se pensar em um surgimento abrupto da sexualidade na puberdade.

Além disso, desde suas primeiras obras, Freud realçou a importância do esclarecimento sexual das crianças, com o intuito de evitar o desenvolvimento de uma visão negativa e plena de culpa em relação à vida sexual. Nesse sentido, não foram escassas suas críticas à hipocrisia com que a sociedade tratava, na sua época, e, lamentavelmente, acreditamos que ainda trata, a sexualidade humana.

De acordo com as ideias expostas em suas obras, podemos concluir que para Freud, a educação sexual da criança é muito mais que esclarecimento sexual. A satisfação de suas dúvidas e curiosidades, é também o esclarecimento teórico e com certeza, científico, dos adultos sobre a sexualidade e sobre a necessidade que

têm as crianças de saber sobre o assunto, saber sobre si mesmas, sobre suas transformações sexuais, acompanhando suas transformações intelectuais.

Considera ainda, que a melhor hora para esclarecer as dúvidas sobre sexualidade é a hora que a curiosidade aflora e que o esclarecimento deve ser franco, verdadeiro e em linguagem que a criança ou o jovem possa entender. Tais considerações de Freud mostram-se bem atuais, embora sejam do início do século XX.

Outro aspecto essencial da obra de Freud é a reflexão que este empreende acerca das pressões exercidas pela civilização e cultura no âmbito da sexualidade humana. Afirmava que não é do agrado da civilização que a sexualidade seja vivida como uma fonte de prazer por si própria. Restrições e proibições fazem com que o domínio da moral prescreva um único tipo de vida sexual aceitável, sem levar em consideração as diferenças dos seres humanos em suas constituições sexuais. Mesmo o amor genital heterossexual é restringido na medida em que a monogamia é valorizada e legitimada.

O antagonismo entre civilização e vida instintual é analisado especialmente no âmbito da moral, específica de cada época, e a psicanálise relaciona a alta incidência de doenças nervosas com a moral advinda da vida civilizada moderna, caracterizada por uma repressão nociva da vida sexual.

Dessa forma, Freud abre caminhos para uma reflexão acerca das imposições culturais, morais e familiares na vivência da sexualidade humana.

Medos, alegrias, dúvidas e expectativas diversas permeiam o universo adolescente. Quando se trata de sexualidade, essas expectativas se manifestam de diversas formas, desde a curiosidade natural ao medo de tocar no assunto ou até mesmo o sentimento de culpa, muitas vezes provocado por repressão dos adultos.

Por esses e tantos outros motivos que nos aproximam dos jovens, seja como educadores, ligados por vínculos familiares ou de amizade, consideramos imprescindível conhecermos um pouco mais essa fase tão intrigante quanto fascinante de nossas vidas, a adolescência.

No próximo capítulo, abordaremos algumas características da adolescência à luz da teoria psicanalítica, uma vez que, além dos motivos expostos acima, é nesse período da vida que se encontram os alunos que se constituíram como sujeitos

desta pesquisa. É também o período de nossas vidas em que as dúvidas em assuntos relacionados ao sexo se manifestam com maior intensidade.

## 6. CONVERSANDO SOBRE ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE

Adolescere é uma palavra latina que significa processo de crescimento, o indivíduo apto a crescer [ad = a, para + olescer = crescer] (PFROMM NETTO, 1976).

Os dicionários registram que adolescência é o período da vida humana entre a puberdade e a virilidade, “fase que sucede à infância começando com a puberdade e caracterizando-se por mudanças físicas e psicológicas” (CEGALLA, 2005, p. 32).

Embora a adolescência não possa ser definida cronologicamente com exatidão, é possível delimitá-la como sendo o período que se inicia quando a pessoa mostra sinais de puberdade e finda com a maturidade sexual.

A adolescência está sempre relacionada a um período de transição, no qual devem ser levados em consideração diferentes critérios ao defini-la. Pfromm Neto (1976) apresenta-nos algumas dessas características:

De acordo com o critério cronológico, a adolescência se encaixa na faixa etária compreendida entre os 10 e 21 anos de idade, variando de pessoa para pessoa.

A adolescência biológica, iniciada com a puberdade, caracteriza-se pelas alterações no organismo do indivíduo que o torna apto à procriação. Além do crescimento em altura, ocorre também o alargamento do quadril das meninas e dos ombros dos meninos (por não ser um crescimento uniforme, surge, muitas vezes, uma sensação de “desajeitamento” no corpo). Este também é o período em que se desenvolvem os caracteres sexuais secundários, como o crescimento dos seios nas meninas e o surgimento de pelos axilares e pubianos em ambos os sexos. Um aspecto importante nesse processo é o surgimento da menarca na mulher e a primeira ejaculação do homem.

Já a adolescência psicológica pode ser tanto caracterizada por um período de adaptação às normas culturais de um grupo – quando se pretende realçar a importância dos fatores culturais –, quanto pode ainda ser definida como uma etapa crucial do processo de formação da personalidade do indivíduo, se vista pelo prisma psicanalítico. É importante ressaltar que ambas se complementam, ou seja, fatores psicológicos e fatores sócio-culturais, combinados influenciam na constituição desse importante período da vida, a adolescência.

Portanto, nesse sentido, o *adolescer* é um processo interno de desenvolvimento, que sofre também a ação do mundo externo, o qual pode tanto obstacularizá-lo, quanto facilitá-lo.

De acordo com seus estudos dentro da Psicanálise, Aberastury (1992) estabelece a existência de três lutos fundamentais nessa transição da infância para a idade adulta. São eles:

- *o luto pela perda do corpo infantil*, quando o adolescente começa a perceber as transformações de seu corpo e atribui a isso uma invasão externa;
- *o luto pela perda da identidade infantil*, o que implica a renúncia da dependência infantil e um certo mal-estar de responsabilidades ainda desconhecidas;
- *o luto pela perda dos pais na infância*, o desprendimento leva a receios quanto à perda do refúgio e proteção que estes outrora significavam.

Além dos diferentes critérios e dos lutos da adolescência já citados por Pfromm Netto (1976) e Aberastrury (1992), respectivamente, destacamos características que, segundo Knobel<sup>38</sup> (1992), definem o período da adolescência.

Knobel, cujas obras baseiam-se na abordagem psicanalítica, não exclui as influências sócio-culturais do meio na vida das pessoas. Concebe a adolescência como um período normal da vida humana, porém repleto de conflitos e por isso o chama de “síndrome normal da adolescência”. Essa aparente contradição da proposta (síndrome = transtorno, porém normal) é proposital, conforme nos

---

<sup>38</sup> Maurício Knobel, psicanalista e psicoterapeuta argentino, radicalizado brasileiro em 1985. Professor Emérito da Unicamp, dedicou-se ao estudo da criança e do adolescente. Casou-se com a também professora, Clara Freud, sobrinha-neta de Freud, o Pai da Psicanálise. Faleceu em 22/01/2008.

esclarece a Professora Marília Vizzotto<sup>39</sup> em artigo<sup>40</sup> publicado em homenagem ao autor por ocasião de sua morte em 2008, pois Knobel considerava normais os transtornos, conflitos e comportamentos atípicos na adolescência, comportamentos esses, que na vida adulta seriam considerados patológicos pela Psicanálise.

Expusemos aos alunos da escola pesquisada as dez características que Knobel descreve como universais à adolescência e conversamos com eles sobre cada uma delas. Algumas opiniões serão registradas após a apresentação da característica, nem todas as características apresentadas foram motivo de discussão entre os alunos.

A busca de si mesmo e da identidade, reflete o processo de separação das figuras parentais. É comum nesta fase a identificação temporária do adolescente com figuras externas ao meio familiar.

- A tendência grupal é uma forma de o adolescente transferir para o grupo de amigos com o qual se identifica a dependência que anteriormente era direcionada apenas à família, especialmente aos pais.

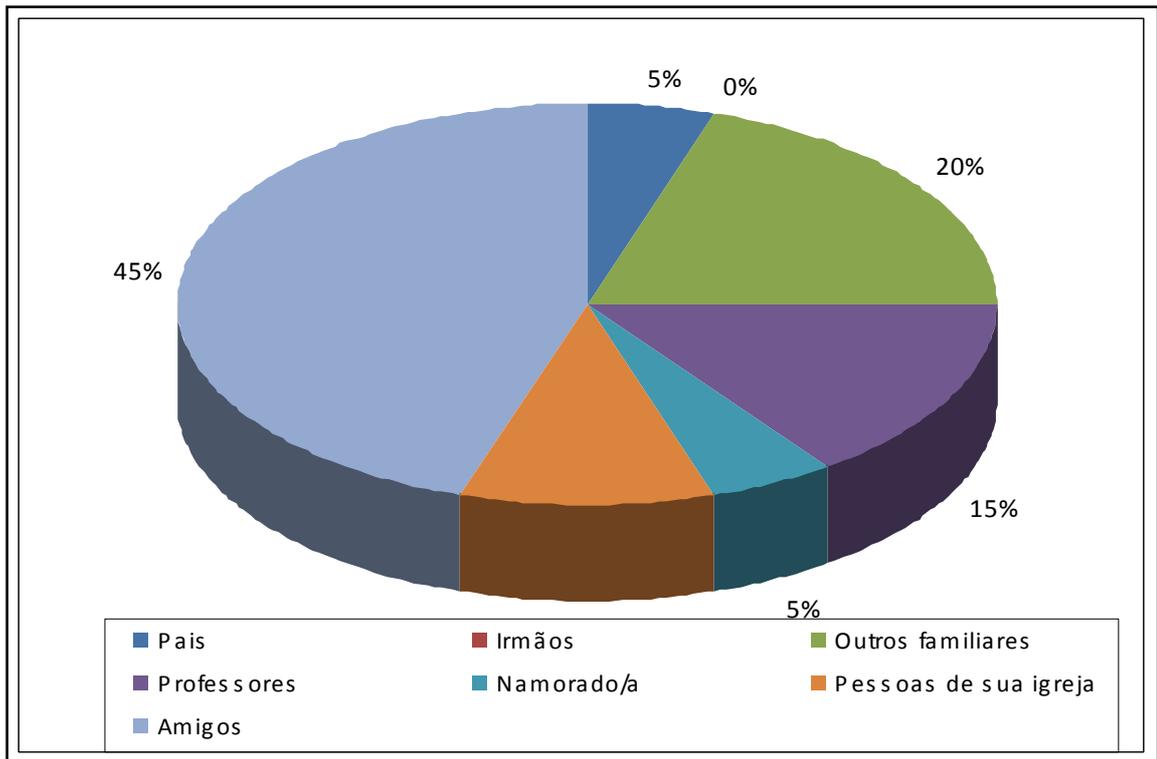
Pudemos constatar tal característica nas respostas dadas à pergunta número 6 (seis)<sup>41</sup> do questionário aplicado aos alunos, na qual 45% (quarenta e cinco por cento) das respostas apontam os amigos como sendo as pessoas com quem conversam sobre sexualidade, conforme gráfico que será apresentado a seguir.

---

<sup>39</sup> Marília Martins Vizzotto, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC/Campinas, Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Professora titular da Universidade Metodista de São Paulo (Programa de Mestrado e de graduação em Psicologia).

<sup>40</sup> O artigo completo está disponível no site <http://www.leilatardivo.com.br>. Acesso em 06/07/2009 às 14h 37min.

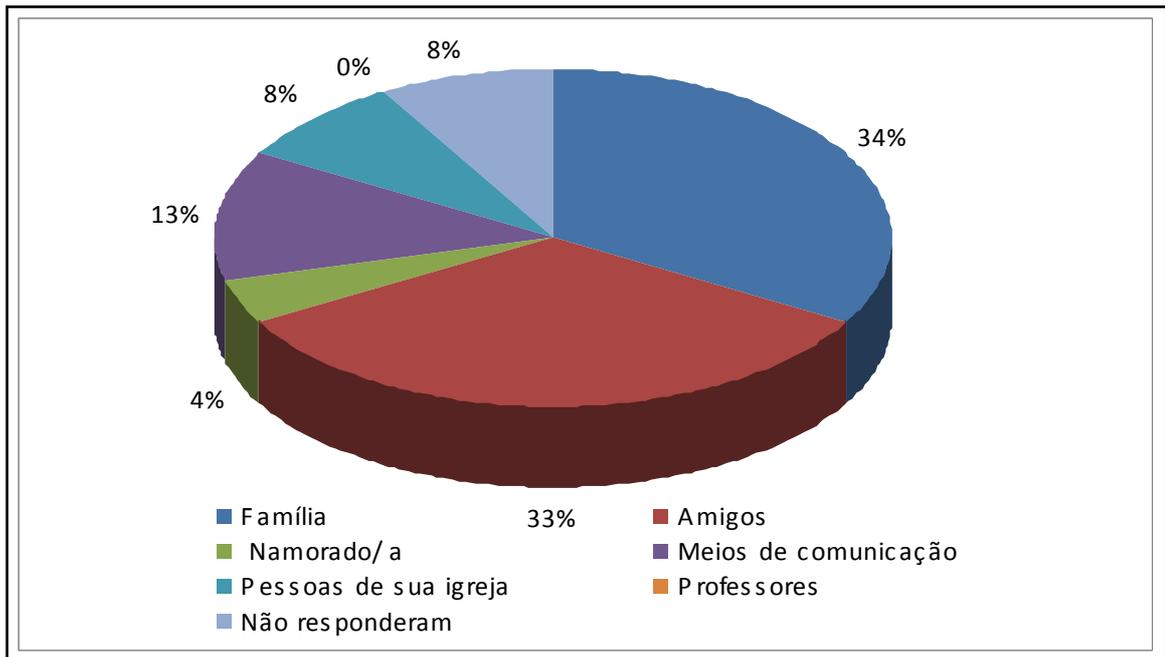
<sup>41</sup> Com quem você conversa sobre sexualidade?



**Gráfico 9 – Com quem você conversa sobre sexualidade?**

O mesmo aconteceu nas respostas da pergunta número 9 (nove)<sup>42</sup>, na qual elegeram as opiniões da família e dos amigos como sendo as que são levadas em conta ao tomar decisões quanto ao comportamento sexual, 34% (trinta e quatro por cento) e 33% (trinta e três por cento) respectivamente, como podemos verificar no próximo gráfico.

<sup>42</sup> Que opiniões você leva mais em conta ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?



**Gráfico 10** – Que opiniões são levadas em conta pelos jovens ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?

E, ainda, numa das entrevistas, ao perguntarmos a cada um o que consideravam mais importante na fase que estão vivendo, houve unanimidade entre os adolescentes em atribuir aos amigos maior importância. Apresentamos alguns relatos.

*Os amigos são muito importantes porque estão sempre perto da gente (Marcos, 15 anos).*

*Confio muito nos meus amigos, eles são super importantes para mim (Mateus, 14 anos).*

*Tenho poucas amigas, mas são verdadeiras, é como se fossem da minha família, me sinto bem quando estou com elas (Bruna, 15 anos).*

*Quando a gente tá com os amigos, parece assim... (pausa) que a gente tá segura, dá uma força na gente (Ana Maria, 14 anos).*

- As crises religiosas são caracterizadas pela mudança de posicionamentos no campo religioso. De acordo com os jovens entrevistados, essa afirmação não é regra, a maioria acredita que depende muito da conduta da família.

*“Se a pessoa tem uma família que é firme na religião, vai continuar tendo, pode até questionar algumas coisas, mas não muda de uma hora para outra só porque se tornou adolescente” (Mateus, 14 anos).*

- Atitude social reivindicatória. A sociedade impõe restrições ao adolescente e este encontra dificuldades em expressar suas demandas e sugestões.

A expressão coloquial “aborrescente” reflete bem a distância imposta ao adolescente em relação ao mundo adulto, distância que se materializa em estereótipos, que não só caracterizam os jovens, como procuram afastá-los e desautorizá-los a se inserirem na ambivalência dita de maturidade. Contra essa tendência instala-se a atitude social reivindicatória do adolescente, funcionando como um impulsionador salutar nas mudanças sociais.

O uso do termo “aborrescência” pelos adultos foi um dos assuntos discutidos com os alunos em uma de nossas entrevistas da qual apresentamos as seguintes observações:

- Todos os alunos conhecem o termo e o definem como sendo a junção de adolescência com aborrecimento, com chatice, com pessoa enjoada.
- É amplamente utilizado por familiares e por alguns professores em relação aos adolescentes.
- Alguns jovens encaram seu uso com bom humor, outros nem tanto. A aceitação ou não desse rótulo depende muito de quem o utiliza.

Vejamos alguns depoimentos:

*“Eu nem ligo quando me chamam de aborrescente, acho que as pessoas falam isso só para tentar me irritar, mas não conseguem”. (Henrique, 14 anos).*

*“Podem me chamar de aborrescente à vontade, eu aborreço mesmo”. (Ana Maria, 14 anos).*

*“Quando é minha mãe que fala isso de mim, eu nem ligo, não gosto é quando os outros falam.” (Bruna, 15 anos).*

*“Tem hora que a gente merece ser chamado assim, tem hora que a gente abusa e faz coisas só para irritar os outros”. (Márcio, 15 anos).*

*“Acho que as coisas que faço não aborrecem ninguém, se me chamam de aborrescente, aí é que eu aborreço mesmo”. (Daniel, 15 anos).*

- Constantes flutuações de humor e estado de ânimo. Sobre essa última característica destacamos duas opiniões diferentes entre os alunos entrevistados:

*“Tem dia que a gente tá mal humorado e tem dia que tá bem humorado. Tem dia que a gente não quer muito papo, em outros tá tudo em cima. Eu não acho que isso é coisa de adolescente, porque tem adulto que é assim também, tem professora que chega aqui de um jeito...(pausa). Esse negócio de mau humor é de cada pessoa, não importa se é adolescente, criança ou adulto”. (Mateus, 14 anos).*

*“Eu fico mal humorada do nada. Tem dia que nada tá bom, brigo com as pessoas, choro à toa. Minha mãe fala que essa fase vai passar à medida que eu for ficando mais velha”. (Paula, 16 anos).*

Questionamos com os alunos se essas flutuações de humor são coisas de adolescentes ou qualquer pessoa está sujeita a essas crises independente da idade. A maioria da turma concorda com o posicionamento do aluno Mateus de que variações de humor independem da idade, mas admitem que o deles varia demais.

Apresentamos, ainda, as seguintes características da adolescência segundo Knobel, mas que não foram destacadas pelos alunos: *intensa vida de fantasia*, o que seria uma fuga para o mundo interior; *a separação progressiva dos pais*, é possível que o adolescente tenha a tendência de desvalorizar as figuras parentais, buscando uma identificação com personalidades idealizadas por eles, os ídolos (artistas de cinema ou TV, desportistas, cantores); *atemporalidade ou destemporalidade*, caracteriza-se pela dificuldade que o adolescente pode apresentar em diferenciar o tempo presente, passado e futuro; *conduta direcionada mais pela ação do que pelo pensamento*, o adolescente passa por processos de projeção e introjeção intensos e variáveis, o que o impede de ter uma linha de conduta rígida; *evolução sexual*, se desenvolve a partir da atividade masturbatória, exercício genital de caráter exploratório. São comuns também as experiências homossexuais nesta fase, o que não significa que tais experiências se cristalizem como definitivas.

A seguir apresentaremos várias definições de adolescência apresentadas por diferentes autores, pelos adolescentes e professores entrevistados.

Tiba, 1986 afirma que alguns autores definem a adolescência como um período de crise em nossa sociedade, pois as modificações físicas e psicológicas

são marcadas pelo social, causando sofrimento no adulto em formação, mas felizmente existem diferentes conotações.

Osório define essa chamada “crise da adolescência” como

Crise vital como o são tantas outras ao longo da evolução do indivíduo (o desmame, o início da socialização ao término da primeira infância, o climatério, etc...), (...) crise normativa, isto é, momento evolutivo assinalado por um processo normativo, de organização ou estruturação do indivíduo (1989, p.14).

Creston afirma que as imagens do adolescente elaborada pelos adultos são variadas e contraditórias.

O adolescente é, por vezes, pintado em cores sombrias, como alguém que fatalmente se meterá em complicações. Outras vezes, mesmos nos nossos dias, é descrito como jovem ingênuo, estranho ao mundo corrupto dos adultos. Às vezes é um indivíduo perigoso, capaz de subverter o equilíbrio alcançado pelos adultos; outras é um ser frágil, dependente, carecendo de ajuda e encorajamento. E mais: tanto aparece como indivíduo sexualmente pujante, a ser mantido à rédea curta, como acanhado, inexperiente, um tímido a quem é necessário levar aos poucos, o conhecimento do amor... (CRESTON, 2000, P. 34).

Caridade (1997) analisa a adolescência de forma um tanto poética

A literatura refere-se a esse tempo como sendo de crise. Questiono esse ópio literário. Será mesmo crise o sentimento do jovem frente a seu tempo ou ele se sente em explosão de vida em descoberta? Se a infância é o poço do ser, a adolescência é como a água que brota desse poço. A água que jorra com intensidade. O adolescente é impelido a viver uma pluralidade de experiências que não temos o direito de patologizar. São condutas de busca que marcam descobertas e afirmações (CARIDADE, 1997, p 48).

Em seus estudos sobre adolescência, Kalina e Grynberg (1985) afirmam que oposta à nossa cultura é a adolescência em algumas tribos primitivas. Conflitos e confrontos não chegam a se instalar, já que a estrutura social exige uma rápida adaptação do adolescente aos padrões adultos. Em algumas dessas culturas, uma simples cerimônia de iniciação, seja arrancar um dente incisivo da menina, ou sair-se bem em uma luta, para o menino, assegura a ambos o privilégio imediato de desfrutarem prerrogativas da vida adulta. Podem ter relações sexuais, casar, ter filhos, família... ou seja, trocam a posição de submissão pela autonomia, deixando a infância para trás.

Por ser um fenômeno arraigado nas estruturas sociais, a adolescência pode ter diferentes expressões e formas que se evidenciam como resultantes das pressões e influências do meio em que se instala. Para entender o significado real da adolescência, é preciso conhecer o contexto no qual está inserida. Assim, quanto mais rígida e estratificada for a cultura, maior a crise a que o adolescente poderá estar exposto.

Para Outeiral (1994), a adolescência é um momento muito criativo em função, entre outras coisas, de ser um período de transformações. É nessa etapa da vida que se conquista o chamado pensamento formal, que oportuniza à pessoa raciocinar sobre hipóteses e elaborar conclusões a partir delas. Essa nova possibilidade de pensamento, exercitada pelo adolescente em seu dia a dia, propicia-lhe um novo tipo de relações com o mundo adulto.

Dayrell (2003), refere-se à adolescência como parte de um processo de constituição do sujeito, que passa por mudanças corporais, afetivas e sociais, com especificidades próprias, “não se reduz a uma passagem de tempo; ela assume importância por si mesma” (DAYRELL, 2003, p. 42).

Perguntamos aos alunos, sujeitos de nossa pesquisa: O que é adolescência?

*... ter amigos, muitos amigos. (Ana Maria, 14 anos).*

*... é uma fase da vida em que a gente vai deixando de ser criança, vai tomando responsabilidade... (Mateus, 14 anos).*

*... ser adolescente é quase ser adulta, só que com menos responsabilidade, a gente não tem que “ralar!”, cuidar de casa, de criança... posso até ajudar, mas não é só minha responsabilidade. (Bruna, 15 anos).*

*... adolescência é a fase que a gente começa a sair sozinha, namorar, quer se arrumar melhor, começa a pensar em trabalho, profissão... (Danielle, 14 anos).*

*... é ter amigos, sair, jogar bola, a pior parte é o danado do bigode que começa a crescer, porque o cabelo das pernas dá para esconder usando calça comprida, mas o bigodinho... (Gabriel, 15 anos).*

*... é uma época de muita dúvida, tem dia que nada tá bom e tem dia que tá tudo ótimo. (Elisa, 14 anos).*

*... é curtir a vida. (Marina, 14 anos)*

*... é se preparar para o futuro, pensar numa profissão, querer ficar independente. (Marcos, 15 anos).*

Conversamos com duas professoras e pedimos também a elas que definissem adolescência.

*Adolescência é um período em que as crianças vão tomando corpo, as meninas têm a primeira menstruação e os meninos também começam com mudanças no corpo e na voz. Eles vão ficando mais rebeldes, desobedientes, mais debochados, perdem a inocência de criança. (Professora Vilma)*

*Adolescência é a passagem da infância para a idade adulta e é marcada por transformações físicas e psicológicas. É um período em que surgem algumas crises, mas é uma fase muito legal. (Professora Denise)*

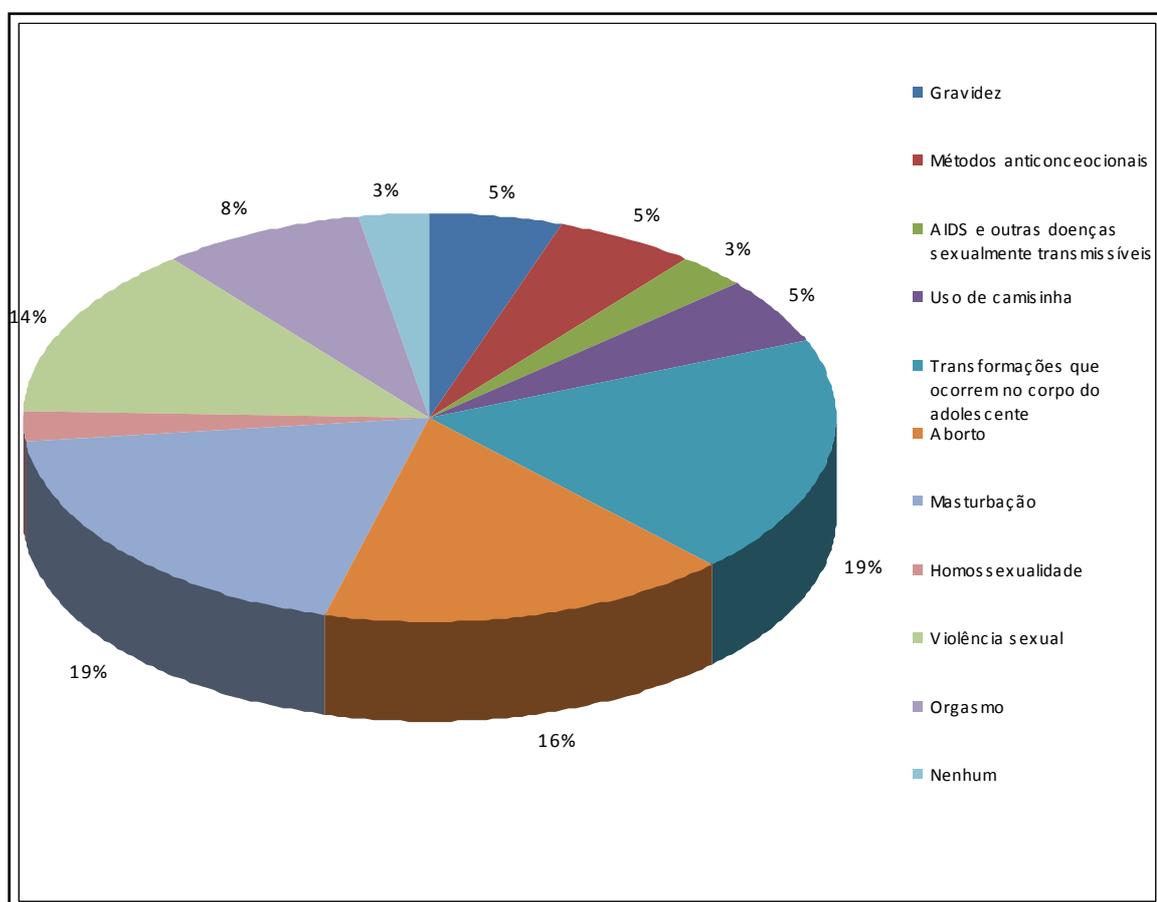
Observamos que o discurso de uma das professoras traz a questão das mudanças físicas como marcante na adolescência e, entre os alunos, há destaque maior para as mudanças sociais e psicológicas. É notório um posicionamento positivo em relação à adolescência por parte dos alunos no que se refere às transformações psicológicas, falam em alegria, em futuro, em amizade, já uma das professoras enfatizou essas transformações somente em seus aspectos pejorativos, falou em rebeldia e deboche.

É nesse período de adolescência, tão complexo, tão rico e dinâmico da vida humana, que a sexualidade assume novos matizes. As expectativas dos adolescentes e os desafios dos educadores tornam premente uma discussão sobre as diferentes abordagens de sexualidade, principalmente aquelas que estão presentes no cotidiano das escolas.

Para que possamos compreender melhor o jovem com o qual convivemos diariamente em nossas escolas e sua relação com as questões ligadas à sexualidade, estamos propondo maior aprofundamento em aspectos da sexualidade adolescente expondo temas considerados polêmicos em relação a essa temática ou que despertam maior interesse e dúvidas nos jovens, ou, ainda, que são muito enfatizados pela mídia.

## 7. SEXUALIDADE: CURIOSIDADES, VIVÊNCIAS E DESAFIOS DOS ADOLESCENTES

Os temas que serão expostos foram selecionados a partir do interesse demonstrado pelos alunos nas respostas à questão nº 10 (dez)<sup>43</sup> do questionário respondido por eles e no desenvolvimento das entrevistas. O gráfico nos apresenta os temas de maior interesse e/ou dúvidas dos jovens em relação à sexualidade.



**Gráfico 11** – Assuntos que despertam maior interesse e/ou mais dúvidas aos jovens em relação à sexualidade.

<sup>43</sup> A questão 10 do questionário aplicado aos alunos refere-se ao levantamento de temas sobre os quais os jovens revelam ter mais dúvidas ou que gostariam de conversar sobre eles.

Não estabelecemos um critério rígido de divisão por assuntos para discuti-los com os jovens. Nossa intenção era ouvi-los, esclarecer possíveis dúvidas, passar uma mensagem positiva sobre sexualidade. Para tal, realizamos uma breve pesquisa sobre os vários temas, que por sua vez, suscitaram outros durante as entrevistas. Serão apresentados a seguir alguns dados e posicionamentos de autores sobre cada assunto, opiniões e dúvidas dos alunos e nossas conclusões a partir das conversas com os mesmos.

Iniciamos nosso 3º encontro com os jovens conversando sobre as primeiras experiências sexuais na adolescência e como essa fase de descobertas está sendo vivenciada por eles, ainda que o ato sexual não tenha se concretizado para alguns/algumas.

Inspiramo-nos em um pequeno trecho da obra de José Lins do Rego, “Menino de Engenho”, publicada pela primeira vez em 1932, na qual o autor retrata a realidade dos engenhos de cana no Nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX.

“Tinha uns 12 anos quando conheci uma mulher, como homem. Andava atrás dela, beirando a sua tapera de palha, numa ânsia misturada de medo e de vergonha. Zefa Cajá era a grande mundana dos cabras do eito. Não me queria. \_ Vá se criar, menino enxerido. Mas eu ficava por perto, conversando com ela, olhando para a mulata com vontade mesmo de fazer coisa ruim. Ficou comigo uma porção de vezes (...) Mas eu tinha que pagar o meu tributo antecipado ao amor. Apanhei doença do mundo. Escondi muitos dias do povo da casa grande. (...) Foi um escândalo. - Daquele tamanho, e com gálico! (...) E riam-se, como se fosse uma coisa inocente este libertino de 12 anos...” (REGO, 2003, p. 98-99)

Personagem inesquecível da literatura brasileira, o menino Carlinhos relata sua iniciação sexual com uma mulher mundana, experiência vivenciada por um grande número de jovens até poucas décadas atrás.

Perguntamos aos alunos: Que mudanças aconteceram nos últimos anos quanto à iniciação sexual dos jovens? Ainda é comum que as primeiras experiências sexuais dos rapazes aconteçam com prostitutas? E quanto às meninas?

*Hoje em dia não precisa de prostituta, é fácil arrumar mulher, difícil é o lugar pra fazer as coisas (Álvaro, 17 anos.)*

*As meninas de antigamente se guardavam mais, por isso os caras procuravam as prostitutas, hoje em dia todas as meninas transam (Marcos, 15 anos).*

*Para transar tem que ter um namoro sério, de mais tempo... não é assim com qualquer um não! (Marina, 14 anos).*

*Umás meninas têm relacionamento sério, namoram há um tempo e até pensam em transar com o namorado, mas pensam: Como? Onde? É complicado! (Paula, 16 anos).*

*Se a gente tá acostumada a sair, e fica com uns caras de vez em quando, a gente nem pensa em transar, mas quando começa a namorar sério e os pais deixam levar em casa, eles ficam regulando, ficam vigiando... até parece que a gente vai sair por aí transando. As vezes até pensa, né? (Bruna, 15 anos).*

Concluimos pelo relato dos alunos que a despeito de, atualmente, existir mais facilidade e permissão mútua para que os adolescentes tenham suas primeiras experiências sexuais com seus pares, há uma certa dificuldade quanto a locais apropriados onde possam ficar mais à vontade e sem vigilância dos pais e familiares, principalmente quando têm um namorado firme.

Constatamos também que o compromisso de um namoro tem um peso forte nas escolhas, principalmente das moças, que se revelaram mais seletivas e declararam que só permitiriam tais intimidades após um tempo de namoro. Já os rapazes afirmam que, quando um homem procura uma prostituta, é para fazer “coisas diferentes”, e que, para eles, independente de ser uma namorada firme ou uma garota com quem “ficam”, se tiverem oportunidade, terão relações sexuais com a garota.

Essa conversa inicial fez emergir vários assuntos, alguns já previstos anteriormente de acordo com o levantamento prévio de interesses, dentre eles, gravidez, métodos contraceptivos, DST/AIDS, além de crenças sobre sexualidade que são passadas de geração em geração. Serão expostas algumas dessas crenças como sendo mitos e tabus da sexualidade humana.

### **7.1. Mitos e tabus da sexualidade humana**

O termo mito sexual pode ser compreendido como o “conjunto de concepções errôneas e falácias criadas a partir de rumores, superstições, fanatismo ou educação

sexual falha” (GOLDENSON & ANDERSON<sup>44</sup>., apud FURLANI, 2003, p. 18) Já o termo tabu significa sagrado, invulnerável, coisa proibida.

Segundo Furlani (2003, p.15), “perceber os mitos e tabus (principalmente os sexuais), como construções, invenções humanas, frutos do desenvolvimento e da interação sócio-cultural é fundamental ao trabalho de educadores e educadoras sexuais”.

Ainda segundo a autora acima citada, a noção de mito está relacionada ao desconhecimento, à falta de informação ou à análise fantasiosa da realidade. Já o conceito de tabu refere-se à discriminação e ao preconceito relacionados ao conjunto de palavras, atitudes, práticas e valores morais que a sociedade não aceita, conferindo-lhes significados negativos. Normalmente, os tabus sexuais são definidos por aspectos morais e/ou religiosos e variam de acordo com os valores de cada sociedade.

Algumas práticas sexuais são consideradas mito e tabu ao mesmo tempo, pois, além de estarem associadas a informações errôneas, carregam em si forte carga de preconceito.

Manter tabus interessa a determinados grupos, pois a manipulação de conceitos por alguns leva à possibilidade de dominação de muitos. Dessa forma o mito passa a ter um papel disciplinador na sociedade.

Dentre os mitos da sexualidade mais comuns da adolescência, ressaltamos apenas os que despertaram interesse dos alunos. Ressaltamos, contudo, existirem muitos outros que não foram abordados neste trabalho.

Destacamos que dentre os temas de interesse dos alunos, as transformações que ocorrem no corpo do adolescente, suscitaram dúvidas, principalmente no que se refere às diferenças individuais no desenvolvimento dos jovens. Questões relativas às diferenças na altura, peso, desenvolvimento de caracteres sexuais secundários, como pelos axilares, pubianos, barba, bigode, seios e primeira menstruação no caso das moças e o tamanho do pênis , no caso dos rapazes, foram enfatizadas.

Observamos que os alunos fizeram mais comentários do que perguntas. Algumas dessas dúvidas e comentários serão expostos a seguir.

---

<sup>44</sup> GOLDENSON, R.M & ANDERSON, K. Dicionário do Sexo. São Paulo: Ática, 1989, p. 179.

*Algumas meninas são pequenas e peitudas, outras, são grandonas e quase não têm peito. Essas coisas deviam ser de acordo com o tamanho da pessoa. Fica muito estranho. (Marcos, 15 anos).*

*Com os meninos também é assim? O tamanho do ... (pausa/risos) não tem nada a ver com o tamanho da pessoa? (Ana Maria, 14 anos).*

*Tem um lance do tamanho do pé. Tem a ver? Dizem que se o pé do rapaz for grande, com certeza o “negócio” também é grande (Marina, 14 anos).*

*Tem homem mais velho que quase não tem barba. Eu, com 15 anos tô cheio de pelos na cara. Detesto isso! (Gabriel, 15 anos).*

*Já ouvi falar de meninas que ficaram menstruadas só com 15 anos, minha prima ficou super cedo, com 10 anos, coitadinha! (Ana Luiza, 15 anos).*

Além de esclarecimentos de que essas diferenças entre as pessoas são comuns e que não existe uma idade única, nem um modelo único de corpo, enfatizamos que fatores genéticos contribuem para que determinadas pessoas cresçam mais ou menos que outras, ou desenvolva determinados caracteres.

Quanto ao tamanho do pênis, existem mitos que perturbam os rapazes e podem causar-lhes insegurança, ansiedade e provocar comparações entre eles. A comparação do tamanho do pênis é comum nessa fase e a ela se associam ideias errôneas de que o tamanho do pênis tem a ver com virilidade, com masculinidade e com desempenho sexual.

A masturbação, um dos temas de maior interesse dos alunos, de acordo com as respostas do questionário ( verificar gráfico 11 na página 83 ), é uma prática frequente entre jovens de ambos os sexos, é uma forma de obtenção de prazer em um momento da vida em que as descobertas sexuais assumem um papel de enorme importância. Ao contrário dos mitos em torno da masturbação, ela não faz crescer pelos nas mãos, não provoca espinhas, não deixa o pênis torto, não causa impotência masculina ou frigidez feminina, não faz crescer os mamilos do homem,

nem o clitóris da mulher, tampouco a mulher que se masturba passará a ter preferência sexual por outras mulheres e não por homens. São mitos e tabus criados a partir da intensa repressão à masturbação durante séculos e, infelizmente, ainda hoje, essas ideias são divulgadas, como forma de inibir as pessoas, principalmente os jovens de se masturbarem.

A escola tem um papel importante na discussão de tais questões e desmistificação da visão de que masturbação é algo pecaminoso e que faz mal à saúde, por isso deve ser evitada. Lembrando que a masturbação só passa a ser um problema, quando provoca culpa ou vergonha ou quando está associada a sentimentos de rejeição e baixa auto-estima.

Chamou-nos a atenção a pergunta de uma das alunas da turma:

*Mulher também se masturba? (Danielle, 14 anos).*

Ao respondermos que sim, a aluna demonstrou surpresa e calou-se.

Outro tabu, a virgindade feminina, que sempre foi considerada virtude em nossa sociedade, começou a perder força a partir da revolução sexual na década de 1960, mas ainda hoje a virgindade simboliza a pureza feminina, reservando aos maridos “o direito de deflorar a esposa após o casamento, ato que foi e pode ser considerado como uma das mais terríveis formas de dominação da mulher” (FURLANI, 2003, p. 143).

Por mais que os comportamentos sexuais evoluam para a sua libertação de todo tipo de preconceito, a virgindade ainda é bastante valorizada, no entanto,

... precisa cair urgentemente por terra a idéia de que a “perda” da virgindade transforma a mulher num objeto de consumo que perdeu o seu valor, tendo que ser vendido de “segunda mão”. A constatação de que o garoto ganha em consideração, ao ter uma relação sexual, enquanto a garota vira uma “pecaminosa”, representa um desafio a qualquer princípio de lógica. (WÜSTHOF<sup>45</sup>, apud FURLANI, 2003, p.143).

Embora queiram transmitir uma imagem de liberais e sem preconceitos, constatamos em seus discursos, que tanto os rapazes quanto as moças valorizam a virgindade feminina. Ouvimos dos rapazes, na sala de aula, opiniões do tipo “mulher

---

<sup>45</sup> WÜSHOF, Roberto. Descobrir o sexo. São Paulo: Ática, 1994, p. 51.

tem que se guardar”, mas eles se contradizem, querem que as namoradas sejam virgens, mas querem transar com elas.

Relatamos algumas de suas falas.

*Mulher tem que se guardar, senão, transa com um, transa com outro, fica falada, ninguém quer namorar (Márcio, 15 anos).*

*A gente vai namorar uma menina. Tudo direitinho, numa boa, aí você descobre que ela não é mais virgem. Não dá, isso é traição (Álvaro, 17 anos).*

*Se um cara sai com um monte de meninas, ele é o gostosão, mas se uma menina sai com um monte de caras, ela é galinha. Isso é injusto. Você não faz nada além de beijar na boca e já ficam falando de você só porque tá ficando com um aqui, outro ali... E daí? Não vejo nenhum problema, desde que a gente não deixe avançar muito o sinal (Bruna, 15 anos).*

*O homem pode transar que não acontece nada, agora, a gente corre o risco de engravidar, por isso boba é a mulher que não se segura (Elisa, 14 anos).*

*Mulher fica falada quando não é mais virgem. Ninguém quer namorar sério, só querem ela pra transar (Marina, 14 anos)*

Sem a intenção de desrespeitar a opinião dos alunos, diante de algumas dessas afirmações, sentimo-nos compelidos a questionar tais posicionamentos e demonstrar que atitudes machistas e preconceituosas não contribuem para o crescimento pessoal e social, devendo ser discutidas, repensadas e ressignificadas.

## **7.2. Gravidez na adolescência, aborto, DST/Aids, métodos contraceptivos**

Considerada pelo Ministério da Saúde como um dos grandes problemas de saúde pública no Brasil, a gravidez na adolescência tem como principais causas a iniciação sexual em idades cada vez mais precoces, a dificuldade na obtenção e utilização de métodos contraceptivos, a falta de informações básicas sobre menstruação, constituição e funcionamento do aparelho reprodutor feminino e masculino e sobre a própria gravidez, além da falta de diálogo entre pais e filhos e de políticas sociais e educacionais voltadas para a sexualidade. (BRASIL, 2002)

Dados do Ministério da Saúde (BRASIL, 2002) constatam que, nas camadas sociais mais pobres da população, a promiscuidade (muitas pessoas dormindo juntas), a miséria, as péssimas condições de higiene, saúde e educação colaboram para o crescimento do número de adolescentes grávidas. Ainda esse número não

tem crescido apenas entre as adolescentes de classe baixa. Nas classes sociais média e alta, há um grande número de adolescentes que engravidam, porém suas condições financeiras propiciam o acesso às clínicas de aborto, onde a gravidez pode ser interrompida de maneira mais segura, uma vez que a maternidade precoce não é compatível com os projetos de vida dessas meninas.

Segundo dados do IBGE<sup>46</sup>, em 2007, o número de nascimentos de bebês entre mães com menos de 20 anos caiu de 20,5% em 2006 para 20,1%.<sup>47</sup>

De acordo com uma pesquisa realizada pelo doutor Nelson Vittielo<sup>48</sup>, na década de 1990, o aborto era praticado por cerca de 20 a 25% das gestantes das faixas sócio-econômicas menos favorecidas. Já nas classes média alta e alta, a porcentagem pode alcançar 80%.

Motivo de grande preocupação nos dias de hoje, a gravidez na adolescência não é um fenômeno atual, se considerarmos que há algumas décadas, as moças casavam-se por volta dos 14 anos e tinham seus filhos ainda adolescentes. No entanto, o problema não está na idade em que se engravida, mas nas consequências psicológicas e sociais que uma gravidez na adolescência pode acarretar atualmente.

Aliados às causas já citadas do aumento do número de gravidez na adolescência, fatores sociais e psicológicos também contribuem para tal. Os fatores abaixo foram divulgados pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2002):

- Embora saiba as possíveis consequências de seus atos, a imaturidade psicológica do adolescente leva-o a pensar que os problemas jamais acontecerão com ele.
- A prática sexual pode ser uma forma de integrar o jovem ao grupo para que não se sinta discriminado.
- A necessidade de testar sua fertilidade leva alguns adolescentes a não utilizarem, conscientemente, os métodos contraceptivos aos quais têm acesso.

---

<sup>46</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>47</sup> Fonte: Jornal Hoje em dia. Belo Horizonte, 05/12/08, p. 12. ([www.hojeemdia.br](http://www.hojeemdia.br)).

<sup>48</sup> Doutor Nelson Vittielo, ginecologista, presidente da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana e autor de vários livros sobre educação sexual.

- A imaturidade psicológica do adolescente pode levá-lo à dificuldade de estabelecer relações entre suas atitudes imediatas e projetos de vida.

A influência do discurso apelativo em letras de música e em imagens veiculadas na mídia e na internet passam uma falsa idéia de liberdade, através da divulgação, desde a pornografia, até as formas mais sutis de veiculação de padrões de beleza e realização sexual.

Embora demonstrem uma certa aversão à possibilidade de uma gravidez, os jovens entrevistados demonstraram bastante desconhecimento quanto ao uso de métodos contraceptivos e crença em alguns mitos quanto a esse assunto.

*Gravidez? Nem pensar! (Ester, 14 anos)*

*O dia que eu ficar grávida, se Deus quiser, quero estar formada e casada (Marina, 14 anos).*

*Deus que me livre, se um dia uma namorada me disser que está grávida de mim, nem sei o que fazer (Daniel, 15 anos).*

Dois rapazes explicitaram em suas falas que gravidez é problema da mulher. Vejamos os relatos.

*Acho que as mulheres, assim que pensam em namorar, deveriam ter umas aulas sobre esse negócio de sexo. Deviam aprender tudo para não ficarem grávidas (Gabriel, 15 anos).*

*Quem tem que se cuidar são as meninas, elas é que ficam grávidas (Álvaro, 17 anos).*

Pedimos aos alunos que citassem as diferentes maneiras que conheciam ou de que tenham ouvido falar para se evitar a gravidez. Declararam que já ouviram falar sobre DIU<sup>49</sup> e camisinha feminina, mas não os conhecem. A camisinha<sup>50</sup> e a pílula anticoncepcional foram os mais citados, talvez pela ampla divulgação desses dois métodos contraceptivos na mídia ou até mesmo pela maior facilidade de aquisição em farmácias, drogarias, supermercados e lojas de departamentos, no caso da camisinha masculina.

Constatamos que muitas dúvidas em relação a esses dois métodos (pílula e camisinha) povoam a mente dos jovens, sendo que as moças fizeram mais perguntas relacionadas à pílula anticoncepcional e os rapazes, em relação à camisinha.

---

<sup>49</sup> Dispositivo intra-uterino.

<sup>50</sup> Também conhecida como Condon, camisa de Vênus, preservativo.

*Tem gente que fala que com camisinha não é muito legal (Henrique, 15 anos).*

*Será que é a mesma coisa? Com camisinha e sem camisinha? (Mateus, 14 anos).*

*Quando as meninas engordam um pouco, tem gente que fala que é porque ela está tomando pílula. Pílula engorda mesmo? (Paula, 16 anos).*

*Como é que a pílula funciona? Estudamos essas coisas na sétima série, mas eu fiquei com vergonha de perguntar e agora tenho dúvidas (Ana Luiza, 15 anos).*

Existem alguns mitos relacionados às formas de evitar a concepção como: na primeira relação não se engravida; ter relações sexuais em pé ou pular após a relação não engravida; relações sexuais no período menstrual não engravidam. Nas entrevistas, ao citarmos esses mitos, muitos alunos declararam já ter ouvido falar dessas supostas formas de se evitar a concepção, demonstrando até uma certa crença nelas. Reforçamos que se trata de mitos e que, acreditando nessas formas errôneas de se evitar a gravidez, muitos jovens vão adiando a decisão de utilizar conscientemente um método contraceptivo quando iniciam sua vida sexual.

O acesso aos métodos contraceptivos e a aquisição de competências para utilizá-los fazem parte de uma aprendizagem maior sobre sexualidade e os programas de educação sexual nas escolas podem contribuir muito nesse sentido.

Não é nosso objetivo neste trabalho apresentar e descrever os vários métodos contraceptivos, suas vantagens e desvantagens e como utilizá-los. Nossa intenção era ouvir os jovens, mostrando-lhes que a falta de informação e o despreparo para lidar com tais questões, pode acarretar problemas com consequências graves.

Ainda que numa realidade social bem diferente da que vivemos atualmente, Freud no início do século XX, aborda a questão da contracepção, preocupação presente em um dos ensaios<sup>51</sup>, posicionando-se contrário à obrigatoriedade da anticoncepção por motivos políticos ou econômicos conforme propunham os malthusianos<sup>52</sup>. Para Freud, que declarava-se a favor da limitação da concepção

---

<sup>51</sup> A Sexualidade na Etiologia das neuroses. IN: FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. Volume III. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

<sup>52</sup> A Teoria Populacional Malthusiana foi desenvolvida por Thomas Malthus, economista, estatístico, demógrafo e estudioso das Ciências Sociais. Preocupado com o crescimento populacional acelerado, entre 1650 e 1850, Malthus publicou em 1798 uma série de ideias alertando sobre a importância do controle da natalidade. Afirmava que o bem estar populacional estaria intimamente relacionado ao

desde que fosse desejo do casal, os métodos anticoncepcionais inócuos e seguros seriam aqueles que não diminuíssem a sensação de prazer do coito e não ferissem a sensibilidade do casal. Temos que considerar o fato de que no início do século XX a população não dispunha dos recursos e variedade de métodos contraceptivos quanto nos tempos atuais e as relações sexuais eram socialmente aceitas apenas aos adultos casados entre si.

Atualmente o uso da camisinha que tem sido um método bastante eficaz, de baixo custo e fácil acesso, não só na prevenção da gravidez, como também no combate às DST/AIDS. Atualmente são distribuídas gratuitamente em postos de saúde e em ONGs que atuam na prevenção e no combate à AIDS.

Aproveitamos a oportunidade de estarmos conversando com jovens e reforçamos essa questão da necessidade do uso da camisinha, pois sabemos que ainda existe resistência quanto ao seu uso, baseada na ideia de que a sensibilidade e o prazer sexual diminuem. Infelizmente esse tipo de discurso ainda é passado de pessoas para pessoa. Tais discursos devem ser combatidos, uma vez que colocam em risco a saúde das pessoas.

Os alunos entrevistados têm essas informações, mas as afirmações de alguns deles evidenciam uma falsa ideia de segurança, questionando a necessidade de tantos cuidados.

*Quando o cara transa com menina conhecida, menina limpa, não tem essa de pegar doença (Marcos, 15 anos).*

*Já pensou? O cara deixar de transar porque não tem camisinha! É brincadeira! (Álvaro, 17 anos).*

*Quando a menina é namorada firme acho que pode “fazer” sem camisinha, mas quando é assim uma que apareceu de repente, aí tem que se cuidar, porque quando é assim, a menina pode ser daquelas que transam com qualquer um (Gabriel, 15 anos).*

As moças foram mais reservadas quanto esse assunto, mas também revelaram suas dúvidas:

*É complicado, e se a garota vai transar com um cara e ele não quiser usar camisinha, o que é que ela faz? (Paula, 16 anos).*

*Quem tem que levar a camisinha é o rapaz ou a moça? (Ana Maria, 14 anos).*

Como em nossa entrevista coletiva tivemos o máximo cuidado para não sermos invasivos, não podemos afirmar se os adolescentes entrevistados têm ou não vida sexual ativa e, caso afirmativo, se fazem uso de algum tipo de prevenção. Muitas vezes os jovens relatavam situações sobre as quais tinham apenas ouvido falar, ou seja, trata-se de situações não efetivamente vivenciadas por eles.

### **7.3. Tipos de relacionamento: Namorar e/ou Ficar?**

Pedimos aos alunos que esclarecessem para nós as principais diferenças entre “namorar” e “ficar” e obtivemos os seguintes relatos.

*Ficar é assim: você está numa festa, num lugar qualquer e conhece uma pessoa, “chega” nela, conversa, abraça, beija, vai pra um lugar que pode dar uns “amassos” bem dados, depois despede e vai embora. Se você encontrar a mesma pessoa de novo, pode ficar ou não com ela, sem compromisso, mas quando é namora é diferente. Tem que ser fiel, não dá pra namorar uma pessoa e ficar com outras quando quiser (Paula, 15 anos)*

*Ficar é legal porque a gente vai conhecendo o jeito de cada um. Tem cara que você fica com ele, depois não quer nem ver pintado na sua frente de tão ruim que foi (Marina, 14 anos).*

*Namorar é mais intimidade, é ser fiel... Ficar é mais folia, beijinho, coisa de encontrar em festa, sabe? (Marcos, 15 anos).*

*Tem uns que dão mais que beijinhos nos ficantes. Transam com os ficantes, transam quando namoram. (Márcio, 15 anos).*

*E quando a pessoa tem um ficante só? Não quer assumir que estão namorando, mas toda vez que encontram ficam juntos. Isso é rolo, só pode dar namoro (Bruna, 15 anos).*

*Acho que ficar é melhor do que namorar. Sou muito novo pra ter compromisso, menina no meu pé. Acho que namorar deve ser meio chato (Gabriel, 15 anos).*

*Tem menina que faz a gente sentir uma coisa diferente, aí é ruim saber que ela fica com outros caras, aí a gente vai lá e pede a ela prá namorar e ela fica sendo só nossa (Álvaro, 17 anos).*

Baseados nos depoimentos dos alunos, concluímos que os tipos de relacionamento dos adolescentes, como namorar e ficar são determinantes quanto à intimidade do casal. O “ficar” é definido por eles como um relacionamento eventual,

sem compromisso que pode representar, às vezes, uma experimentação para um futuro namoro.

A principal diferença entre o “namorar” o “ficar” é que o primeiro é uma relação mais séria, que envolve compromisso e vínculo afetivo, já o segundo envolve atração e o desejo de ficar juntos e trocar carícias sem assumir nenhum compromisso. A relação sexual, no entanto, pode fazer parte tanto de um, quanto de outro relacionamento.

A palavra chave que diferencia esses dois tipos de relacionamento é, sem dúvida, o compromisso. Não raro o ato de “ficar” pode despertar outros sentimentos e se transformar em namoro, ou seja, em compromisso.

#### **7.4. Violência sexual**

Um dos assuntos que despertou o interesse dos alunos, dentre os que lhes foram apresentados no questionário, foi a violência sexual - dezenove por cento dos alunos assinalaram essa alternativa, conforme nos mostrou o gráfico 11 apresentado na página 83.

Assistimos diariamente nos telejornais, ouvimos em programas de rádio e lemos em revistas e jornais que a violência sexual cometida contra crianças e adolescentes é grande e tem muita repercussão, entretanto, infelizmente, a maioria dos casos sequer é denunciada.

É considerada violência sexual a ação que obriga uma pessoa a manter contato sexual físico ou verbal ou a participar de relações sexuais com uso da força, intimidação, coerção, chantagem, suborno, manipulação, ameaça ou qualquer outro mecanismo que anule ou limite a vontade pessoal e ainda o fato de o agressor obrigar a vítima a realizar quaisquer desses atos com terceiros (BRASIL, 2002).

Em seus depoimentos durante nosso 4<sup>o</sup> (quarto) encontro, as moças revelaram forte preocupação com a questão da violência sexual, mais especificamente em relação ao estupro. Já os rapazes, equivocadamente, afirmaram não sofrer com isso por acreditarem que dificilmente possam ser vítimas de estupro.

*Morro de medo de sair sozinha de noite e de passar em lugares desertos. A gente ouve cada coisa sobre estupro (Elisa, 14 anos).*

*Não gosto nem de pensar num cara pegar eu ou minhas amigas pra fazer uma coisa dessas (Paula, 16 anos).*

*Nesse ponto o homem é mais protegido, os tarados querem mulher (Gabriel, 15 anos).*

*Mulher e criança são mais vítimas de estupro, a gente não ouve falar de homem estupro (Márcio, 15 anos).*

Esclarecemos aos alunos que ninguém está imune aos efeitos da violência e, ainda, que existem outras formas de violência, além da física e sexual. A violência não é cometida somente em ruas escuras e desertas, ela pode estar presente na rua, em casa, na escola, no trabalho e em outros locais de convívio, pois se trata de um fenômeno social que deve ser combatido pelos vários segmentos da sociedade.

Embora não tenham demonstrado interesse pela questão da homossexualidade à época da aplicação dos questionários (apenas um aluno da turma assinalou essa alternativa)<sup>53</sup>, aproveitamos a discussão sobre violência sexual para falar sobre outro tipo de violência, a discriminação do homossexual por exemplo, pois percebemos que há muito preconceito e falta de informação acerca da homossexualidade.

Durante o período de observação dentro da escola, no qual convivemos com os alunos por 3 (três) meses, constatamos que as piadinhas, brincadeiras e apelidos fazem parte da rotina dos alunos, seja no pátio, em horário de recreio, nas aulas de educação física<sup>54</sup>, ou de passagem nos corredores, onde principalmente os rapazes se utilizam de palavras pejorativas em relação à homossexualidade para se referirem ao outro, independente da orientação sexual do colega. É uma forma de agressão que acaba tornando-se comum entre eles, banalizam esse tipo de violência sob alegação de que é só uma brincadeirinha.

A discriminação é uma forma de violência que, por sua vez, é uma maneira errônea de expressar a negação do outro simplesmente porque ele é diferente de nós ou age de forma contrária àquilo que aceitamos como certo ou como verdade. Utilizamos parte de nossa última entrevista para alguns esclarecimentos aos alunos

---

<sup>53</sup> Ver gráfico nº 11, página 83.

<sup>54</sup> Não podemos afirmar com certeza se tais “brincadeiras” acontecem em outras aulas dentro de sala com a presença de outros professores, pois tivemos pouco acesso às salas de aula, neste período. Conforme esclarecemos anteriormente, nossa observação se limitou aos horários de entrada, saída, recreio, merenda e aulas de educação física na quadra da escola.

acerca da homossexualidade que, além de não ser simplesmente uma escolha, tampouco é uma doença.

Segundo Furlani,

Em 1991, a Anistia Internacional passou a considerar violação dos direitos humanos a proibição da prática homossexual. Em 1993, a OMS<sup>55</sup> tornou sem efeito o código 302.0 do CDI<sup>56</sup> - na 10ª edição do código, o texto sobre orientação sexual passou a afirmar que ela “por si só não pode ser considerada transtorno”; para a OMS, é o preconceito e a discriminação que levam as pessoas homossexuais a trem angústias, ansiedades, depressão e tristezas. (FURLANI, 2003, p. 154)

Outro aspecto da homossexualidade sobre o qual conversamos com os alunos, refere-se à tendência de algumas pessoas associarem a homossexualidade à safadeza e à promiscuidade. Esclarecemos que nas relações homossexuais, não existe só o prazer sexual, há amor, carinho, companheirismo, respeito e outros sentimentos que tornam possíveis as relações, sejam elas heterossexuais ou homossexuais. É preciso que nossas posições sejam discutidas e repensadas para que não continuemos praticando esse tipo de violência contra os homossexuais.

Transcorridos quatro encontros com os jovens entrevistados, sabemos que ainda teríamos muitos outros assuntos para conversar, além da necessidade de maior aprofundamento naqueles que discutimos. É importante lembrar que esses encontros para conversarmos sobre os temas de interesse dos alunos aconteceram atendendo a uma solicitação deles próprios.

Ao término dos encontros, houve um desejo manifesto para que tais eventos continuassem a ocorrer. Todavia, não se constituía como objetivo de nossa pesquisa desenvolver um trabalho de educação sexual com os jovens, mas, antes, conhecer suas dúvidas e expectativas em relação à sexualidade. O interesse demonstrado pelos jovens durante nossos encontros parece sinalizar para o cumprimento de nosso objetivo e esperamos poder contribuir para os rumos que devem tomar uma educação sexual que pretenda ir além de uma abordagem informativa

Isso posto, abordaremos no próximo capítulo a educação sexual na escola e a formação dos professores para a abordagem dessa temática.

---

<sup>55</sup> Organização Mundial de Saúde

<sup>56</sup> CDI: Código Internacional de Doenças. Em seu parágrafo 302.0 catalogava o homossexualismo como desvio e transtorno sexual desde 1948.

## 8. EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: MUITOS DESAFIOS

As mudanças do mundo contemporâneo repercutem profundamente nos costumes e valores da sociedade. Nesse contexto, a escola tem um papel importante na educação sexual de seus alunos, visto que ocupando o papel de agente formador, deve ultrapassar as questões da informação.

Num passado bem próximo, não se podia falar em sexo, principalmente na escola. Hoje os jovens não só podem falar mais abertamente sobre sexualidade, como têm acesso às mais variadas fontes de informação, ainda que nem sempre tais informações se transformem em conhecimento. E é aí que a escola pode tornar-se um campo propício à educação sexual, um lugar onde, além de receber informações, os alunos possam debater, esclarecer dúvidas, refletir sobre seus valores e conflitos.

No início do século XX Freud já considerava a importância da educação sexual escolar visto que é na escola onde a criança passa grande parte de sua vida e é também neste espaço que manifesta suas formas de relações cotidianas com o seu corpo e seus pensamentos.

A escola que pesquisamos não desenvolve um projeto específico de educação sexual, mas algumas professoras entrevistadas declararam que abordam a temática sexualidade em suas aulas de acordo com a matéria que está sendo dada e sempre que os alunos fazem alguma pergunta sobre o tema. Atribuímos a esses trabalhos em determinadas disciplinas o fato da resposta à pergunta número 3 (três)<sup>57</sup> do questionário aplicado aos professores, apresentar diferentes respostas, mesmo se tratando de uma só escola<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> Sua escola desenvolve algum programa específico de orientação sexual?

<sup>58</sup> Verificar gráfico 1, página 29.

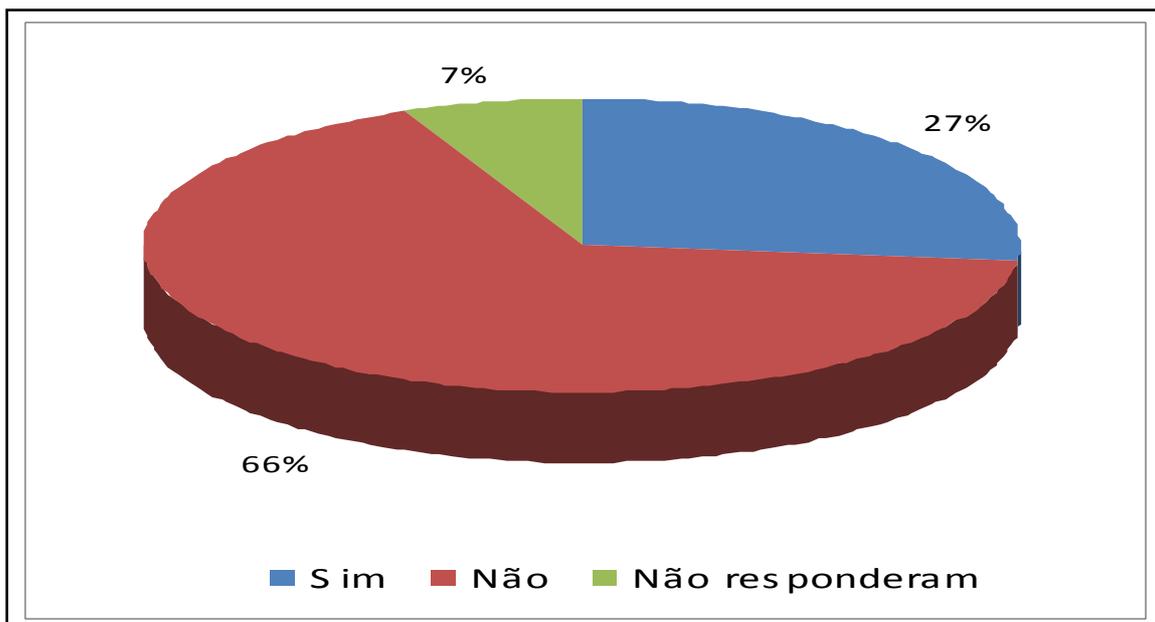
A sexualidade se faz presente na escola em gestos, olhares, risos, nas conversas pelos corredores, nos grafites dos banheiros, nos silêncios diante de algumas perguntas e em várias outras situações do cotidiano escolar. Segundo Louro (1998, p. 95), “a escola dá lições de sexualidade cotidianamente, muito além das possíveis sessões de educação ou orientação sexual previstas no currículo”.

Desde que nascemos, começamos a receber educação sexual, seja pelo nome que nos dão (nome de homem ou de mulher), seja pelo modo que nos tratam, que nos vestem, presenteiam-nos. No decorrer do crescimento vamos percebendo esses códigos e passamos a assimilá-los ou não.

Sexualidade é um assunto que empolga, mas que também possibilita emergir as limitações repressivas dentro das quais fomos educados. Muitas vezes, enquanto educadores, emitimos uma mensagem em nível de discurso verbal que não coaduna com a mensagem emitida em nível corporal ou gestual.

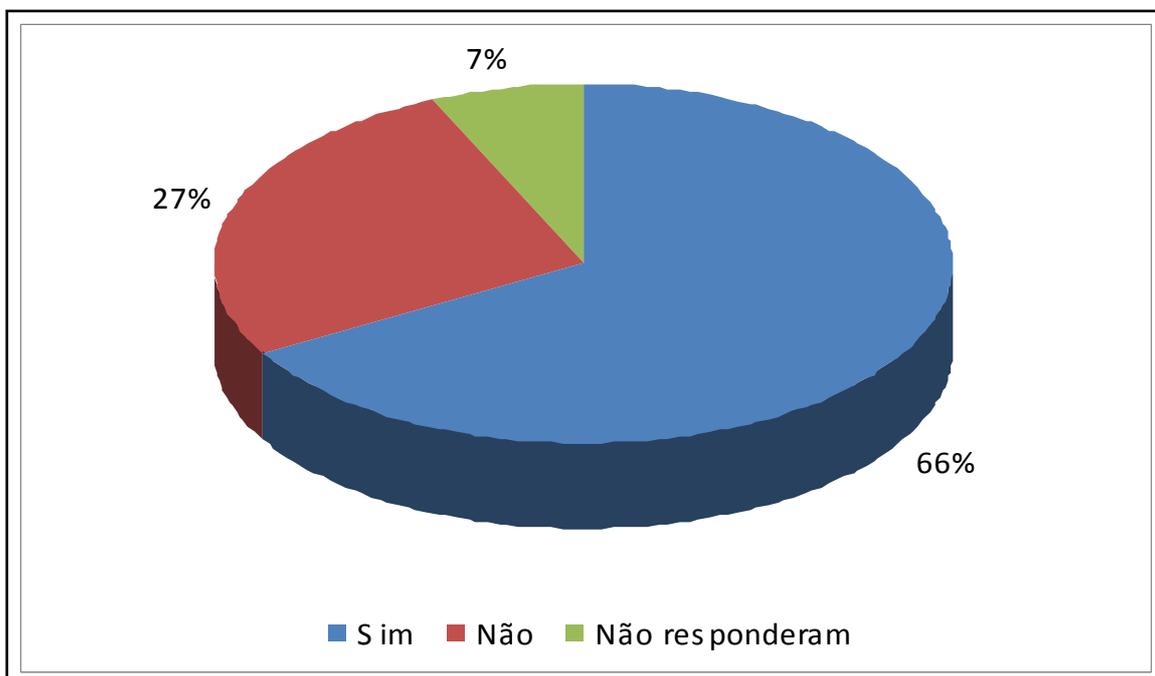
Enganamo-nos se acreditamos que as mensagens sobre sexualidade podem ser trabalhadas apenas em seu componente cognitivo. Devemos levar em consideração crenças, culturas e expectativas de cada pessoa e da sociedade na qual está inserida.

Em nossa pesquisa constatamos que 67% (sessenta e sete por cento) dos professores que responderam ao questionário não receberam educação sexual na escola.



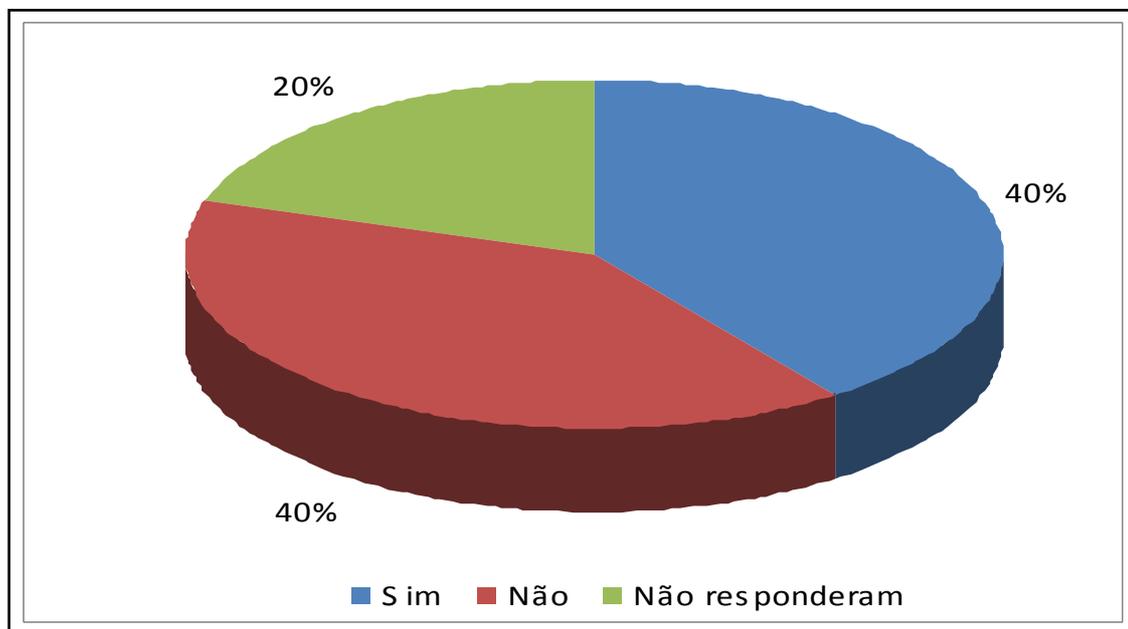
**Gráfico 12** - Você recebeu orientação sexual na escola?

Assim como 66% (sessenta e seis por cento) destes declararam que se sentem à vontade para tratar com seus alunos, questões ligadas à sexualidade.



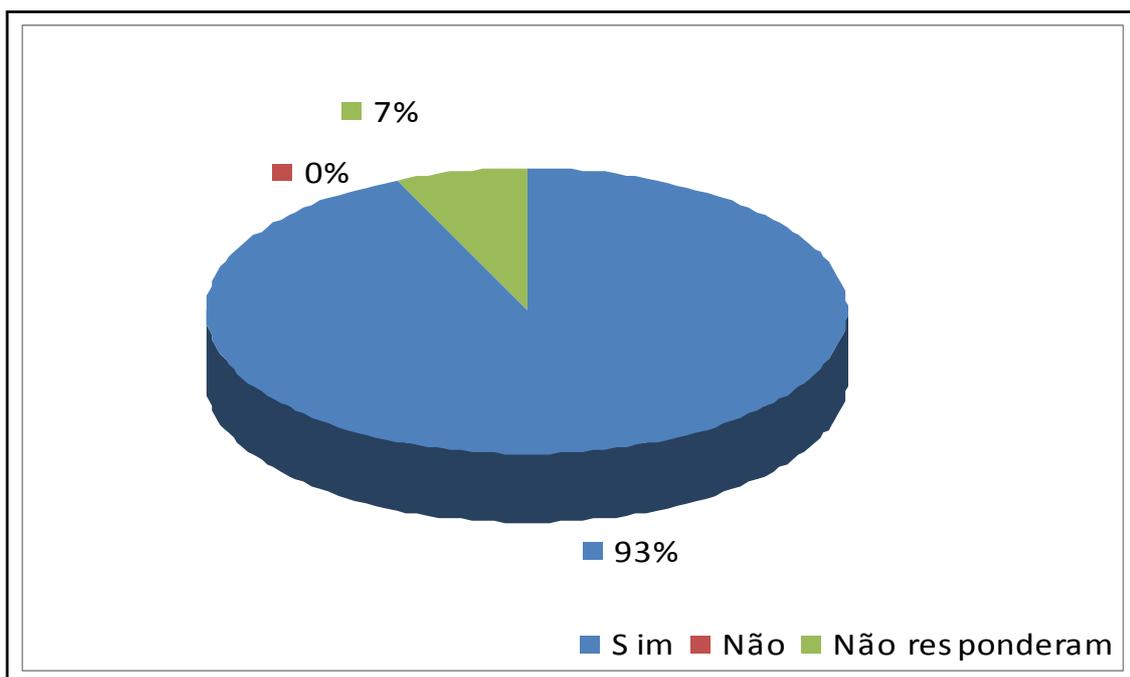
**Gráfico 13** - Você se sente à vontade para tratar questões ligadas sexualidade com os seus alunos?

Embora se sintam à vontade para conversar sobre questões de sexualidade com os alunos, 40% (quarenta por cento) dos professores declarou que não consegue desenvolver esse tema em sua disciplina.



**Gráfico 14** – Você consegue desenvolver esse tema em sua disciplina?

Ainda que reconheçam a necessidade da educação sexual na escola, conforme indica os dados apresentados no gráfico 15, infelizmente, o despreparo do professor para a educação de indivíduos em seu todo tem dificultado o reconhecimento da sexualidade como conteúdo natural da educação (natural porque inerente à pessoa-professor e à pessoa-aluno).

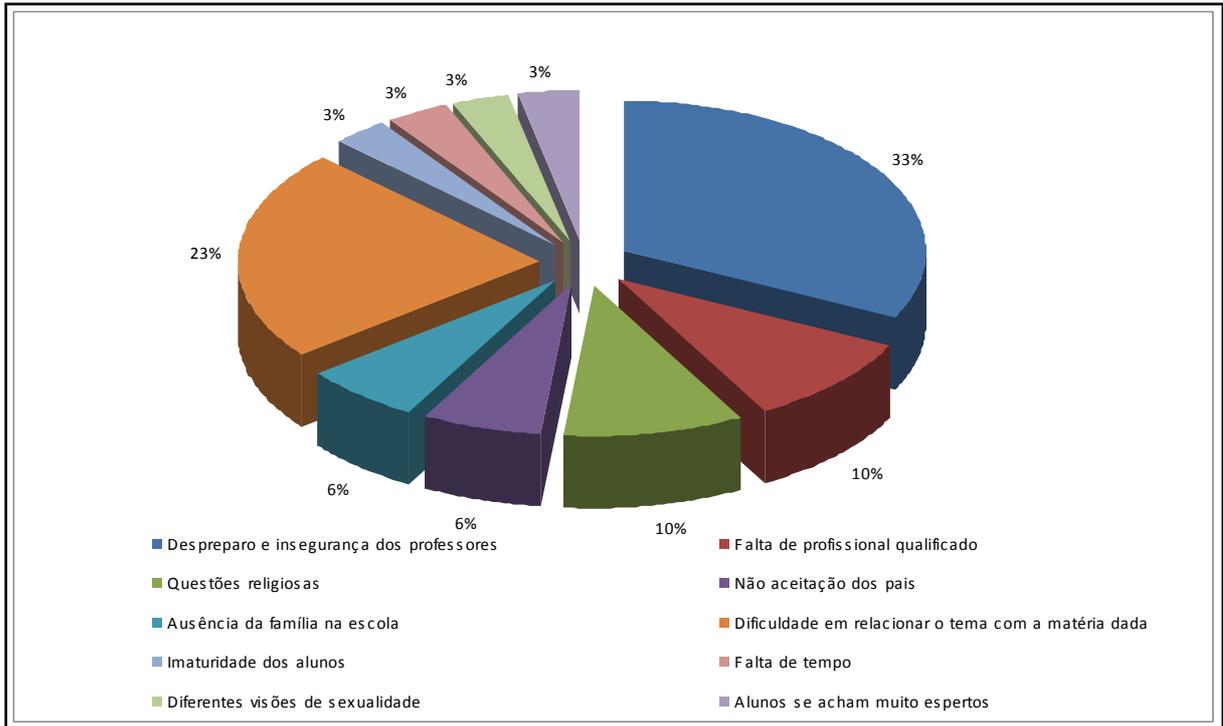


**Gráfico 15** – A educação sexual é necessária na escola?

Arroyo reforça tal afirmação:

O profissional da Educação é importante não apenas pelo que fala, mas como figura social que vem acompanhando nossas vidas durante dez, quinze anos (...) Estão faltando hoje, não apenas pessoas treinadas para verbalizar conteúdos mais críticos, mas também para tratamento do tema educativo, do ritmo, do espaço, do corpo da criança. Na escola o que mais se educa não é a “cabeça” da criança, mas seu corpo, e desconheço que se estude nos cursos de Pedagogia ou nos treinamentos qualquer pedagogia do corpo enquanto totalidade... (ARROYO,1989, p.53).

O despreparo dos professores foi apontado também em nossa pesquisa como uma das maiores dificuldades para o desenvolvimento de um trabalho com a temática sexualidade na escola, seguido da dificuldade dos professores em relacionar esse tema com a matéria dada por eles.



**Gráfico 16** – Quais são as maiores dificuldades para desenvolver um trabalho de orientação sexual na escola?

Vejam algumas das respostas transcritas<sup>59</sup> dos questionários aplicados aos professores da escola pesquisada:

*“A nossa formação não é suficiente, faltam orientações. Talvez se tivéssemos visitas de uma equipe para discussões sobre o tema e palestras, poderia ser interessante”. (Professora Vilma)*  
*“Sinto-me insegura para falar nesse assunto, é despreparo mesmo”. (Professora Júlia)*

*“Para trabalhar as questões da sexualidade na escola é preciso gente bem preparada porque os alunos nos colocam em situações difíceis, às vezes não sabemos o que responder ou como responder a eles”. (Professora Antônia)*

Mesmo se considerando que a formação dos professores para trabalhar com as questões relativas à sexualidade na escola não atenda totalmente à proposta de educar o indivíduo em seu todo, os professores lidam diariamente com tais questões. Portanto, é ingênuo pensar que a sexualidade de professores e alunos é deixada do lado de fora da sala de aula. A sexualidade faz parte da vida cotidiana das pessoas, quer admitamos ou não.

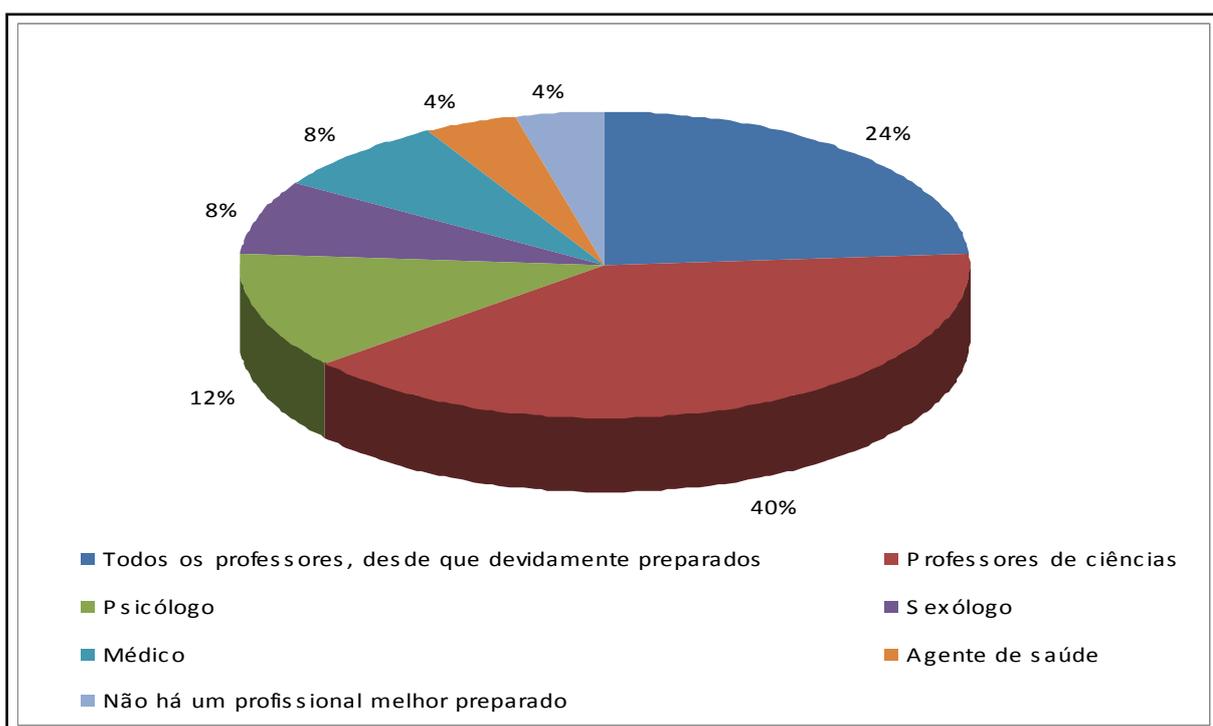
<sup>59</sup> Refere-se às respostas da pergunta nº 7 do questionário : Quais são as maiores dificuldades para desenvolver um trabalho com educação sexual na escola?

Aratangy alerta para o perigo de se tratar a orientação sexual na escola, sem que os professores estejam devidamente preparados para assumir essa função e sem propiciar um clima de confiança entre eles e os alunos.

Tenho medo do que possa acontecer com a educação sexual nas escolas. Temo que aconteça com ela, em sala de aula, o que ocorreu com a literatura, por exemplo – que pôs toda uma geração em risco de criar aversão aos livros (ARATANGY, 1998, p.14).

Mas, afinal, quem é a pessoa considerada a mais indicada para trabalhar as questões ligadas à sexualidade no âmbito escolar?

Procuramos a resposta a essa pergunta em diferentes autores e entre os professores entrevistados. Apresentaremos as respostas dos professores no gráfico abaixo.



**Gráfico 17** – Quem é o profissional mais indicado para trabalhar com a temática sexualidade dentro da escola?

Os estudos de Valladares (2005), Vitiello (1997), Ribeiro e Reis (2007), Oliveira (1994) indicam que o melhor professor/ orientador sexual é aquele que se identifica com os alunos e se sente à vontade para tal. Esse preparo tem pouco a ver com a formação acadêmica do educador e muito a ver com a sua postura frente à vida e à sexualidade.

Ao levar essa questão aos professores em nossas entrevistas, deparamo-nos com diversas opiniões. Muitos professores afirmaram que os profissionais mais indicados para trabalhar com essa temática na escola são os professores de Ciências, médicos, sexólogos, agentes de saúde e psicólogos.

Houve também professores que responderam simplesmente que a pessoa mais indicada para esse trabalho é um sexólogo ou o professor de Ciências, sem, no entanto, justificar sua resposta.

Outros, com opiniões contrárias, afirmam:

*“Não há profissional mais indicado, devemos procurar partilhar as ideias e trabalhar em grupo” (Professora Luciana).*

*“Todos os professores podem trabalhar esse tema desde que se sintam à vontade para fazê-lo” (Professora Vilma).*

*“Todos os profissionais que interagem com os alunos devem trabalhar com essas questões desde que devidamente preparados, orientados” (Professora Marli).*

*“Cada professor dentro de sua disciplina pode trabalhar o tema, o que acontece é que os professores não sabem como fazer isso, não conseguem conciliar a matéria que está sendo dada com esse assunto” (Professora Corina).*

*“Se pregarmos um trabalho interdisciplinar, integrado, todos os professores poderiam contribuir para essa discussão com os alunos, inclusive integrar com o trabalho de psicólogos e agentes de saúde” (Professora Elena).*

Atribuímos a insegurança ao despreparo declarado de alguns professores, motivo pelo qual os professores de Ciências, profissionais da saúde, sexólogos e psicólogos são apontados como sendo as pessoas mais indicadas para trabalhar com essa temática dentro da escola, conforme citamos anteriormente. Tais opiniões foram assim justificadas:

*Médico, por ser um tema que trata do corpo humano e sobre doenças (Professora Beth).*

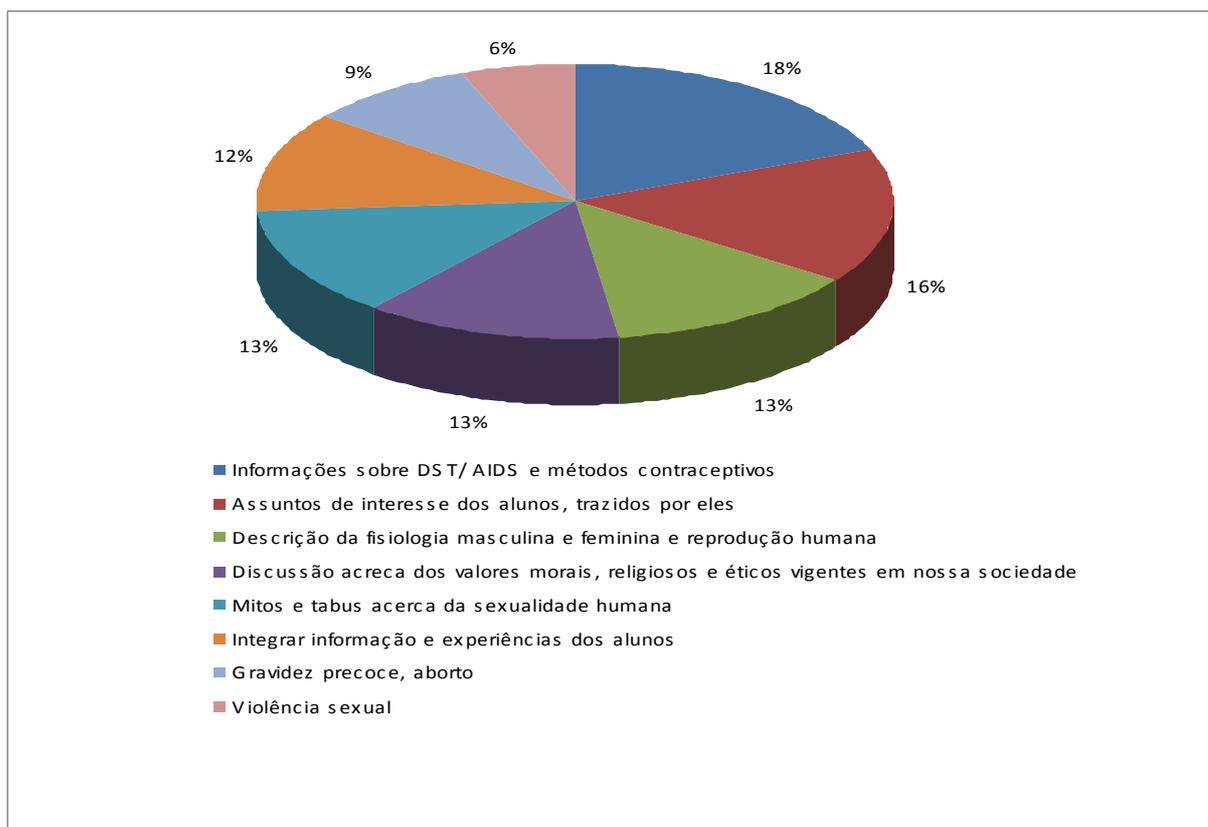
*Na escola, o professor de ciências tem mais oportunidade devido ao conteúdo que ele trabalha (Professora Lisa)*

*Os professores de ciências já tem esse tema dentro da disciplina (Professora Fabiana).*

*O professor regente, qualquer um, deveria tratar somente da parte da fisiologia humana e reprodução. Outros profissionais melhor preparados deveriam ampliar o tema (Professora Joana)*

O fato de os profissionais de saúde e os professores de Ciências terem recebido, em sua formação inicial, estudos mais detalhados e aprofundados sobre o corpo humano, seus aparelhos e funcionamento, não os torna mais aptos ou mais indicados para desenvolver atividades relacionadas à educação sexual na escola. Essa concepção, marcadamente biologista, que proliferou na década de 1970, ainda hoje está presente nos currículos de algumas escolas.

Nossas entrevistas com os professores revelam uma grande valorização da informação. Reforça essa ideia os dados apresentados no gráfico 18 (dezoito), que nos mostra quais são, na opinião dos professores da escola pesquisada, os temas que devem ser abordados na escola no desenvolvimento de um trabalho de educação sexual.



**Gráfico 18** – Quais os temas que devem ser trabalhados na escola em orientação sexual?

Ribeiro nos alerta para uma outra questão importante:

A ênfase dada pelos programas de orientação sexual e a grande maioria dos textos e trabalhos se voltam para como trabalhar com o aluno: o que fazer, como fazer, quais os problemas que o aluno enfrenta, etc. É difícil encontrar material de fácil acesso para reflexão crítica dos profissionais que pretendam atuar em orientação sexual. Tampouco se questiona a necessidade da pessoa se sentir bem para falar do assunto. (RIBEIRO, 1990, p. 19).

Segundo Lorencini (1997), pela sua organização e cultura, a escola, como instituição social, tende a homogeneizar os múltiplos aspectos da cultura na sala de aula, ignorando-os, reprimindo-os ou “engessando” as diferenças e contradições. A sexualidade só será ressignificada nesse espaço, se a dinâmica da própria sala de aula for ressignificada, passando a se constituir como um espaço onde as opiniões, incertezas, divergências e diferenças sejam consideradas, discutidas e, quando possível, superadas.

Ainda segundo o mesmo autor,

Se, no âmbito social, a sexualidade sempre foi um tema polêmico, pois está vinculada a outras temáticas não menos polêmicas, tais como: moral, ética, religião, status social, relação de poder e gênero, etc., no âmbito educativo, é assunto delicado, pois gera alguns “dilemas pedagógicos” do tipo: o quê?, para quê?, quem?, e como orientar a sexualidade dos alunos? (LORENCINI, 1997, p.93).

Diante dessa realidade, é mister perguntar: Como um currículo, em um curso de licenciatura, pode contribuir para responder à necessidade de formação do professor para abordar as questões relativas à sexualidade que emergem diariamente na escola? Em que medida a educação sexual, com seus desafios e possibilidades, está presente nos conteúdos dos cursos de formação? Qual a importância ocupada pela educação sexual nos programas de formação de professores?

Não é objetivo deste estudo responder a essas perguntas, sendo antes, nossa intenção refletir sobre esses aspectos dos cursos de formação na tentativa de compreender a insegurança dos professores que estão à frente das salas de aula hoje diante do tema sexualidade.

Sabemos que os cursos universitários, com suas atuais grades curriculares, não são suficientes para dar conta da lacuna existente na formação de professores para trabalhar com orientação sexual na escola. É a partir da consciência das deficiências de sua formação inicial e dos desafios diários da escola os professores procuram (ou não) maior aprofundamento em temas de seu interesse ou em temas que são impostos pelas necessidades do cotidiano escolar.

Segundo Figueiró,

Durante a formação inicial, o exercício de auto-reflexão, ou mais propriamente, da reflexão sobre a prática pedagógica fica limitado. É após estar inserido na prática profissional, deparando-se com possibilidades e limites seus, dos alunos e do contexto educacional como um todo (em nível micro e macro institucional) que os professores poderão exercitar a reflexão (FIGUEIRÓ, 2007, p. 460).

Ainda na opinião da mesma autora, a formação do professor envolve tanto a formação inicial quanto a continuada, sem, no entanto restringir-se a esses momentos. No decorrer da vida do professor, antes mesmo de seu ingresso no curso de graduação, são construídas suas representações sociais, seus significados e valores. Portanto, “as experiências de vida da pessoa, anteriores e posteriores à

sua formação inicial contribuem para o processo de formação do educador” (FIGUEIRÓ, 2007, p. 461).

No que se refere à formação continuada, trata-se de propostas ou ações voltadas para aprimorar a prática profissional do professor que têm a função de aprofundar, ampliar e ressignificar conhecimentos adquiridos durante a formação inicial e ao longo do exercício da profissão.

É importante ressaltar que a formação continuada deve estar relacionada aos desafios enfrentados pelos professores em sala de aula e não se restringe apenas a cursos, congressos, palestras, oficinas, seminários, grupos de estudos e outras atividades esporádicas. A troca de experiências, os momentos de discussão e reflexão sobre a prática educacional no interior da escola também são ingredientes necessários ao desenvolvimento profissional dos educadores.

Quanto à questão específica da formação de professores para trabalhar com sexualidade na escola, Figueiró (2007) ressalta que:

Preparar o educador sexual não é tarefa simples, e não depende, unicamente, da participação em cursos pontuais. Há várias condições que precisam ser asseguradas, tanto durante o seu processo formativo, quanto no período após sua formação, para que ele consiga colocar em prática, com eficácia, o que aprendeu. (FIGUEIRÓ, 2007, p. 458).

Outras questões que, embora não estejam diretamente relacionadas à falta de preparo do professor, influem no trabalho com educação sexual na escola, referem-se à falta de tempo durante as aulas para conversar sobre as dúvidas e experiências trazidas pelos alunos e o receio dos professores de se envolver e de se expor, passando ao aluno mensagens ou posições pessoais sobre determinados assuntos e gerar conflitos com a família e/ou com a religião dos alunos.

Algumas das respostas à pergunta de número 10(dez)<sup>60</sup> do questionário aplicado aos professores evidenciam esse fato. Os professores expõem suas inseguranças diante das questões familiares e religiosas.

*É meio complicado abordar certos temas em aula, a gente acaba expressando nossa opinião e muitas vezes o aluno fala em casa de forma distorcida e os pais nos interpretam mal, aí*

---

<sup>60</sup> Quais os maiores desafios do trabalho com orientação sexual na escola hoje?

*vêm reclamar que estamos ensinando o que não devia (Professora Denise).*

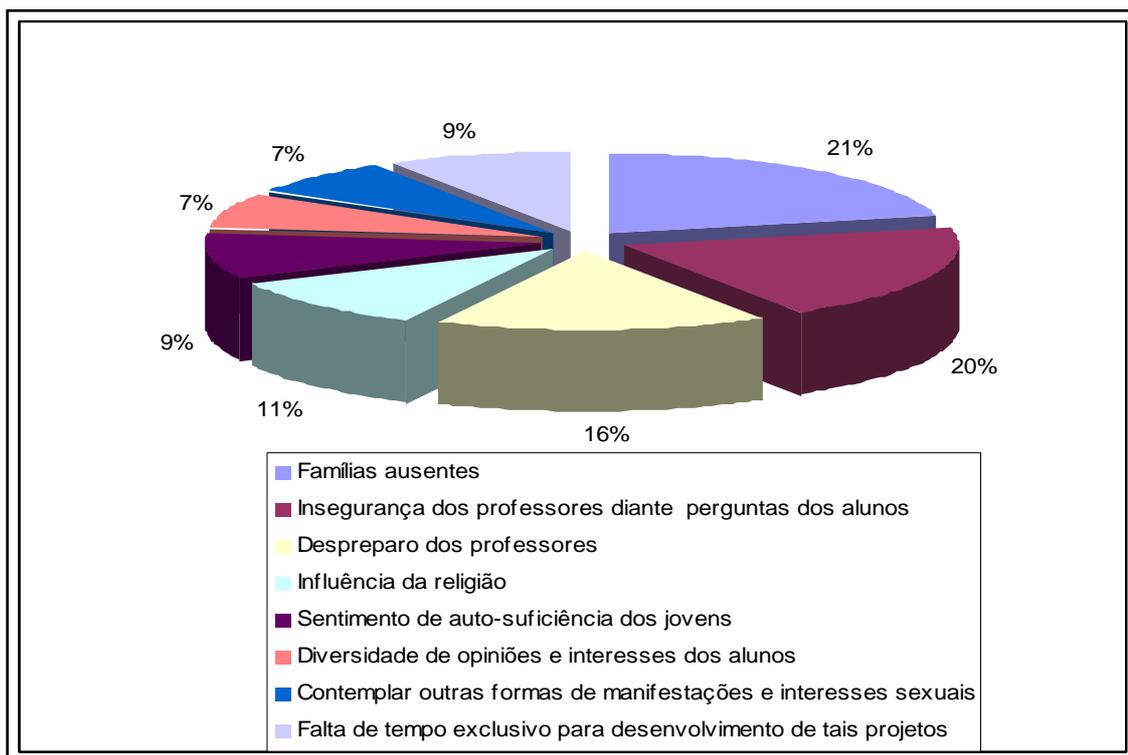
*Sinto-me insegura para abordar assuntos sobre sexualidade na sala de aula. Não sei como isso será interpretado em casa ou se vai contra os ensinamentos que os alunos recebem na igreja. Os nossos alunos, os “crentes”, que são em maior número, acham que tudo é pecado. (Professora Marli).*

*Um dos grandes desafios desse trabalho é passar uma mensagem positiva sobre sexualidade sem agredir as convicções religiosas e valores das famílias que são muito fechadas nesse aspecto (Professora Antônia).*

*Falar sobre sexualidade sem me envolver, sem colocar emoção e convicções pessoais é muito difícil. Acho que esse é um dos maiores desafios, como ser imparcial? Sinto-me insegura, tenho medo de me expor demais, de ser liberal demais, ou careta demais. A gente não sabe como é a vivência da sexualidade desses alunos fora da escola (Professora Andréia)*

Embora demonstrem grande preocupação com os ensinamentos da família e da religião dos alunos, somente uma professora relatou ter ouvido críticas a esse respeito por parte de um pai de aluno, os demais nunca tiveram nenhum problema. Acreditamos que haja uma certa incoerência entre o que se fala e o que realmente acontece na prática, quando 21% (vinte e um por cento) dos professores apontam a ausência da família e 16% (dezesesseis por cento), a influência da religião, como alguns dos maiores desafios para desenvolver um trabalho de educação sexual na escola,

O gráfico a seguir, ilustra as afirmações anteriores.



**Gráfico 19** – Quais são os maiores desafios para desenvolver um trabalho com orientação sexual na escola?

Dessa forma, acreditamos que a formação de professores/educadores sexuais que busca a emancipação humana para além dos limites impostos pelas áreas de conhecimento ou preconceitos de qualquer espécie deve ter a clareza de que

a educação não é apenas informações sobre aspectos sexuais e reprodutivos. A informação embasa o técnico, mas não forma o educador. Para que esta formação se complete, é necessário que o médico, o psicólogo, o enfermeiro, se reformulem atitudinalmente. Que cada um deles examine seus próprios sentimentos em relação à sexualidade, que cada um procure ficar à vontade com o que terá de ouvir e com o que terá de falar; que cada um aprenda a não ver o comportamento sexual das pessoas com a lente de seus óculos culturais. Estas lentes foram lapidadas pela vivência de cada um, dentro de uma escala de valores que, de certa forma dá sentido à vida pessoal do profissional, mas que é demasiadamente particular para ser aplicada a todas as pessoas e em todas as circunstâncias (LEITE, 1991, p. 23).<sup>61</sup>

Com tais proposituras e reflexões, apresentamos, no capítulo subsequente as considerações finais deste trabalho.

<sup>61</sup> No texto o autor refere-se aos profissionais da saúde, mas acreditamos que tais reflexões sejam pertinentes também aos profissionais da educação e a outras pessoas que se dispõem a trabalhar com a educação sexual.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscamos com este trabalho identificar os principais desafios dos professores e as expectativas dos alunos no que tange à educação sexual na escola, e ainda, apresentar as concepções de sexualidade presentes no universo pedagógico brasileiro.

Dentre outras importantes contribuições, esta pesquisa reforça nossa crença na necessidade de se investir em ações que promovam a educação sexual na escola, pois, mesmo sem um projeto específico, a sexualidade se faz presente na escola das mais diversas formas, seja nas atitudes, nos gestos, olhares, silêncios e palavras de professores e alunos.

Concluimos que a educação sexual na escola ainda está muito voltada para a sua concepção biológico-higienista, priorizando muito mais a informação sobre os aparelhos reprodutores feminino e masculino e suas funções, os cuidados necessários à prevenção de DST/AIDS, bem como a apresentação dos métodos contraceptivos, do que o diálogo e a problematização de tais assuntos. O número crescente dos casos de Aids e de adolescentes grávidas nos levam a afirmar que informar não é suficiente para que haja mudança no comportamento dos jovens.

Percebemos, na escola, jovens receptivos, ávidos por espaço para conversar sobre as questões da sexualidade, sem que isso esteja vinculado a uma disciplina do currículo, sem que lhes seja cobrado um dever de casa sobre o assunto. Os alunos demonstraram prazer em falar sobre si mesmos e sobre suas dúvidas quanto à sexualidade e ao sexo, mas tais atividades têm que fazer sentido para eles, têm que estar relacionadas às suas vivências e não somente à matéria dada.

A sociedade, muitas vezes, insiste em utilizar estereótipos em relação aos adolescentes, tachando-os de rebeldes, alienados e mal-humorados. Padronizando equivocadamente a adolescência como um período de crise, acabam por deixar perder a potencialidade dele, as mudanças que as crises podem trazer. Aquilo que é

considerado rebeldia, para muitos, pode ser um sinal de vitalidade e de inteligência, para outros. São diferentes formas de encarar a adolescência.

Em nossa pesquisa, os adolescentes representaram-se como sujeitos de saberes que, ansiosos por crescer e desvendar o mundo, interagem com ele, daí a imperiosa necessidade de ouvi-los. É fundamental ampliar a noção de sexualidade, vez que, muito mais que discursos científicos sobre sexualidade, nossos adolescentes precisam de discursos que façam sentido no seu cotidiano.

Como lidar com a educação sexual na escola de forma inclusiva e integrada à vida dos alunos? Como integrar informações e atitudes dentro da escola, que demonstrem o quanto a sexualidade é saudável e prazerosa? Certamente, se a escola demonstrar maior abertura para essas discussões, o jovem aluno se sentirá mais à vontade para falar de sexualidade, menos culpado ao lidar com as questões que a envolvem e conseguimos estar mais próximos das respostas a estas perguntas

Baseando-nos em nossas observações e entrevistas, podemos afirmar que a grande expectativa dos jovens em relação à educação sexual na escola é a liberdade de expor suas ideias e dúvidas. Para que isso seja possível, o professor/educador sexual deverá rever alguns posicionamentos e tornar-se um mediador nas discussões, ao invés de apresentar suas verdades ao aluno. Uma relação embasada no respeito e na confiança mútua é fundamental. Para Vitiello (1997), é fundamental que o educador tenha sua adolescência perto de si, qualquer que seja sua idade cronológica, conserve sempre sua capacidade de amar, tenha coragem para desafiar seus próprios tabus e preconceitos e reconheça suas próprias falhas.

Em que pese o fato de os professores de diferentes disciplinas serem unânimes ao reconhecer a importância da educação sexual na escola, a maioria se sente despreparada para desempenhar tal função, delegando-a aos professores de ciências e, se possível, aos profissionais de saúde. Afirmaram, em suas respostas aos questionários, que abordam a temática sexualidade em suas aulas, integrando-a aos conteúdos de sua disciplina, inclusive exemplificaram com atividades desenvolvidas com os alunos. Contudo, consideram tal integração muito difícil, razão pela qual tais atividades são esporádicas e isoladas.

O que ocorre, na verdade, é que, como discurso e prática não estão em harmonia, a educação sexual se apresenta mais como um ideal do que como prática real. Os professores não se sentem preparados e, conseqüentemente, sentem-se inseguros em trabalhar com a temática. Alguns se organizam, planejam e tentam integrá-la aos conteúdos trabalhados, mas as dificuldades em dar continuidade a esses trabalhos fazem com que interrompam suas atividades sem ter muita oportunidade de ouvir os alunos. Muitas vezes não é feita sequer uma avaliação desse trabalho com os alunos.

Para que a educação sexual aconteça efetivamente, é necessário que haja clareza em seus objetivos e possibilidade de discussão. A informação é importante, mas ela deve vir acompanhada da oportunidade de questionamentos e debates.

Se analisarmos as mudanças ocorridas nos últimos anos na sociedade brasileira, percebemos o quanto as mudanças sociais alteraram profundamente os padrões de vivência da sexualidade, seja na constituição das famílias, nas novidades apresentadas diariamente pela indústria cultural<sup>62</sup>, na forma de as pessoas se vestirem e se expressarem. Embora tais mudanças afetem diretamente a escola, a forma de abordagem da educação sexual parece não ter acompanhado tal evolução. A escola ainda se prende à sua função informativa e, em alguns casos, apresenta uma concepção normativa, pois prescrevem aos alunos o que é lícito e ilícito na vivência sexual, de acordo com a sua ótica, controlando suas atitudes, seu modo de vestir, seu vocabulário.

Os desafios para que a educação sexual se efetive na escola estão diretamente relacionados à formação de professores. Esta é uma questão que necessita maior atenção tanto da formação inicial quanto da continuada.

Segundo Oliveira,

Infelizmente os cursos de formação de professores não consideram a sexualidade como conteúdo “ensinável”, ou seja, parecem entender que professores e alunos conseguem se desvencilhar das suas

---

<sup>62</sup> Indústria Cultural (em alemão: Kulturindustrie), é um termo cunhado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), membros da Escola de Frankfurt. O termo aparece no capítulo Kulturindustrie Aufklärung als Massenbetrug na obra Dialektik der Aufklärung (em português: Dialética do Esclarecimento), de 1947. Neste capítulo os autores analisam a produção e a função da cultura no capitalismo. Criaram o conceito de Indústria Cultural para definir a conversão da cultura em mercadoria. O conceito não se refere aos veículos (televisão, rádio, jornais...), mas ao uso dessas tecnologias por parte da classe dominante. A produção cultural e intelectual passa a ser guiada pela possibilidade de consumo mercadológico.

sexualidades para irem à escola. Neste sentido tratam a educação como se ela pudesse ser desvinculada da vida real, ou como se os indivíduos nela envolvidos fossem reduzíveis às suas funções cognitivas. O despreparo do professor para a educação de indivíduos no seu todo tem dificultado o reconhecimento da sexualidade como conteúdo natural da educação (“natural” porque inerente à pessoa-professor e à pessoa-aluno) (OLIVEIRA, 1998, p. 107).

Ressaltamos a contribuição de nossa pesquisa, não só por apresentar as diferentes abordagens da educação sexual na escola, identificar os desafios dos professores e as expectativas dos alunos em relação a essa temática, mas, sobretudo, pela reflexão acerca da sexualidade na escola, independente de sua inclusão no currículo. Salientamos, ainda, a necessidade de uma ampla discussão sobre adolescência, para que os professores possam lidar e compreender melhor seus alunos nessa faixa etária. Somente conhecendo melhor os jovens será possível detectar e destacar suas potencialidades ao invés de seus problemas, respeitando-os mais.

Conforme afirmamos anteriormente, é no cotidiano da escola que a realidade se revela, por isso acreditamos na formação em contexto como uma das formas de superar as possíveis dificuldades encontradas, seja na troca de experiências no dia a dia dos professores, seja nos grupos de estudos ou reuniões pedagógicas, o importante é que os professores estejam em constante discussão para o aprimoramento de sua prática. No caso da educação sexual essas trocas de experiências e essas discussões são imprescindíveis.

Pelas experiências vivenciadas na realização de nossa pesquisa, por se tratar de um tema ao mesmo tempo desafiador e fascinante, a sexualidade humana, e principalmente pelo que a escola representa para nós, mais do que considerações conclusivas, permitimo-nos algumas reflexões ao finalizarmos este trabalho. Utilizamos as palavras de Gadotti (2007, p. 11 e 12), que, segundo ele, foram motivadas pela lembrança dos dez anos de morte do educador Paulo Freire.

é na escola que passamos os melhores anos de nossas vidas, quando crianças e jovens. A escola é um lugar bonito, um lugar cheio de vida, seja ela uma escola com todas as condições de trabalho, seja ela uma escola onde falta tudo. Mesmo faltando tudo, nela existe o essencial: gente. Professores e alunos, funcionários, diretores. Todos tentando fazer o que lhes parece melhor, Nem sempre eles têm êxito, mas estão sempre tentando (...) A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar

e pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais, como instituição social ela tem contribuído tanto para a manutenção quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo. A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o outro, discutir, fazer política. Deve gerar insatisfação com o já dito, o já sabido, o já estabelecido. (...) A escola não é só um espaço físico. É, acima de tudo, um modo de ser, de ver. Ela se define pelas relações sociais que desenvolve...

Trabalhar com sexualidade na escola, não envolve somente questões relativas à adequação de currículo, às diferentes abordagens de sexualidade e a formação de professores para lidar com esse tema, embora estes sejam considerados grandes desafios para o desenvolvimento do trabalho, envolve também a necessidade de uma busca constante de superação dos estereótipos e de todas as formas de preconceito e ainda, a necessidade de se conhecer melhor as aspirações e opiniões dos alunos com os quais lidamos no cotidiano escolar.

Ao apresentarmos neste trabalho os diferentes olhares sobre a sexualidade na escola, o olhar dos alunos, o olhar dos professores e dos diversos autores nele citados, pretendemos mostrar a necessidade do debate na comunidade escolar, para que ela possa ser motivadora e geradora de novas atitudes e práticas frente a esta temática, atitudes e práticas que contribuam para as mudanças que a educação sexual necessita.

## REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda. KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ALVES, Rubem. *O desejo de ensinar e a arte de aprender*. São Paulo: Editora Modelo, 2007.

ARATANGY, Lídia R.. *Sexualidade: A difícil arte do encontro*. São Paulo: Ática, 1998.

ARROYO, Miguel A formação, direito dos profissionais da educação escolar. IN: *Política de Capacitação dos profissionais da educação*. Belo Horizonte: FAE, 1989.

BARROSO, Carmem. BRUSCHINI, Cristina. *Educação sexual: debate aberto*. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. *Sexo e Juventude: Um programa educacional*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas transversais – Orientação Sexual*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. *Saúde na escola – textos de apoio*. Ministério da Saúde. Brasília, 2002.

CARIDADE, Amparo. *Sexualidade: corpo e metáfora*. São Paulo: Iglu, 1997.

CATONNÉ, Jean-Philippe. *A sexualidade, ontem e hoje*. São Paulo: Cortez, 2001.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. São Paulo: Cia Editora nacional, 2005.

CRESTON, Álvaro. *Sexualidade adolescente e construção do conhecimento*. Juiz de Fora: Edições Feme, 2000.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro: ANPED v.24, 2003.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELARGE, Bernadette. *A vida e o amor*. São Paulo: Editora Rideel. s.d.

FERRARI, Anderson. A modernidade como nossa herança educacional. *Revista Instrumento*. Juiz de Fora, v. 5, n. 1, p. 11 – 27, julho de 2003.

FIGUEIRÓ, Mary Neide. Ações contra homofobia em projetos de formação continuada de educadores. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, v.18, n. 2, p. 455 – 470, jul – dez., 2007.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Grall, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Sigmund. *Edições Standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FURLANI, Jimena. *Mitos e tabus da sexualidade humana*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

\_\_\_\_\_. *O bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – UFRGS. Porto Alegre, 2005.

GADOTTI, Moacir. *A escola e o professor. Paulo Freire e a paixão de ensinar*. São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GATTI, Bernadete. *Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Liber Livro, 2005.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, Miriam. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

*GUIA de orientação sexual. diretrizes e metodologias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

GUIMARÃES, Isaura R. F.. *Educação sexual na escola: mito e realidade*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.

KALINA, Eduardo. GRYNBERG, Halina. *Aos pais de adolescentes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

LAPLANCHE. PONTALIS. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LEITE, R. O médico como promotor da saúde. *Revista IBRRASH*, Ano I, v. 4, n.12, junho/1991.

LORENCINI Jr, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. IN: AQUINO, Júlio G. (Org). *Sexualidade na escola: Alternativas teórico-práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Sexualidade: Lições de escola. IN: MEYER, Dagmar (Org). *Saúde e sexualidade na escola*. Cadernos Educação Básica 4. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. (Org). *O corpo educado*. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MEIRELLES, João Alfredo Boni. Os Ets e a gorila: um olhar sobre a sexualidade, a família e a escola. IN: AQUINO, Júlio G. (Org) *Sexualidade na Escola: Alternativas teórico-práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

MONTEIRO, Roberto A.. *Fazendo e aprendendo pesquisa qualitativa em educação*. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 1998.

MOREIRA, A. F.. A crítica da teoria curricular crítica. IN: COSTA, Marisa Vorraber (Org). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP & A, 1998.

NUNES, César. Sexualidade e educação. Elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. IN: LOMBARDI, J.C. (Org). *Pesquisa em educação*. História, Filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. *Filosofia, Sexualidade e Educação: as relações entre os pressupostos ético-sociais e histórico-culturais presentes nas abordagens institucionais sobre a educação sexual escolar*. 1996. Tese (Doutorado em Educação) UNICAMP. Campinas, 1996.

NUNES, César. SILVA, Edna. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2000.

OLIVEIRA, Dora L.L.C. *Sexualidade na escola pública: limites e possibilidades da educação de professores*. 1994. Dissertação (Mestrado em Educação). UFRGS Porto Alegre, 1994.

OSÓRIO, L. C. *Adolescente hoje*. Porto alegre: Artes Médicas, 1989.

PFROMM NETO, Samuel. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Pioneira, 1976.

PEREIRA, Flávio A. (Org). *Moderna Enciclopédia Sexual – Amor e Matrimônio*. São Paulo: Libra Editorial, 1971.

PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. São Paulo: Editora Siciliano, 1996.

REGO, José Lins. *Menino de Engenho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 85ª edição, 2003.

RIBEIRO, Marcos. REIS, Wagner. Educação sexual: o trabalho com crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, v .18, n. 2, p. 375 – 386, jul – dez., 2007.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. *Educação sexual além da informação*. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. REIS, Giselle Volpato dos, A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. IN: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org). *Sexualidade e educação: aproximações necessárias*. São Paulo: Artes & Ciências, 2004.

SAYÃO, Yara. Orientação Sexual na Escola: Os territórios possíveis e necessários. IN: AQUINO, Júlio G. (Org). *Sexualidade na escola: Alternativas teórico-práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

SEFFNER, Fernando. AIDS & Escola. IN: MEYER, Dagmar (Org). *Saúde e sexualidade na escola*. Cadernos Educação Básica 4. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SILVA, E. A. *Medicina e sexualidade humana*. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). FE/PUC. Campinas, 1997.

SILVA, Regina Célia Pinheiro da. *Pesquisas sobre formação de professores / educadores para abordagem da educação sexual na escola*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação). Unicamp. Campinas, 2004.

SOUZA, Maria Cecília C. C.. Sexo é coisa natural. IN: AQUINO, Júlio G. (Org). *Sexualidade na escola: Alternativas teórico-práticas*. São Paulo: Summus, 1997.

TIBA, Içami. *Puberdade e adolescência: Desenvolvimento biopsicossocial*. São Paulo: Ágora, 1986.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 2007.

VALLADARES, Kátia. *Sexualidade: Professor que cala nem sempre consente*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

VERARDO, Maria Terezinha Vieira. *A Sexualidade educada*. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação). Unicamp. Campinas, 1989.

VIDAL, Diana G. Educação Sexual: produção de identidades de gênero na década de 1930. IN: SOUZA, Cynthia (Org). *História da Educação*. Processos, Práticas e Saberes. São Paulo: Escrituras, 1998.

VITIELLO, Nelson. *Sexualidade: quem educa o educador*. São Paulo: Iglu, 1997.

\_\_\_\_\_. A educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. São Paulo, v.6, n 1, p. 15 – 28, jan. – jun., 1995.

## **ANEXOS**

**Modelo I**

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**ASSUNTO PESQUISADO:** “ESCOLA E SEXUALIDADE – DIFERENTES CONCEPÇÕES, MUITOS DESAFIOS”

**MESTRANDA:** **Eliana Fátima de Almeida Reis**

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Dra Mary Rangel

Caros/as colegas,

Ao responder este questionário, você estará contribuindo com a nossa pesquisa sobre os desafios do trabalho com sexualidade na escola. Agradecemos antecipadamente por dividir suas opiniões conosco.

Nome do professor/a: \_\_\_\_\_

Disciplina que leciona: \_\_\_\_\_

10) Você julga necessária a orientação sexual na escola?

( ) Sim                      ( ) Não

11) Você conhece a abordagem da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental?

( ) Sim                      ( ) Não

12) Sua escola desenvolve algum programa específico de orientação sexual?

( ) Sim                      ( ) Não

13) Você consegue desenvolver esse tema em sua disciplina?

( ) Sim                      ( ) Não

Como? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

14) Você se sente à vontade para tratar questões ligadas à sexualidade com seus alunos?

Sim                       Não

15) Você recebeu orientação sexual na escola?

Sim                       Não

Caso sua resposta tenha sido positiva, foi importante para você?

Sim                       Não

16) Quais são, na sua opinião, as maiores dificuldades para se desenvolver um trabalho de orientação sexual na escola?

---

---

---

17) Ao ser trabalhada na escola, a orientação sexual deveria se preocupar mais com (se necessário pode marcar mais de uma alternativa):

- Mitos e tabus acerca da sexualidade humana;
- Informação sobre DST/AIDS e métodos anticoncepcionais;
- Descrição da fisiologia masculina e feminina e reprodução humana;
- Discussão acerca dos valores morais, religiosos, éticos vigentes em nossa sociedade;
- Assuntos de interesse dos alunos, sempre trazidos por eles;
- Integrar informação e experiências dos alunos;
- Outro. Especificar:

---

---

---

---

18) Quem você acha que é o profissional mais indicado para trabalhar com a temática sexualidade dentro da escola? Por quê?

---

---

---

---

19) Quais os maiores desafios do trabalho com orientação sexual na escola hoje?

- Despreparo dos professores;
- Famílias ausentes;
- Influência da religião;
- Sentimento de auto-suficiência dos jovens, que acham que sabem tudo;
- Dificuldade de conciliar a matéria com esse assunto;
- Insegurança dos professores diante das reações e perguntas dos alunos;
- Falta de tempo exclusivo para desenvolvimento de tais projetos;
- Diversidade de opiniões e interesses dos alunos tornariam o trabalho muito longo;
- Contemplar outras formas de manifestações e interesses sexuais existentes na escola e que muitas vezes são silenciadas;
- Outros.

---

---

---

Juiz de Fora, 12 de abril de 2008

---

Assinatura do/a professor/a

## Modelo II

### UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**ASSUNTO PESQUISADO:** “ESCOLA E SEXUALIDADE – DIFERENTES CONCEPÇÕES E DESAFIOS

**MESTRANDA:** ELIANA FÁTIMA DE ALMEIDA REIS

**ORIENTADORA:** PROF<sup>a</sup> DRA MARY RANGEL

Caro/a aluno/a,

Ao responder estas perguntas, você estará contribuindo com a nossa pesquisa sobre Escola e Sexualidade. Agradecemos antecipadamente por dividir suas opiniões conosco e nos comprometemos a não revelar sua identidade, por isso pedimos que não assine este questionário.

Um grande abraço!

1) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

11) Idade:

( ) entre 11 e 13 anos

( ) entre 14 e 16 anos

( ) 17 anos ou mais

12) Sua escola tem algum programa de Orientação Sexual?

( ) Sim ( ) Não

13) Você acha importante ter orientação sexual na escola?

( ) Sim ( ) Não

14) Você se sente à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade?

( ) Sim ( ) Não

15) Com quem você conversa sobre sexualidade?

- Pais
- Irmãos
- Outros familiares
- Pessoas de sua Igreja
- Namorado(a)
- Professores
- Outros: \_\_\_\_\_

16) Além de conversar, como você se informa sobre questões relativas à sexualidade?

- Jornais                       Livros
- Revistas                       Programas de TV
- Igreja                           Filmes
- Outros: \_\_\_\_\_

17) Você acha que a informação que você tem sobre sexualidade é:

- Pouca
- Muita
- Nenhuma
- Suficiente

18) Que opiniões você leva mais em conta ao tomar decisões sobre seu comportamento sexual?

- dos amigos
- da família
- do(a) namorado(a)
- de pessoas de sua Igreja
- dos meios de comunicação
- de professores
- Outros: \_\_\_\_\_

19) Marque, entre os assuntos abaixo relacionados, aqueles em que você tem mais dúvidas ou que gostaria de conversar mais sobre eles com alguém:

( ) Gravidez

( ) Métodos anticoncepcionais

( ) AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis

( ) Uso de camisinha

( ) Transformações que ocorrem no corpo do(a) adolescente

( ) Aborto

( ) Masturbação

( ) Homossexualidade

( ) Violência sexual

( ) Outros: \_\_\_\_\_

Juiz de Fora

Abril/2008

## CONSENTIMENTO INFORMADO I

Eu, \_\_\_\_\_,  
professor/a da Escola Municipal \_\_\_\_\_, autorizo a  
mestranda Eliana Fátima de Almeida Reis a utilizar as respostas do questionário  
sobre Educação Sexual na escola por mim respondido e declaro estar ciente de que  
os dados coletados serão utilizados como elementos de análise para a dissertação  
de mestrado realizada pela estudante no Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal Fluminense, assim como podem ser usados  
também em futuros trabalhos acadêmicos.

Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, ser-lhe-ão atribuídos  
pseudônimos na redação do relatório final da pesquisa e em qualquer outro trabalho  
no qual sejam utilizados esses dados.

Juiz de Fora, 12 de abril de 2008

---

Assinatura do/a professor/a

## CONSENTIMENTO INFORMADO II

Eu, \_\_\_\_\_, diretora da Escola Municipal \_\_\_\_\_, autorizo a mestrandia Eliana Fátima de Almeida Reis, a aplicar um questionário sobre Educação Sexual na escola aos professores e alunos que concordarem em colaborar. Declaro estar ciente de que os dados coletados serão utilizados como elementos de análise para a dissertação de mestrado realizada pela estudante no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF-RJ), assim como podem ser usados também em futuros trabalhos acadêmicos.

Para garantir o anonimato dos sujeitos da pesquisa, serão atribuídos pseudônimos na redação do relatório final da pesquisa e em qualquer outro trabalho no qual sejam utilizados esses dados. O nome desta escola também será resguardado. A referida mestrandia apresentou documentação comprobatória de sua pesquisa e pedido de autorização para sua realização, emitido pela UFF-RJ.

Juiz de Fora, 12 de Abril de 2008

---

Assinatura e carimbo da diretora

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)